

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Amanda Mont'Alvão Veloso Rabelo

**Inconsistências no dizer:
Contradição e Psicanálise**

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

**São Paulo
2020**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Amanda Mont'Alvão Veloso Rabelo

**Inconsistências no dizer:
Contradição e Psicanálise**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-DeVitto.

**São Paulo
2020**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.

São Paulo, ____ de _____ de 2020.

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

114 Rabelo, Amanda Mont'Alvão Veloso
Inconsistências no dizer: Contradição e
Psicanálise / Amanda Mont'Alvão Veloso Rabelo. --
São Paulo: [s.n.], 2020.
144p ; 30 cm.

Orientador: Maria Francisca de Andrade Ferreira
Lier-DeVitto.

Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da
Linguagem.

1. Contradição na Psicanálise. 2. Inconsciente e
linguagem. 3. Lógica clássica e contradição. 4.
Inconsistências na fala. I. Lier-DeVitto, Maria
Francisca de Andrade Ferreira. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e
Estudos da Linguagem. III. Título.

CDD

Amanda Mont'Alvão Veloso Rabelo

Inconsistências no dizer: Contradição e Psicanálise

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Francisca de Andrade Ferreira Lier-DeVitto.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Francisca de Andrade
Ferreira Lier-DeVitto (orientadora)

Prof. Dr. Pedro Heliodoro de Moraes Branco
Tavares (UFSC)

Profa. Dra. Lúcia Maria Guimarães Arantes
(PUC-SP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 (Processo nº 88887.200943/2018-00).

Agradeço à PUC-SP pelo apoio financeiro.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é devedor das preciosas relações que eu afortunadamente tive a chance de tecer.

À professora Maria Francisca Lier-DeVitto, que acolheu minhas questões e, com muita generosidade e confiança, me estimulou a transformá-las em um objeto de pesquisa. Sua orientação carinhosa, precisa e comprometida com a transmissão da Psicanálise foi fundamental para que eu me aventurasse nas leituras e pudesse conviver com as angústias derivadas de meu notório não-saber. Seu entusiasmo, dedicação e gentileza ficam para a vida.

À PUC-SP, ao Departamento de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (especialmente professores Zuleica Camargo e Tony Sardinha) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela oportunidade de investir no ensino superior brasileiro, apostar na produção de perguntas e desfrutar de um ambiente pautado pelo conhecimento.

A ideia de onde brota este trabalho foi dividida com minha querida amiga e colega psicanalista Eliane De Christo, que então inspirou-me a transformá-la em uma pesquisa e, com a grandeza de quem constrói pontes por onde passa, me conectou à professora Francisca, ao programa de mestrado e doutorado do LAEL e às incríveis pessoas dali. Eliane enlaça as pessoas com suas palavras e atitudes.

Sou muito grata à professora Lúcia Arantes, que me agraciou com uma leitura criteriosa na qualificação e com apontamentos durante todo o meu percurso. Em suas aulas, fui capturada pelo encanto com que transmite os trabalhos feitos pela linha de *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. É inspirador perceber os efeitos revolucionários da escuta e do respeito à singularidade.

Gratidão também às minhas amigas e colegas de linha, cuja leveza, alegria e solidariedade fazem um belo e decisivo contraste com o duro trabalho que uma pesquisa envolve. Com suas leituras atenciosas, recebi contribuições inestimáveis. Que privilégio aprender com um grupo tão rico e multidisciplinar, formado por Ana Augusta Monteiro, Adriana Fontes, Ana Carolina Prisco, Ana Paula Pacheco, Brenda Sousa, Camila Puertas, Christiane Bonasorte, Cibele Oliveira, Cláudia Serqueira, Eliane De Christo, Fernanda Fudissaku, Flávia Andrade, Katerine Vitoriano, Laura

Landi, Luzia Alves, Juliana Galli, Mariana Passos, Mariana Trenche, Paola Lurian, Sabrina Santos, Sofia Lieber, Stephany Christie e Vivian Vigar.

Aos aprendizados trazidos pelas professoras Sandra Madureira, Angela Lessa e pelos colegas das disciplinas de Expressividade da Fala e Linguística Aplicada, especialmente, Grassinete de Albuquerque de Oliveira.

À querida Maria Lúcia dos Reis e também à Secretaria de Teses por toda a ajuda nos processos que permitiram o início e a conclusão do mestrado.

Meus agradecimentos ao professor Pedro Heliodoro Tavares, que gentilmente respondeu às minhas questões no começo deste percurso e aceitou compor a banca examinadora de meu trabalho. Minha gratidão também a Glória Monteiro de Carvalho e Oscar Cesarotto, que me presentearam com suas leituras e ensinamentos.

A Carmen Silvia Cervelatti e Rita Bicego Vogelaar, por darem espaço e respeito às minhas contradições em minha análise e nas supervisões.

Esta dissertação é também herdeira das trocas e aprendizados com psicanalistas a quem muito admiro. Agradeço aos amigos, professores e colegas com quem posso partilhar o contínuo percurso da Psicanálise.

Aos amigos e colegas que fiz no CEP (Centro de Estudos Psicanalíticos), ambiente de pluralidade e estímulo ao aperfeiçoamento da escuta. Agradeço também à Marisa Belém e ao muito querido grupo de estudos de Lacan.

A Diego Iraheta, Antonio Gonçalves Filho e Fabiane Secches pela oportunidade de escrever e refletir sobre as contradições humanas.

Aos analisandos, que generosamente confiam a mim suas contradições.

Aos meus amigos, coautores de minhas conquistas e acolhedores de meus tropeços.

A Olga, Márcio, Nara e Vítor pela acolhida carinhosa.

A Valentina, William, Catharina, Rebeca e Luca pelo encantamento.

À minha mãe, Maria; meu pai, Paulo; meu irmão, João Paulo, e minha cunhada, Rosiane: todo e qualquer passo dado aqui só foi possível pelo amor, carinho e confiança de vocês. Estão presentes em cada linha de minha história.

Ao Vinicius, meu companheiro de vida, de música e de “horinhas de descuido”, obrigada por todo o incentivo e pelas mãos dadas em cada desafio.

RESUMO

A escuta na clínica psicanalítica e nas interações sociais não cessa de assinalar a vigência espontânea de contradições nos dizeres, em contraste com a justificável tendência à superação ou eliminação das expressões contraditórias em esferas que respondem a premissas filosóficas que amparam e se amparam na força da razão e, portanto, não admitem inconsistências. Esta dissertação busca discutir e teorizar sobre o valor das contradições para a Psicanálise por meio de suas ocorrências na teoria freudiana e da aceitação de que o sujeito é regido por seu inconsciente, ou seja, essencialmente dividido. Nesta direção, este trabalho se desenvolve em uma introdução seguida por quatro capítulos. No primeiro, situo as investigações sobre tropeços na fala realizadas no seio da linha de Aquisição, patologias e clínica de linguagem, conforme proposta por Lier-DeVitto, de onde extraí um inspirador ponto de partida para teorizar o problema da contradição. No capítulo seguinte, abordo a tradicional regência da lógica aristotélica no pensamento ocidental e o lugar de inadmissibilidade reservado às contradições; é dentro desta intocável herança que salta a novidade do filósofo, lógico e matemático brasileiro Newton da Costa ao propor uma lógica que aceita e acomoda contradições. No terceiro capítulo, exponho a ruptura efetuada por Sigmund Freud e a Psicanálise sobre o discurso da razão ao inaugurar um funcionamento humano determinado pela lógica do inconsciente e que comporta o jogo das contradições. O capítulo final traz a significativa ocorrência do tema da contradição no construto teórico de Freud e as implicações desta questão na caracterização que ele faz do sujeito e de seu funcionamento psíquico.

Palavras-chave: Contradição na Psicanálise; Inconsciente e linguagem; Lógica clássica e contradição; Inconsistências na fala; Áreas da fala

ABSTRACT

Listening in psychoanalytic practice and social interactions does not cease to point out the spontaneous existence of contradictions in speech, in contrast to the justifiable tendency to overcome or eliminate contradictory expressions in spheres that respond to philosophical premises that support and are supported by the force of reason and therefore do not admit inconsistencies in communication. This dissertation seeks to discuss and theorize about the value of contradictions for Psychoanalysis through its occurrences in Freudian theory and the sense that the subject is governed by his unconscious, that is, human beings are definitely split by the unconscious. In this direction, this study comprehends an introduction followed by four chapters. In the first chapter, I place the investigations on speech inconsistencies carried out within the line of Acquisition, Pathologies and Language Clinic, as proposed and developed by Lier-DeVitto, from which I extracted an inspiring starting point to theorize the problem of contradiction. In the next chapter, I address the traditional rule of Aristotelian logic in Western thought and the inadmissibility emplacement reserved for contradictions; it is within this untouchable heritage that the novelty of the Brazilian philosopher, logician and mathematician Newton da Costa stands out when proposing a logic that accepts and accommodates contradictions. In the third chapter, I expose the disruption made by Sigmund Freud and Psychoanalysis on the discourse of reason when inaugurating a human functioning caused by the unconscious and therefore accepts contradictions. The final chapter presents the significant occurrence of the theme of contradiction in Freud's theoretical construct and the implications of this issue for his characterization of the subject and his psychic functioning.

Keywords: Contradiction in Psychoanalysis; The unconscious and language; Classic Logic and contradiction; Speech inconsistencies; Speech Areas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tabela de ocorrências da contradição na obra de Freud

99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A contradição escutada na clínica	17
1.2 O desconhecimento de si como premissa	19
1.3 Um terreno teórico para as contradições	24
2 DOS TROPEÇOS DO SUJEITO À COSTURA DE UMA TEORIA	29
2.1 A linguagem como estruturação	32
2.2 A Clínica de Linguagem e os embaraços sintomáticos	38
3 A CONTRADIÇÃO E A VERDADE	43
3.1 Contradição e lógica	47
3.2 Do dogma à modernização	51
3.3 O advento das lógicas não-clássicas	54
4 O INCONSCIENTE E A CONTRADIÇÃO	64
4.1 Os arranjos entre as pulsões	68
4.2 O recalque, alicerce do inconsciente	73
4.3 Os sistemas do aparelho psíquico	80
4.4 Os sonhos e as contradições	84
4.5 Um aparelho com forças contraditórias	90
4.6 A segunda tópica do aparelho psíquico	94
5 A CONTRADIÇÃO E A SUBJETIVIDADE	98
5.1 A contradição e a validação da novidade freudiana	116
5.2 O horror das entranhas em “O infamiliar”	124
5.3 As massas e a contradição	126
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	132

1 INTRODUÇÃO

Em 26 de abril eu lhe pergunto por que fala sempre de seus filhos.

Hans: Por quê? Porque eu quero muito ter filhos, mas não desejo nunca isso, não quero ter eles.

(Hans em conversa com o pai)¹

Definitivamente, estou protegido pelas minhas contradições. E é por elas que está garantida a minha democraticidade! E vocês não poderão nunca debater as questões que me interessam como se eu fosse uma autoridade, exatamente pela presença das minhas contradições escandalosas, e pelas quais, primeiro, eu fico em uma situação embaraçosa.

(Pier Paolo Pasolini, 1964)²

Se para o escritor, poeta, jornalista e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, notório por filmes como o controverso *Salò ou os 120 dias de Sodoma*, as contradições guardam-lhe um lugar de proteção, para muitas pessoas elas são interpretadas como indícios de vulnerabilidade e incoerência, revelando sobre o sujeito algo que escapa à lógica e que o coloca em uma posição de incerteza. Desconcertantemente, uma posição de quem não sabe sobre si.

¹ “Análise da fobia de um garoto de cinco anos: ‘O pequeno Hans’” (FREUD, 2015, p.225).

² Crônica “Quem pode se escandalizar”, publicada em 15 de outubro de 1964 na revista italiana *Vie Nuove*. A tradução foi feita por Buaes (2009, p.183) em trabalho sobre as crônicas jornalísticas que Pier Paolo Pasolini escreveu entre 1960 e 1965.

O cineasta contestador da opressão que se vê assombrado pela figura de Deus; o visionário que buscou conectar as pessoas, mas que atraiu a solidão para si; a revolucionária avessa às regras mas devotada a um homem; o intelectual progressista libertário nas ideias e conservador na intimidade. Como nos lembra Pasolini, perde-se certa autoridade quando a contradição deixa cair o inesperado de cada um. Ganha-se reconhecimento da subjetividade, porém.

Por também possuir formação e experiência no jornalismo, área em que trabalhei como repórter e editora-assistente por pelo menos 10 anos antes de me dedicar integralmente à Psicanálise, vivenciei o posicionamento da contradição como aquilo que deveria estar à margem do sujeito, como um "resto" que o desfavorecia. Em uma investigação, fosse administrativa, criminal ou cível, o relato contraditório proferido pela pessoa envolvida culminava na suspensão de sua credibilidade, instalando uma rachadura perceptível em seu discurso. A contradição em si se tornava notícia, de modo a qualificar seu falante.

Tomemos a seguinte ocorrência contemporânea, recortada de um veículo noticioso. Em reportagem sobre o conflito político na Venezuela, o portal Exame (EFE, 2019) ressaltou, no título da matéria, a inequivalência entre duas falas do líder opositor Juan Guaidó de forma a evidenciar que **apenas uma das afirmações poderia ser possível**. A manchete *"Guaidó se contradiz sobre entrega de ajuda humanitária na Venezuela"* é imediatamente sucedida pela linha-fina *"Líder opositor afirmou que entrega começará em 23 de fevereiro, mas na segunda (11), presidente autodeclarado havia confirmado entrada de primeira carga"*. Desta forma temos que **ou** a entrega já foi realizada **ou** trata-se de uma entrega futura. O texto decorrente dessas chamadas e apresentado nos parágrafos da notícia circula os efeitos da contradição de Guaidó.

As situações seguintes também assinalam o inadmissível da contradição em determinados contextos das relações sociais. No âmbito jurídico, por exemplo, destaco trecho de um recurso judicial publicado no site do Tribunal Regional do Trabalho da 12ª Região, de Florianópolis (SC), assim registrado:

Ademais, **os argumentos da ré contradizem o que se evidencia do contexto fático probatório dos autos**, uma vez que as faltas e descontos nos contracheques não aparecem no período entre 16/02 e 15/03/2016, bem como na primeira semana de labor, quando há horas negativas, sem a respectiva dedução. (JUSBRASIL, 2018, grifo meu).

O depoimento de uma das partes envolvidas em um processo trabalhista (no caso, a ré) pretendeu demonstrar a veracidade de fatos envolvendo as horas trabalhadas, mas as demais provas apontavam para um sentido diverso. Deste acontecimento resultou uma hipótese de deficiência probatória – uma espécie de desqualificação jurídica da versão apresentada.

Ainda no contexto da Justiça, é interessante observar a instituição de uma proibição de comportamentos contraditórios, em norma conhecida como *venire contra factum proprium* (MACHADO, 2017). Tal princípio visa à coerência das partes envolvidas em um litígio. Nas palavras de Dantas Júnior:

A expressão *venire contra factum proprium* poderia ser vertida para o vernáculo em tradução que se apresentaria em algo do tipo "vir contra seus próprios atos" ou "comportar-se contra seus próprios atos"; pode ser apontada, em uma primeira aproximação, como sendo abrangente das hipóteses nas quais uma mesma pessoa, em momentos distintos, adota dois comportamentos, sendo que o segundo deles surpreende o outro sujeito, por ser completamente diferente daquilo que se poderia razoavelmente esperar, em virtude do primeiro (DANTAS JÚNIOR³, 2007, p. 291, *apud* PRETEL, 2009).

A situação demonstrada permite-nos compreender que o comportamento coerente – ou não contraditório – é exigido nas relações jurídicas como um todo, justamente para evitar que desaguem em um litígio processual.

Outro exemplo do efeito desfavorável da contradição pode ser encontrado na linguística textual, em que elementos contraditórios precisam ser eliminados para não prejudicar o entendimento do sentido de um texto. A partir da análise de redações de alunos dos ensinos fundamental e médio, o linguista francês Michel Charolles⁴ (1978 *apud* VAL, 2006) definiu quatro requisitos cruciais para a produção de um texto coerente e coeso: repetição, progressão, não-contradição e relação. A não-contradição deve ser observada tanto no âmbito interno do texto quanto nas relações que o escrito tece com o mundo a que se refere, assim como no plano conceitual (da coerência) e no plano da expressão (da coesão).

O texto precisa, em primeiro lugar, respeitar princípios lógicos elementares. Não pode, por exemplo, afirmar A e o contrário de A. Suas ocorrências não

³ DANTAS JÚNIOR, A. R. Teoria dos atos próprios no princípio da boa-fé. Curitiba: Juruá, 2007 *apud* PRETEL, 2009.

⁴ CHAROLLES, M. Introduction aux problèmes de la coherence des textes, Langue Française. Paris, Larousse, vol. 38, pp.7-41, mai. 1978 *apud* VAL, 2006, pp.21-27.

podem se contradizer, têm que ser compatíveis entre si, não só no que trazem explícito como também no que delas se pode concluir por pressuposição ou inferência (VAL, 2006, p.25).

Sobre os pressupostos linguísticos descritos acima opera, por exemplo, a correção das redações feitas por estudantes em processos seletivos. Uma composição redigida em 2010 (JUVENTUDE, 201-) traz a sentença “Muita conscientização e formação de cultura digna são formulas [fórmulas] para nossos jovens consumir [consumirem] tanto álcool [álcool]”. O parecer da banca considerou que a construção da frase possivelmente foi equivocada por estar “completamente contraditória, incoerente: conscientização e cultura são a fórmula para o jovem consumir álcool?”.

Ademais, esclarece Val (2006, p.25), um texto referente ao mundo real não pode abrir mão dos requisitos básicos que integram a maneira comum de pensar este mundo: "as causas têm efeitos; os objetos têm identidade, peso e massa; dois corpos não podem ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo lugar no espaço etc".

A emergência de contradições nos variados contextos apresentados acima tende a apontar para um desencontro entre o falante e a intenção de fala, o que denota uma ausência de domínio sobre o que se diz. Não um desencontro sem repercussões, mas um que depõe contra o próprio sujeito, na medida em que suspende a esperada veracidade de sua verbalização. As falas, escritas e posturas contraditórias resultam, desta forma, em um descarte da credibilidade daquele que se contradisse. Como pontua Uyeno em estudo sobre o discurso do professor de línguas,

no uso cotidiano, costuma-se tomar o termo "contraditório" também como sinônimo de ilógico, aplicando-se a ações, comportamentos e situações em geral, no sentido de tudo o que seja descabido, inaceitável (UYENO, 2002, p. 114).

São vários os registros semânticos do “inaceitável” que é a contradição. Lexicologicamente, há pelo menos seis definições do referido verbete, expostas abaixo:

1. Ato ou efeito de contradizer(-se); afirmação em contrário do que foi dito.
2. Incoerência entre afirmações atuais e anteriores, entre palavras e ações; antinomia, discrepância, incongruência.
3. Oposição entre duas proposições, das quais uma exclui necessariamente a outra.

4. Relação existente entre a afirmação e a negação de um mesmo elemento de conhecimento.
5. Afirmação e negação que não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo: A teoria dele tem contradições que a invalidam por completo.
6. Jur. Nos depoimentos de testemunhas, discordância que se verifica quando uma pessoa faz afirmações que se contradizem entre si. (CONTRADIÇÃO, 2015).

No léxico, a impossibilidade de afirmar e afirmar o contrário ao mesmo tempo aparece em falas, atos, teorias e discursos. Não à toa, nas relações pessoais e profissionais encontramos a contradição sob a pecha de fenômeno negativo ao “evidenciar uma inverdade ou fazer pressupor incapacidade do locutor de assumir uma determinada posição” (UYENO, 2002, p. 114), seja na comparação entre falas ou entre palavras e ações. Entretanto, originariamente, o interesse por esta ocorrência era restrito às atividades do raciocínio e da linguagem; especificamente, à matemática e à retórica, segundo Omnès (1996).

É da lógica clássica fundada pela tradição metafísica grega que advém a superação da contradição como um princípio para se chegar à verdade e ao conhecimento. O primeiro e principal defensor do princípio da não-contradição é Aristóteles (384/383 A. C. – 322 A. C.), no livro *Gama da Metafísica*, onde afirma que é impossível que uma proposição seja verdadeira se, e quando, ela se contradiz a si mesmo. O filósofo brasileiro Carlos Cirne-Lima, que dedicou um livro ao problema das contradições, realça o aspecto de comprometimento da verdade:

Alguém se contradiz quando diz algo determinado mas simultaneamente se desdiz, afirmando a verdade do contrário. **Contradição é afirmar simultaneamente a verdade de "p" e de "não p"**. O "p" exclui a afirmação da verdade de "não p". Uma antiga formulação da Lógica diz: duas proposições contraditoriamente opostas não podem ser simultaneamente verdadeiras, nem simultaneamente falsas. Se uma é verdadeira, a outra necessariamente é falsa. (CIRNE-LIMA, 1996, p.16, grifo meu).

Segundo este princípio, não é possível, portanto, manter duas afirmações que se contradizem; uma deve prevalecer e destituir a outra de validade. Nestes termos, circulei, nas páginas anteriores, a contradição nas esferas linguística, jurídica e jornalística, todas herdeiras da tradição filosófica.

Embora conceitualmente declarada como um impedimento à verdade, a contradição não deixa de existir: se faz persistente no trato social e é reverberada na cultura. Suas ocorrências resultam inclusive em caracterizações pessoais, como

esta que é oferecida por Betsy ao personagem Travis, vivido por Robert de Niro no filme “Taxi Driver” (1976):

- Sabe do que você me lembra?
- Do quê?
- Daquela música... do Kris Kristofferson: “Ele é um profeta, profeta e traficante, parte verdade, parte ficção, uma contradição ambulante.” Você é isso.
- Não sou traficante, Betsy. Nunca fiz isso.
- Não quis dizer isso, Travis. Eu me referia apenas à parte da contradição.

As contradições estão expressivamente presentes no dia a dia e têm ocorrência indistinta – **contradizer-se, em algum nível, é algo a que todos somos suscetíveis**. Uma afirmação generalizante como esta, porém, demanda embasamento teórico, o que é possível graças a um dos mais destacados pensadores do século 20, como veremos a seguir.

Já habituada às minhas autorais incoerências constatadas na análise pessoal e às incongruências recolhidas na atividade psicanalítica em consultório, interessei-me pela compartimentação esperada do sujeito perante suas contradições: *ali* elas são toleradas; *aqui*, nas demais interações, não.

Com frequência, pois, atestamos ou denunciemos, como humanos, a existência delas, seja via discurso ou atitudes. Testemunhamos, em nossas relações, que a contradição não pode ser apartada de nossa condição de seres falantes. Uma vez assumida na empiria dos dias, há alguma teorização, via linguagem, que dê conta de sua realidade? O que faz com que alguém diga algo e simultaneamente afirme o contrário disso? E o que poderia sustentar estas contrariedades como legítimas e simultaneamente verdadeiras? Surgia, então, uma busca teórica para os registros clínicos e cotidianos, uma tentativa de “reconciliação” do sujeito com a contradição que lhe dá humanidade.

Esta pesquisa toma por questão central as contradições proferidas pelos analisandos⁵ no ambiente da clínica psicanalítica e que são rejeitadas pelo próprio

⁵ Lacan propõe o termo *analisando* para as pessoas em terapia. O gerúndio da palavra implica que o trabalho de analisar é feito por aquele que fala, e não pelo analista. Ainda sobre nomenclaturas no setting, é interessante notar a recusa do psicanalista norte-americano Bruce Fink (2018), tradutor de obras de Lacan, em usar o termo “cliente” ao se referir aos pacientes. “Ser ‘cliente’ sugere que alguém é consumidor, que sabe exatamente o que está pedindo e o que vai receber – o que, com certeza, não se aplica a nenhum tipo de situação real de terapia.” No trabalho de uma análise, o analista “contorna as demandas do paciente, frustra-as, e, em última instância, tenta direcioná-lo para algo que ele nunca pediu.” (*Ibid.*, p.20)

sujeito e pela sociedade nos contextos externos ao consultório, uma vez que denotam, discursivamente, um conflito com a autoimagem gerada pelo imaginário⁶ do paciente, e uma fratura da coerência esperada nas relações. Diferentemente da lógica clássica, que estabelece a exclusão necessária da contradição, para a Psicanálise ela é uma marca de todas as pessoas, dentro ou fora do contexto de uma análise, como afirma Freud na primeira parte das “Conferências introdutórias”, de 1916:

É importante que se comece logo a levar em consideração que a vida psíquica é praça e campo de batalha para tendências opostas, ou, expresso em termos não dinâmicos, ela se compõe de contradições e pares de oposições. Comprovar a presença de determinada tendência não significa excluir outra, oposta a ela: há lugar suficiente para ambas. Tudo depende de como essas oposições se posicionam umas em relação às outras, que efeitos decorrem de uma e de outra. (FREUD, [1916] 2014, pp.103-104).

A partir da escuta clínica e do aporte teórico de Sigmund Freud (1856 – 1939), busco demonstrar como a Psicanálise⁷ fundamenta a coexistência de interesses distintos e antitéticos no inconsciente e, por conseguinte, na linguagem e na subjetividade (Freud [1915b] 2010).

1.1 A contradição escutada na clínica

O trabalho feito na clínica psicanalítica permite uma observação privilegiada das contradições declaradas pelos analisandos, uma vez que, ao serem proferidas, atestam a esperada não-coincidência do sujeito consigo próprio. A experiência a que tenho acesso no consultório, onde atendo adolescentes e adultos, reafirma o reconhecimento destas falas incoerentemente “ruidosas” ditas pelo mesmo sujeito.

Diferentemente dos atos falhos, em que o sujeito não se reconhece na própria fala, nas contradições as afirmações opostas circulam com fluidez e, quando apontadas pela escuta do analista, têm reconhecimento de autoria. Vale a ressalva

⁶ Faço menção aqui ao registro lacaniano do imaginário, que denota a dimensão ilusória do Eu. O entrelaçamento dos três registros da realidade humana – imaginário, simbólico e real – constitui o nó borromeano.

⁷ O foco deste trabalho recai nos textos freudianos, ainda que eu não desconheça a releitura lacaniana deste problema e suas imensuráveis contribuições. Optei por centralizar minha questão no fundador da psicanálise por considerar suficientes, neste momento, suas teorizações.

de que, em algumas das ocasiões, a fala contraditória trouxe uma surpresa automática ao próprio falante, que pensou sobre qual das intenções seria a "mais verdadeira". Porém, não houve necessidade, e certamente não é esta a técnica a ser adotada na clínica, de eleger qual dos dizeres deve ser acolhido como válido e qual deve ser rejeitado. A simultaneidade dos opostos é premissa da subjetividade humana, e nos capítulos desta pesquisa apresento o fundamento teórico para esta afirmação.

Neste momento julgo necessário ressaltar, ainda que de forma breve, uma diferenciação teórica. A afirmação extraída da negação dita em um enunciado, e que constitui a problemática brilhantemente desenvolvida por Freud em "A negação"⁸ ([1925a] 2016), pode parecer uma contradição à primeira vista.

Mas há especificidades significativas. Aquele que fala "o senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe não é" (FREUD, [1925a] 2016, p.305) afirma sobre a presença materna por meio da negação da ideia de que tenha sido ela. No fenômeno da negação (*Verneinung*)⁹, a fala do paciente apresenta uma oposição de ideias que só é obtida mediante interpretação do analista, que escuta o que foi recalcado e dele depura a afirmação. Concordo com Safatle (2014), em análise sobre o referido texto freudiano, quando chama a atenção para a lógica aristotélica da contrariedade¹⁰ que sustenta a *Verneinung*. Nota-se que é uma relação distinta da tecida pelo princípio da não-contradição.

No contexto da clínica psicanalítica, a contradição costuma se apresentar sem estranhamento ou sobressaltos. Ainda assim, é inegável que essas afirmações rompem a coerência esperada no discurso pelo próprio analisando e trazem a fenda entre o que se diz e o que se intencionava sustentar. É também importante ressaltar

⁸ Texto também referido como "A denegação" e "A negativa". Além do ensaio freudiano, remeto os leitores aos comentários de Safatle (2014) e Iannini (2016a), que desenvolvem a questão de maneira rigorosa.

⁹ Como conceitua Freud (2016 [1925a], p.306): "A negação é uma maneira de tomar conhecimento do recalcado; na verdade, é já uma suspensão do recalcamento (*Verdrängung*), mas evidentemente não é uma admissão do recalcado (*Verdrängten*)". Isso porque o processo de suspensão se dá em nível intelectual, e não, afetivo. A negação é também uma forma de os sujeitos poderem lidar com os conflitos inerentes às suas posições desejantes, como lembra Safatle (2014, p.42).

¹⁰ No livro Gama da Metafísica, Aristóteles (Metafísica, livro G, 2, 1004b, 25, *apud* SAFATLE, 2014, p.43) fala da contrariedade: "De duas séries de contrários, uma é a privação da outra", sendo que a negação e a privação são assim distinguidas: "A negação é ausência da coisa em questão, enquanto, na privação, há também, subsistindo em um sujeito, uma natureza particular cuja privação é afirmada" (id., *ibid.*, 1004a, 10, *apud* SAFATLE, 2014, p.43).

a heterogeneidade de tudo aquilo que é escutado na clínica, com seus matizes incidindo inclusive sobre o que é contraditório para cada analisando.

Não cabe a mim contestar, nos exemplos jornalístico, jurídico e textual apontados anteriormente, a não-admissibilidade da contradição, uma vez que ali ela opera sob o discurso da racionalidade e responde, impregnada pela tradição do sujeito epistêmico¹¹ que marca o pensamento ocidental, a pressupostos da lógica clássica. Quero, com este trabalho, refletir sobre o terreno psicanalítico onde a contradição diz do sujeito, enaltece suas nuances e aponta para a divisão que o caracteriza enquanto ser falante. Só é inadmissivelmente contraditório o sujeito de quem se presume coerência, unicidade e racionalidade.

1.2 O desconhecimento de si como premissa

Uma vez que os dados de língua revelam o que há “por baixo” do dizer, as contradições demonstram o rompimento da imagem unificada que o sujeito tem de si, na estátua erguida por seu imaginário, e a existência do inconsciente. É neste ponto que Lacan ([1953] 1998, p.253) demarca a incidência da arte do analista, que consiste em “suspender as certezas do sujeito até que se consumam suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.”

O *(mal)dito* sinaliza um contraponto fundamental entre o que se espera do sujeito – socialmente adaptado, inclusive no discurso – e o que se apresenta enquanto vivência – um ser que habita o desconhecimento de si, expresso pela linguagem, e que portanto não porta a verdade. Interessa à Psicanálise saber exatamente deste sujeito do desejo¹² que o racionalismo recusou, pontua Garcia-Roza. Nas palavras dele:

Contra a unidade do sujeito defendida pelo racionalismo, a psicanálise vai nos apontar um sujeito fendido: aquele que faz uso da palavra e diz ‘eu penso’, ‘eu sou’, e que é identificado por Lacan como sujeito do enunciado (ou sujeito do significado), e aquele outro, sujeito da enunciação (ou sujeito do significante), que se coloca como excêntrico ao sujeito do enunciado. Paralelamente à clivagem da subjetividade em consciente e inconsciente,

¹¹ O sujeito epistêmico é aquele que constrói conhecimento sobre a realidade, sendo conhecido também como *sujeito do conhecimento*.

¹² O desejo, no racionalismo, era considerado uma perturbação da ordem, já que alterava o pensamento e o tornava “inadequado à realidade que pretendia representar” (Garcia-Roza, 1985, p.23).

dá-se uma ruptura entre o enunciado e a enunciação, o que implica admitir-se uma duplicidade de sujeito na mesma pessoa. (Garcia-Roza, 1985, p.23)

Desta forma, o enunciado e a enunciação, que partem de um mesmo sujeito, apontam para direções distintas e irreconciliáveis. O sujeito do enunciado, herdeiro de uma ideia de imagem unificada, supõe portar o controle e a significação daquilo que fala (LACAN, [1960] 1998). Mas quem aparece por meio do tecido da fala é o sujeito da enunciação, dividido, habitante permanente do desconhecimento.

Se na lógica clássica, em que vige o sujeito epistêmico, não há espaço para os erros e contradições, ambos têm manutenção assegurada na lógica do inconsciente¹³. O desencontro consigo mesmo e os conflitos internos são premissas existenciais do sujeito pela definição freudiana (FREUD, [1917] 2014, p.464), que afirma que "nossa vida psíquica é movida por incessantes conflitos, que cabe a nós resolver". Apesar de viver da ilusão de que possui controle do que diz, uma pessoa pode dizer algo e desdizê-lo, e tal possibilidade é sustentada pelas formações do inconsciente, expressas por sonhos, sintomas, atos falhos, chistes e esquecimentos (FREUD; [1900] 2019, [1917] 2014). Nestes espaços, o sujeito experimenta o outro de si.

Ao fazer da escuta o meio de captura das contradições na clínica, é necessário distinguir *escutar* de *ouvir*: ouvir remete à capacidade perceptual de receber os sons da fala como estímulo específico e primordial. "Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico" (BARTHES, [1982] 1990, p.217). Escutar implica posição subjetiva e, portanto, posto de interpretação (ARANTES, 2001). Assim, é preciso dizer que "não é tudo que se escuta", embora a orelha seja tocada pelos sons de uma fala.

A escuta dita "flutuante", diz Freud ([1912b] 2017), é o cerne do método clínico psicanalítico e representa a única possibilidade de recolhimento dos efeitos do inconsciente. Estas "deformações" – como nos são revelados estes efeitos – são operadas por condensação e deslocamento¹⁴ ([1900] 2019), que burlam a censura que tende a recalcar os materiais inconscientes. A escuta como método clínico

¹³ A ruptura com a lógica clássica expressa pelo inconsciente é detalhada no capítulo "A contradição e a verdade" desta dissertação.

¹⁴ As operações de condensação e deslocamento são objeto de estudo no capítulo "O inconsciente e a contradição" deste trabalho.

psicanalítico está em oposição ao método científico, em que é “guiada por um foco”, ou seja, uma questão a investigar.

Freud, que foi um cientista notável e reconhecido, fez, no início do século 20, recomendações a “jovens médicos”¹⁵ que começavam a exercer a Psicanálise. Estas recomendações dizem respeito a regras técnicas e foram elaboradas “ao longo de muitos anos” de sua experiência clínica, como ele assinala neste texto de 1912. Recorto a regra que destaca a questão da escuta. Freud começa dizendo que:

A anotação durante a sessão com o paciente se justificaria a partir da intenção de tornar o caso tratado o objeto de uma publicação científica [...]. Mas temos de ter em mente que **registros acurados do histórico analítico de uma doença trazem menos benefícios do que se poderia deles esperar [...]** é bem verdade que um dos méritos do trabalho analítico é que nele pesquisa e tratamento coincidem, mas a técnica que serve a um, de um certo ponto de vista, acaba se opondo à outra.” (FREUD, [1912b] 2017, p. 96) (ênfase minha).

Como se lê, a Psicanálise suspende a necessidade de constituição de um *corpus* (registro de anotações). É a fala do paciente – “fala viva” – que toma a cena clínica e impulsiona a teorização.

A regra técnica fundamental é “não querer memorizar algo específico e dispensando a mesma 'atenção equiflutuante' ao que ouvimos” (FREUD, [1912b] 2017, p. 94). Esta regra fundamental, que situa o modo de relação do clínico ao acontecimento, opõe-se, como sustenta Freud, àquele do cientista-investigador. Ele afirma o argumento da *não-coincidência de posições* ao postular que:

Não é bom abordar um caso cientificamente enquanto o respectivo tratamento não tiver sido concluído, construir a sua estrutura, inferir a continuidade, fazer imagens do status atual da situação de tempos em tempos, tal como o interesse científico o sugeriria. (FREUD, [1912b] 2017, p. 97) (ênfase do autor).

Como assinalou Lier-DeVitto (2009, p.2), pode-se concluir, dessas afirmações de Freud, que um analista é mobilizado, na análise, “pelo núcleo irreduzível de uma singularidade”, no propósito de recolher a verdade do paciente. Esse “núcleo

¹⁵ No original deste texto, "Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung", nota-se o emprego da palavra "Arzt" (médico) para se referir ao profissional que exerce a psicanálise. Em 1912, ano da redação deste ensaio, era frequente que os primeiros psicanalistas viessem de formação acadêmica médica. Em 1926 podemos ver uma revisão desta terminologia em outro artigo técnico, "A questão da análise leiga", no qual o autor faz questão de mostrar que o exercício da psicanálise não é uma prerrogativa dos médicos (TAVARES, 2017).

irredutível” dá sinais furtivos na fala do paciente – aparece “de viés”, por meio dos esquecimentos, lapsos, atos falhos e sonhos. A autora continua: o interesse pela verdade científica com seu ideal universalizante, de predição, tende a fazer de um caso um exemplo, uma ilustração aplicável a situações similares futuras, o que não é o desejo de um analista.

Interessa mostrar que estamos frente a tendências metodológicas divergentes: a operação regularizadora da ciência não se aplica ao termo *singular*, sempre abordável pelo lado da diferença, do que não faz série. Enfim, não se pode responder a dois ideais (clínico e científico) de uma só vez, “implementar os mesmos métodos num único lance” (LIER-DE VITTO, 2009, p.2). De fato, posições diferentes implicam éticas diferentes.

A escuta do que faz sofrer, angustia e intriga o paciente é feita **por e na** linguagem. É a linguagem que inaugura o sujeito no mundo e que dá suporte às consequências de sua divisão constitutiva; não é o lugar em que transparece a verdade, mas, sim, que a oculta (GARCIA-ROZA, 1985). Servindo-se da Linguística para ler a obra freudiana, Lacan não só demonstrou o impacto da novidade saussuriana trazida pelo Curso de Linguística Geral (LIER-DeVITTO, 2017) – o reconhecimento da ordem própria da língua – como tornou a abrigar a invenção de Freud ([1900] 2019) – o sujeito fundado e definido por seu inconsciente – em seu berço primordial, o da linguagem.

O sonho é a via régia do inconsciente, diz Freud, porque sonhos não estão submetidos às excitações externas imediatas: eles são efeitos “puros” do funcionamento do aparelho, que opera transformações/deformações na fala¹⁶. Estas deformações são respostas desadaptadas, desarranjadas; tropeços, esquecimentos, erros, contradições e lapsos. Todas são produtos do funcionamento de um aparelho regido pelas leis de condensação e deslocamento – ou, como Lacan ([1957] 1998) escreveu depois, sob efeito do estruturalismo europeu na Linguística, pelas operações de metáfora e metonímia.

Ainda que o analisando tente responder à escuta de sua própria contradição com uma tentativa de “esclarecimento” do que seria sua intenção racional, aos analistas cabe escutar “ao pé da letra”, ou seja, capturarem o que é efetivamente dito. Bruce Fink (2018), psicanalista norte-americano e tradutor para o inglês de

¹⁶ O funcionamento do aparelho psíquico concebido por Freud será detalhado mais adiante nesta pesquisa.

parte da obra de Jacques Lacan, frisa a atenção que o maior leitor de Freud dava à letra:

Obedecer à "letra da lei" pode significar que se segue literalmente o que está escrito no texto da lei, sem preocupação com o espírito no qual ela foi redigida. Lacan prestava enorme atenção à letra do discurso de seus analisandos: ao que eles de fato diziam, em contraste com o que o pretendiam ou tencionavam conscientemente dizer. (FINK, 2018, p.36)

É na letra da lei que a contradição se apresenta e se faz ser escutada. Percebemos na clínica o quanto as reformulações feitas pelos analisandos visam a conferir sentido e coerência às suas falas. Produto do imaginário (LACAN, [1955-1956] 1988) e, portanto, atrelado à autoimagem, o sentido é sempre ambíguo e se relaciona com o Eu; daí a importância da escolha das palavras do paciente, que joga fora aquelas que não "combinam" com a visão que ele tem de si (FINK, 2018).

Com frequência certos analisandos buscam retificar sua fala com "o que eu quis dizer", em atitude semelhante aos atos falhos. Tal tentativa busca recuperar a imaginária intenção consciente daquilo que se pretende dizer ou transmitir, em uma clara ilusão de controle sobre o que se fala. Na contradição, o dito afirmativo e o dito contrário só representam conflito diante da demanda por sentido; expressões do desejo como querer e não querer, almejar e mudar de ideia encontram verbalização concomitante e validada pelo processo de análise.

A contradição, inclusive, pode gerar engajamento no encontro analítico, destaca Fink (2018). Ele argumenta que quando Lacan tomou a posição de nunca presumir que compreendia o que os analisandos queriam dizer, nunca dar a impressão de que falava a língua deles e de se atentar às ambiguidades trazidas na fala, ele possibilitou que os analisandos percebessem que **pouco tinham ideia do que diziam**. Neste movimento, os enunciados tornam-se enigmáticos para seus próprios autores e estes passam a se indagar sobre aquilo que falam.

Esta não-coerência que define o sujeito do inconsciente expressa a tensão permanente entre o sujeito e o Outro. Escutar as contradições é reconhecer suas ligações com o imaginário, reafirmar a ambiguidade a que as palavras são predestinadas (FREUD, 1900) e dar lugar à condição transformadora da fala.

"Notamos que também o indivíduo normal é mais frequentemente movido por tendências contraditórias do que esperávamos", constata Freud ([1913a] 2010, p.334). Uma vez observada a subjetividade expressada nas contradições proferidas

por uma pessoa, é possível sustentar que a contradição e as falas contraditórias demonstram os efeitos do inconsciente assim como sonhos, atos falhos, chistes e esquecimentos. Ou seja, não pelas vias patológicas de um sintoma, mas sim por sua emergência na vida cotidiana. São dados de língua que asseguram o observatório científico¹⁷ de Freud.

1.3 Um terreno teórico para as contradições

Esta pesquisa se dedica à presença e abordagem literais, ou seja, explícitas, do tema da contradição nas publicações de Freud. Não se desconhece aqui a relação entre contradição e a noção de conflito¹⁸ que é axial na psicanálise. De modo específico, são elas, as contradições capturadas nos dizeres e ações dos seres falantes, que são focalizadas neste trabalho.

Identificada pelo original alemão *widerspruch*¹⁹, a noção de contradição não possui o estatuto de conceito, embora esteja presente de forma frequente na obra freudiana, como apontarei nos capítulos seguintes. É notável que a contradição seja particularmente lembrada na caracterização dos sonhos, em que “há uma preferência especial por reunir ou representar numa unidade as contradições” (FREUD, [1900] 2019, p. 360), e também na descrição do funcionamento psíquico no texto “O inconsciente” ([1915b] 2010).

No entanto, outras ocorrências da ideia de contradição tinham capturado minha atenção ao longo de meu percurso pela Psicanálise; é o caso dos textos “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” ([1910d] 2016) e Psicologia das massas e análise do Eu” ([1921] 2020), e daqueles reunidos no “Compêndio de Psicanálise” ([1940] 2014).

¹⁷ Desenvolvo mais detidamente esta questão no capítulo “O inconsciente e a contradição”, a partir do linguista Jean-Claude Milner.

¹⁸ O conflito, para a Psicanálise, é entendido como constitutivo dos sujeitos, uma vez que marca a divisão psíquica e expressa a oposição entre desejos e exigências internas imprimida pela dinâmica pulsional. Desta forma, certos desejos contradizem uns aos outros.

¹⁹ O original *widerspruch* é apresentado nas edições bilíngues (português-alemão) das obras freudianas publicadas pela Editora Autêntica em sua coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Julgo importante informar que esta pesquisa utiliza as traduções feitas do alemão pela editora Autêntica e, no caso dos textos ainda não disponíveis na mencionada coleção, faz uso dos livros traduzidos também diretamente do alemão pela editora Companhia das Letras.

As ocorrências nominais de contradição recolhidas são em grande número, conforme mostrará o capítulo *A contradição e a subjetividade*; portanto, nesta pesquisa dedico-me à análise, durante todo o desenvolvimento da dissertação, daquelas que considero instrumentais para a afirmação de que a teoria psicanalítica possibilita a fundamentação deste dizer que se desdiz, sem prejuízo da credibilidade do falante.

A fim de reportar-me aos trabalhos já desenvolvidos sobre as contradições, encontrei obras nos campos da Educação, Filosofia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social, mas ora sob a perspectiva do materialismo histórico, ora centradas na lógica clássica.

Na Linguística encontrei uma rigorosa análise da contradição em um discurso particular na tese de doutorado em Linguística Aplicada na Unicamp “A dogmatização da teoria: a contradição como negação da falta no discurso do professor de línguas”. Elzira Yoko Uyeno dedica um capítulo ao tema, no qual demonstra o valor da contradição nas lógicas clássica, formal e dialética para depois avaliar a ocorrência do fenômeno nos discursos sobre formação continuada de professores. A exposição que ela faz da trajetória percorrida pela contradição nessas lógicas certamente traz contribuições para meu trabalho.

Foi com agradável surpresa que cheguei ao inovador trabalho do matemático, lógico e filósofo brasileiro Newton da Costa (1986, 2000, 2008 e outros), que criou uma lógica que admite as contradições. Trata-se da lógica paraconsistente, inclusive forjada sob o atravessamento da Psicanálise. Da Costa era admirador do trabalho de Lacan e viu neste autor a produção de formulações que derogavam o princípio da não-contradição. A originalidade do brasileiro contribuiu sensivelmente para oferecer suporte e diálogo indiretos à minha investigação da incidência das contradições na teoria psicanalítica e também à demonstração da lógica inconsciente que sustenta a fala contraditória.

Embora eu tenha feito uma revisão não sistemática, foram raros os trabalhos em Psicanálise que trataram da contradição. O tema foi abordado sobretudo nas pesquisas de perspectiva lacaniana, com recortes específicos que serviam a uma outra temática principal.

Há autores, por exemplo, que mencionam a problemática da lógica e da contradição por meio dos empreendimentos de Lacan²⁰ nessas searas, como é o caso de Jacques-Allain Miller (1999), encarregado pelo próprio Lacan de difundir os textos de seus seminários. Em uma conferência ministrada na Universidade Central da Venezuela, em 1979, Miller destaca o emprego que Lacan faz da lógica matemática para amparar sua afirmação de que “a mulher não existe”. Ele não recorreu à lógica clássica, mas sim a uma que admite a contradição.

Lacan desejava sistematizar a Psicanálise por meio da lógica. Durante uma das cinco conferências sobre o ensino lacaniano proferidas para um grupo de psicanalistas em São Paulo, Márcio Peter de Souza Leite (2010) lembra que a vinda do francês a Caracas, Venezuela, em 1980, era a ensejo de confirmar a existência de uma escola latino-americana que chegara a uma lógica que acomodava a lógica do inconsciente. Lacan se referia à lógica paraconsistente de Da Costa.

Inserida no recorte acima, a tese de doutorado de Mardem Leandro Silva (2019) é totalmente dedicada às relações de Lacan com a lógica²¹. Caminho semelhante foi tomado por Marcelo Amorim Checchia (2004) em artigo para a revista “Psicologia USP”, em que realça a proposta de escrita matemática para a Psicanálise, e por Marta D’Agord (2006) em publicação à revista “Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica”, na qual discute como a lógica é instrumento para Lacan pensar o sujeito do inconsciente.

Na mesma revista, o pesquisador Felipe Shimabukuro (2019), em seu doutorado pela Universidade de Paris 1, tece alguns comentários sobre a não existência da contradição no inconsciente ao problematizar a afirmação freudiana de que “as regras decisivas da lógica não têm validade no inconsciente; poderia se dizer que este é o reino do ilógico” (2014 [1938], p.75). A argumentação é construída em torno de um exame rigoroso das regras da lógica aristotélica e com o suporte de determinados postulados de Lacan, concluindo que a única regra que realmente não possui validade no inconsciente é o princípio de contradição.

Freud, mesmo que profundamente atravessado por outras ciências de sua época, não buscou formalizar uma lógica para o inconsciente – torna-se redundante

²⁰ Lacan ([1969-1970] 1992) utiliza, por exemplo, o quadrado das oposições da lógica aristotélica tradicional para propor, em 1969, os matemas das quatro diferentes estruturas discursivas: discurso do Mestre, da Histórica, do Analista e do Universitário.

²¹ A este respeito, recomendo a leitura do verbete “Lógica” (DOUMIT, 1996) no “Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan”.

assinalar que seus compromissos científicos eram de outra ordem, fiados sob a novidade da Psicanálise. Foi dentro deste campo original que ele facultou a instituição e compreensão de um funcionamento psíquico que se caracteriza por romper com a regra aristotélica da não-contradição. Localizo nesta novidade freudiana o centro de meu interesse, com acento nos aspectos fundantes e desbravadores de um modo de pensar o sujeito que não recusa seus inerentes discursos contraditórios.

Minha pesquisa, portanto, é de cunho teórico, orientada sobretudo pela teoria psicanalítica formulada por seu fundador e pelas implicações clínicas e cotidianas da regência do inconsciente (FREUD, 1900, 1912, 1915 e outros).

Apresento a discussão em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *Dos tropeços do sujeito à costura de uma teoria*, identifico a inspiração trazida pela linha de Aquisição, patologias e clínica de linguagem em suas investigações sobre tropeços na fala. As teorizações sobre erros e sintomas abriram caminho para que eu pudesse teorizar sobre as contradições.

Prossigo com *A contradição e a verdade*, onde percorro o tratamento dado às contradições pela lógica clássica, o lugar de intolerância que elas adquirem por séculos na Filosofia e, finalmente, o original desenvolvimento de uma lógica que suporta a contradição dentro do campo da razão. Nesta cronologia, parto, portanto, da formulação aristotélica primordial para discutir a vigência da não-contradição como motor do pensamento ocidental, chegando ao corte promovido pela lógica paraconsistente de Newton da Costa e os momentos em que este demonstrou o atravessamento da Psicanálise em suas questões sobre inconsistências na lógica.

Na sequência, em *O inconsciente e a contradição*, demonstro a ruptura com o pensamento ocidental operada por Freud ao postular sobre o inconsciente e sua lógica que não respondia aos princípios clássicos da racionalidade. Percorro textos fundamentais como o já citado “A interpretação dos sonhos” ([1900] 2019), e também os metapsicológicos “As pulsões e seus destinos” ([1915c] 2010), “A repressão” ([1915a] 2010) e “O inconsciente” ([1915b] 2010). Recorro também aos escritos que constituíram o inacabado, mas não incompleto, “Compêndio de Psicanálise” ([1940] 2014), no qual Freud busca sintetizar suas teorias após as reformulações trazidas com o tempo e a busca científica.

Por fim, em *A contradição e a subjetividade*, identifico os momentos em que a contradição aparece nominalmente na obra de Freud e a partir deles recorto

ocorrências fundamentais para minha argumentação, como nos textos “A interpretação dos sonhos” ([1900] 2019), “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” ([1910d] 2016), “O infamiliar” ([1919] 2019) e “Psicologia das massas e análise do eu” ([1921] 2020), que oferecem ricas amostragens da impossibilidade de o sujeito ser unitário e coerente.

2 DOS TROPEÇOS DO SUJEITO À COSTURA DE UMA TEORIA

Meu interesse pela reflexão da recepção desembaraçada que a Psicanálise dá à contradição, em contraponto à recusa verificada em determinados contextos, encontrou fomento e substância com a participação no Programa de Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP), especificamente no grupo de pesquisa *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*²².

Interessei-me por esse conjunto acadêmico de discussões que precisamente aborda os tropeços e "erros"²³ em falas sintomáticas de crianças e de adultos como um motor de teorização. Tal entendimento é inusitado no campo da Aquisição de Linguagem, na medida em que o que se busca é a organização sucessiva da sentença na fala da criança, eliminando tudo que concerne aos tropeços, faltas, falhas e desvios encontrados nos enunciados infantis. Exceção neste quadro é o trabalho pioneiro de Cláudia de Lemos e de suas orientandas²⁴.

O grupo de pesquisa a que estou vinculada reconhece o fator incontornável das cristalizações sintomáticas e problemáticas na fala como indícios importantes de manifestações subjetivas relevantes. Deste modo, encontrei espaço para inclusão de minha questão sobre a contradição.

Uma criança que diz algo que não condiz com a língua constituída ganha, com a Clínica de Linguagem, centralidade na teorização. As bases teóricas fundamentais deste tão original campo advêm do diálogo com o estruturalismo

²² O projeto, segundo Lier-DeVitto (2002, 2005), sua proponente, reflete e teoriza sobre diferentes quadros sintomáticos de crianças e adultos (distúrbios articulatorios, distúrbios de leitura e escrita, retardo de linguagem, afasias, gagueira e demências) e, também, sobre as instâncias diagnóstica e terapêutica da clínica de linguagem. É desenvolvido desde 1998 no LAEL-PUCSP, em articulação com a Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic). O grupo tem vasta produção reconhecida no cenário científico nacional e internacional pela consistência de sua produção e pela originalidade das propostas teórico-clínicas.

²³ Emprego as aspas para me referir aos erros em consonância com as reflexões trazidas por De Lemos (1982, 1992, 2002) sobre o ideal de fala da criança na aquisição de linguagem. A autora demonstra que os erros descartados na proposta homogeneizante são tomados como dado de eleição e de subjetividade pelo Interacionismo. Recomendo ainda o importante trabalho de Glória Maria Monteiro de Carvalho (1995), "Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem".

²⁴ Merecem menção aqui as teses de Maria Fausta Pereira de Castro, Rosa Attié Figueira, Maria Cecília Perroni e Zelma Regina Bosco, da Unicamp; Maria Francisca Lier-DeVitto, da PUC-SP; Glória Maria Monteiro de Carvalho, da Unicap/UFPE; Sônia Borges, da UVA-RJ; e Núbia Rabelo Faria, da UFAL.

européu e com o Interacionismo em Aquisição de Linguagem, acima mencionado na figura de sua proponente, professora-doutora Cláudia de Lemos. A seguir, procurarei iluminar a natureza singular seja da proposta interacionista, com alguns textos essenciais de De Lemos (1982, 1992, 2002); seja daquela introduzida por Lier-De Vitto (1998, 2006, 2011)²⁵ e que recebeu o título de Clínica de Linguagem.

De certo modo, ambas as propostas convergem sobre a importância dos erros, tropeços e inconsistências discursivas. Esses fenômenos são entendidos pelo Interacionismo em Aquisição de Linguagem como movimentos inerentes ao processo de constituição do falante, cuja fala se articula com a fala do outro. A Clínica de Linguagem, por sua vez, lida com a cristalização desses fenômenos, ou seja, quando eles passam a ser sintomas e deixam a criança à margem da própria fala.

Em 1982, no texto “Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original”, que pode ser tomado como fundante, De Lemos aceitou o desafio de tomar como questão e enigma a fala de crianças em tempo de aquisição de sua língua materna. Resultado desse desafio foi a apresentação de uma primeira proposta cuja originalidade radical reside na eleição do erro e da presença do outro como determinante da entrada da criança na linguagem. Tal decisão passa pela crítica de que o campo da aquisição da linguagem “higieniza” a fala de crianças – sempre errática, cambiante e inconclusa.

Neste campo, projeta-se gramáticas instituídas a partir da fala adulta sobre *corpora* de enunciados infantis. De Lemos assume posição singular, que assenta sua proposta na fronteira deste campo; melhor dizendo, na margem externa, já que se recusa a apagar a natureza específica da fala da criança.

Detenho-me a seguir no artigo mencionado. Ao debruçar-se sobre os problemas de como a criança adquire a língua materna, um dilema de base, até então sem reconhecimento, foi iluminado e nomeado “pecado original” pela autora. Segundo De Lemos (1982), as investigações do psicolinguista estavam ligadas a dois compromissos inconciliáveis. De um lado, era necessário identificar e explicar as mudanças qualitativas – gênese das estruturas e categorias – que definiram o processo de aquisição. Um engajamento com a diacronia, portanto.

²⁵ Destaco estes como textos fundamentais de De Lemos e Lier-DeVitto, embora tenha passado por muitos outros que fazem eco nas minhas discussões.

Do outro lado, no compromisso com a sincronia, a opção dos pesquisadores era descrever a fala infantil em termos categoriais e gramaticais, procurando alinhar momentos estáticos em uma linha sequencial de desenvolvimento, o que derrota, por princípio e logicamente, o processo admitido como sequencial da aquisição da linguagem.

De acordo com a autora, os trabalhos dedicados aos produtos linguísticos da criança, classificados em categorias como agente e objeto, nome e verbo, explicitavam que o compromisso atendido era o segundo, com a sincronia. Em observação de Lemos (2002), o campo da Aquisição faz complemento à Linguística, afastando-se, com isso, da fala turbulenta da criança.

De um lado se descrevia os enunciados infantis enquanto conhecimento adquirido com o uso de categorias como sujeito, verbo, predicado etc., sem esclarecer quais seriam as capacidades cognitivas que impulsionariam a segmentação e categorização da fala do outro pela criança. De outro, grande parte das manifestações da criança era ignorada e afastada da análise porque resistente aos aparatos gramaticais.

A interrogação de De Lemos (1982) pode ser colocada de uma forma simples: se uma criança fala "bola", o que garantiria que ela estaria ciente do uso de um substantivo?

Note-se que o diagnóstico acima se aplica à grande maioria dos investigadores desta área, os quais, embora explicitamente rejeitem uma visão inatista²⁶ da aquisição da linguagem, incorporam-na, implicitamente, a cada passo de sua descrição. (DE LEMOS, 1982, p.3).

Segundo a autora, esta abordagem considerava que a criança tivesse um saber inato sobre a língua.

É nessa hiância entre um compromisso atendido e o outro ignorado que De Lemos (1982) chamou a atenção para a higienização dos *corpora* estudados. Diante de uma fala errática de criança, lotada de dizeres inclassificáveis, os critérios gramaticais utilizados nas análises resultavam em um descarte dos dados que poderiam contestar as descrições de aquisição formuladas. Posto que a Aquisição de Linguagem é habitada por um ideal de "encontrar, nos dados de crianças, evidências de uma estruturação sentencial progressiva" (LIER-DeVITTO, 1998, p.1),

²⁶ Na hipótese inatista, de Noam Chomsky, o ser humano é portador de uma gramática inata.

quaisquer usos estranhos da linguagem só poderiam encontrar o abrigo da marginalidade.

Enquanto os erros eram colocados para fora da fala da criança, De Lemos (1982) os reintegrava a ela por permitirem iluminar o lugar da linguagem para o pequeno sujeito.

Ao colocar esses questionamentos, a autora assumiu um compromisso com a fala da criança, e não com a linha investigativa do campo de Aquisição da Linguagem. O olhar passou a ser fundamentalmente dirigido para aquilo que tropeça. Sabe-se, por experiência, que a fala da criança é insólita, incongruente e oscilante: ela pode, assinala a autora, dizer e desdizer, acertar e errar numa mesma sessão de coleta. Frente a isso, a pesquisadora sublinha a natureza heterogênea da fala da criança, que inviabiliza tanto a hipótese de desenvolvimento quanto a suposição de que a aquisição da linguagem acompanha um processo de desenvolvimento cognitivo. Desde este primeiro texto, De Lemos toma distância da Psicologia no que diz respeito ao sujeito.

Para a autora, a determinação da fala da criança é de outra ordem que não a cognitivo-gramatical. Ela deve ser buscada na fala do outro; ou seja, o que a criança diz *vem de outro lugar*. Trata-se, segundo ela, de um jogo da linguagem sobre a própria linguagem, como movimento determinante de todo o processo de aquisição.

2.1 A linguagem como estruturação

De 1982 a 1992, a autora produz uma reviravolta no modelo descritivo e explicativo da proposta. O texto de 1982 é decisivo porque circunscreve de forma imperativa uma proposta de natureza linguística para a aquisição de linguagem.

Neste intervalo, é notável o empenho de muitos pesquisadores ligados a essa proposta para a validação empírica dos processos dialógicos que se constituíram em metalinguagem alternativa à aplicação da gramática sobre a fala da criança. O processo dialógico inaugural foi cunhado como processo de especularidade; o

subsequente, como processo de complementaridade; e o outro, entendido como final, como processo de reciprocidade²⁷.

Embora tenham cumprido este objetivo, esses processos fracassavam em explicitar a natureza linguística da mudança, já que carregavam uma roupagem em grande medida sociológica, que podia levar a interpretações sobre a natureza “diádica” da interação e fazer recuar a ideia de jogo da linguagem sobre a linguagem.

Este período²⁸ também pode ser caracterizado como o de uma intensa “historicização crítica” (LEMOS, 2002). A proposta interacionista opunha-se de forma explícita ao inatismo, como não poderia deixar de ser, e às propostas construtivistas da Psicologia – uma direção presente desde o artigo de 1982 aqui comentado.

Em resposta a isso, vem o texto de 1992, revolucionário na medida em que envolve processos linguísticos na explicação da mudança e na medida em que é propositivo.

Naquele ano, os enigmas referentes ao processo de estruturação da linguagem e da criança como falante receberam nova e radical roupagem teórica a partir do encontro de De Lemos com a psicanálise de Jacques Lacan (1901 – 1981), e daquilo que ele retirou de sua leitura de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) e Roman Jakobson (1896 – 1982). A autora redefine a aquisição como estrutural: a metáfora temporal é substituída pela metáfora espacial. A aquisição da linguagem passa a ser definida como as mudanças de posição da criança na sua relação com a linguagem e também a ser concebida como um processo solidário da constituição do falante e do processo subjetivo.

O retorno à Freud feito por Lacan²⁹ por meio do estruturalismo europeu passou a dar contornos às indagações de De Lemos. Não um retorno a qualquer

²⁷ O processo de especularidade foi definido como “presença na fala da criança de parte do enunciado da mãe que o antecede, assim como pela incorporação da fala da criança no enunciado da mãe”. Já o processo de complementaridade é “representado pela relação da pergunta da mãe com a resposta da criança e, principalmente, pela relação formal entre as partes mutuamente incorporadas que parecem completar-se, compondo uma unidade ou instanciando uma ‘sentença’.” Por fim, no processo de reciprocidade, o papel da mãe é retomado pela criança, desencadeando uma fala infantil que reflete e completa a do adulto. (DE LEMOS, 2002, pp.46-47).

²⁸ Destaco neste período os textos de De Lemos “A sintaxe no espelho” (1986) e “Native speaker’s intuitions and metalinguistic abilities” (1997).

²⁹ Após a morte de Freud, suas construções teóricas sofreram um “progressivo comprometimento”, com a subtração de “elementos preciosos” de sua elaboração, a ponto de a psicanálise tornar-se irreconhecível, como destaca Jorge (2005, p.18). Foi Lacan quem recuperou as mais cruciais bases teóricas da psicanálise por meio de seus seminários oferecidos a partir da década de 50,

linguística, mas àquela de perspectiva estruturalista europeia, que é "devedora do funcionamento da língua para a sua fundação e não ao contrário, [sendo] qualquer objeto apenas efeito ou causa de estrutura" (SILVEIRA, 2005). Interessaram a De Lemos os efeitos desta estruturação na aquisição de linguagem.

De Saussure, com Lacan, De Lemos prestigia a teoria do valor linguístico, que coloca em projeção o significante e recua o apoio nas significações. Não é sem motivo, portanto, que ela fique com os processos metafórico e metonímico de Jakobson.

O funcionamento linguístico proposto por Saussure ([1916] 2012) em dois eixos relacionais – associativo e sintagmático³⁰ – representados em cruz para caracterizar sua solidariedade, e posteriormente ressignificados por Jakobson ([1975] 2007) como metafórico e metonímico, levou De Lemos a promover uma transformação teórica relativa às formulações e reformulações presentes nos enunciados de crianças em aquisição de linguagem. A relação destas com a linguagem é governada por processos metafóricos e metonímicos, que são linguísticos.

Saussure modificou profundamente as Ciências Humanas ao demonstrar que algo se movimenta sob a cadeia falada. Em outras palavras, há uma operação ausente (não observável) que afeta o acontecimento manifesto de fala.

Em termos teóricos, Saussure ([1916] 2012) introduziu, na Linguística, relações em presença e relações *in absentia* como motores do funcionamento linguístico. As relações em presença, também chamadas de sintagmáticas, se constituem a partir do alinhamento de um termo após o outro na cadeia de fala, já que o caráter linear da língua exclui a possibilidade de pronunciar dois termos simultaneamente. Elas denotam o encadeamento estabelecido entre dois ou mais termos presentes no discurso. É mesmo na discussão sobre o valor linguístico que lemos o seguinte: "Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos" (SAUSSURE, [1916] 2012, p.172).

estabelecendo uma crítica radical às leituras que vinham sendo feitas e inaugurando um movimento de retorno à obra de Freud. Mesmo que tenha se dedicado à tarefa de "retornar ao sentido de Freud", Lacan ([1956] 1998, p.406) fez a psicanálise avançar de maneira completamente inédita e autoral.

³⁰ Saussure ([1916] 2012) estrutura a língua em dois eixos: o eixo das simultaneidades, e o eixo das sucessões.

Há, por outro lado, relações tecidas pelas associações feitas sem a presença dos termos no discurso e baseadas na memória que o falante tem da língua. É desta forma que “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, [1916] 2012, p.172). Fiquemos com a exposição de Saussure com uma palavra fora da cadeia:

Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa ensino fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo em comum entre si. (SAUSSURE, [1916] 2012, p.172).

No exemplo acima, ensino ou ensinamento (*enseignement*) geram associações a partir de seu radical, de seu sufixo e da analogia com o significado. Tal derivação é devida às relações em ausência ou relações associativas – também conhecidas como paradigmáticas desde Benveniste ([1959] 1976).

Jakobson ([1975] 2007) retoma os eixos saussureanos associativo e sintagmático e os reinterpreta como metafórico e metonímico, respectivamente, tomando por inspiração as figuras de linguagem da retórica *metáfora* e *metonímia* e as reescrevendo como processos, e não mais como figuras de linguagem. Escreve, desta forma, as leis de composição interna da linguagem (MILNER, [1992] 2010).

O primeiro eixo do linguista russo estrutura a similaridade, em que termos podem ser substituídos por outros, mesmo que possuam aspectos diferentes. Já o segundo concerne à contiguidade e as relações de combinação, em que um elemento pode representar toda a cadeia, isto é, a parte pelo todo:

O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema (*topic*) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente. (JAKOBSON, [1975] 2007, p.55).

Não se trata de mera renomeação dos eixos saussureanos, na medida em que Jakobson, ao introduzir a função poética, dá mobilidade aos eixos (LIER-DEVITTO, 1998; LIER-DEVITTO, ARANTES, 2015); quer dizer, à noção de projeção do eixo metafórico sobre o metonímico faz valer a função poética. Importa assinalar que

estamos falando em “função”, e não propriamente em poesia. Trata-se de uma função que está presente, diz ele, em toda e qualquer manifestação linguística, em maior ou menor expressão, marcando, deste modo, a solidariedade entre os eixos. Tão importante quanto esta consistência argumentativa é a questão de que sempre que imperar a dominância da função poética, mais próxima a composição linguística estará da estruturação poética, em que predomina uma organização paralelística governada pela exigência de sustentação de equivalências (rítmica, sonora, estrutural).

O impacto desta reflexão na reformulação teórica do Interacionismo, por De Lemos, passa de forma decisiva pelo trabalho de Lier-DeVitto (1998) sobre os monólogos da criança, em que a sustentação destas produções é garantida pela prevalência da função poética. A coesão da fala da criança, ainda insólita do ponto de vista de sua coerência, é sustentada pelo jogo paralelístico, como vemos neste trecho do monólogo de Camilla, de dois anos e meio:

Num fala no meu nome
 Num fala no teu nome
 Num fala midanoni [2 vezes]
 fala mianomi
 fa'a mi danomi
 Não fala no ...
 no_me
 (LIER-DE VITTO, 1998, p. 166)

O que Lier-DeVitto traz à luz é o falante que fala mas não tem escuta para o que diz – um espaço de não coincidência entre fala e escuta. É importante para o meu trabalho destacar aqui o relevo dado à noção de não coincidência, questão que é instigante para minhas questões e que me aproximou da Clínica de Linguagem.

As ideias de Saussure e Jakobson representaram para De Lemos uma maneira de simultaneamente se distanciar definitivamente do empirismo no tocante aos enfoques sócio-interacionistas na aquisição de linguagem, responder pelas próprias questões e demonstrar o jogo da linguagem sobre a própria linguagem no trânsito entre os enunciados da criança e do adulto (o *já* falante). Interessa para a autora que este trânsito é impulsionado pelo funcionamento da linguagem; melhor, por processos *metaforonímicos*.

Em uma das falas investigadas por De Lemos, a criança, ao afirmar "A Flávia é *nananda*", é interpretada pela mãe como "A Flávia está dormindo". Esta

construção, se submetida às categorias gramaticais, poderia sentenciar a fala da criança ao descarte, ao "corpo estranho irrompendo em um texto" (DE LEMOS, 2002) que configurava o erro. Porém, no entendimento pioneiro da autora, quando a falante substitui "está" por "é", foram costuradas relações metafóricas e metonímicas entre o termo falado e o termo substituído. A pequena coloca outro termo na cadeia, mas mantendo o seu valor.

No artigo "Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação", de 2002, onde De Lemos detalha seu percurso acadêmico, a autora formaliza seu distanciamento não só da psicolinguística, como também da Aquisição de Linguagem e da noção desenvolvimentista que caracterizava as pesquisas sobre o processo de aquisição. A proposta assume definitivamente uma perspectiva estruturalista: a transformação do *infans* em falante é definida em termos de uma mobilidade de posições estruturais, quer dizer, mobilidade numa estrutura explicitada em termos de relações entre criança, outro e língua.

Em palavras da autora, na primeira posição a dominância está centrada na relação fala da criança / fala do outro. Na segunda posição (a criança que fala é falada) reina o vínculo entre relações internas à fala da criança pela dominância do eixo metafórico sobre o metonímico. Aqui aparecem os erros, os tropeços, as inconsistências que caracterizam falas de crianças. Na terceira posição, aparece o movimento na direção da língua constituída, na medida em que emerge a não coincidência entre aquele que fala e aquele que escuta. Dito de outro modo: emerge nas reformulações e correções o índice da cisão do sujeito entre falante e ouvinte. Mais uma vez sublinho a importância, para meu trabalho, da não coincidência que sinaliza para a instância do desconhecimento do Eu, tão cara à Psicanálise.

Esta aproximação é explicitada pela autora pela incorporação da captura do vivo pela linguagem, em axioma de Lacan ([1964] 2008). De fato, é o que podemos retirar do segmento de De Lemos (2002, p.55) de que a criança é "capturada por um funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou".

2.2 A Clínica de Linguagem e os embaraços sintomáticos

Como pode se constatar, a homogeneização dos dados da fala de criança na aquisição não comportava os frutos heterogêneos recolhidos pela empiria, e é justamente esta heterogeneidade que aponta para a complexidade do processo de constituição do falante. É neste espaço que se retoma a "singularidade das manifestações linguísticas" e se afasta da ideia de um sujeito como "mero veículo expressivo do sistema" (LIER-DeVITTO, 1998, p.2).

Tomadas as expectativas quanto à aquisição de linguagem pela criança e o olhar do pesquisador direcionado para eventos bem-sucedidos da aquisição, LIER-DeVITTO e ANDRADE (2011) colocam em destaque a idealização que dá suporte ao projeto da área de que "todo infante se tornará falante", em que pese no Interacionismo a incorporação dos erros nas considerações teóricas da proposta. De fato, os três tempos lógicos postulados por De Lemos visam responder a essa trajetória da criança, embora a autora reconheça, em 2002, que há "crianças que sucumbem" neste percurso.

Emergem, então, considerações sobre os fracassos neste processo. Não se trata de "fala correta" ou "fala incorreta", mas de uma outra distinção, como mostram Lier-DeVitto e Arantes:

[...] a generalidade suposta em "a fala da criança" encobria sua heterogeneidade e a de seus efeitos sobre o outro [...] há aquele efeito maior que institui uma diferença fundamental; um corte que separa, na generalidade imaginada em "a fala da criança", as categorias "normal" e "patológico" [...]. Isso nos leva a admitir que "a fala da criança" pode provocar a partição normal e patológico – trata-se de algo diferente da distinção "correto vs. incorreto", "certo vs. errado". (LIER-DeVITTO, ARANTES; 1998, p.68)

Dessa forma, o investigador orientado pelo ideal da Aquisição de Linguagem não chega a interrogar os percursos onde aparecem fracassos ou impossibilidades diante da língua materna. Estes são ignorados ou afastados (LIER-DeVITTO; ANDRADE, 2011).

Migra-se portanto para a esfera clínica e para as ditas "patologias da linguagem". A partir da não-possibilidade de determinadas crianças de obter sucesso com o falar é que surge a Clínica de Linguagem, atenta aos embaraços trazidos pela patologia e usualmente convocada por alterações no corpo da fala; por

falas insólitas, desarranjadas, que “não passam a outra coisa” (ALLOUCH, 1995). São as falas ditas patológicas, que obscurecem o sentido e distorcem formas regulares; elas traem a intenção do falante e complicam o diálogo. Na definição de Lier-DeVitto:

A clínica de linguagem é, de fato, um espaço em que uma qualidade especial de interação é instituída pela presença de um sujeito que sofre por efeito (da escuta do outro e, muitas vezes, da própria escuta) de desarranjos em sua fala e por conta de sua condição peculiar de falante (questão subjetiva que remete a um abalo na identificação com outros falantes e a uma fratura no imaginário de controle sobre a própria fala). Portanto, a clínica é lugar em que uma demanda por mudança na linguagem e na condição de falante é dirigida ao outro terapeuta (LIER-DeVITTO, 2005, pp.144-145).

O sintoma é, ali, definido como um furo no tecido da linguagem (LIER-DeVITTO, 2003) que faz sofrer por ser expressão “de uma fratura na ilusão de semelhante” e de um estranhamento de si (LIER-DeVITTO, 2006, p.185).

Em vez de perpetuar a divisão existente entre as falas que interessam à Aquisição de Linguagem e aquelas estudadas pelas patologias da linguagem, a Clínica de Linguagem propôs a construção de um outro espaço, um que possa acolher as questões relevantes a ambos os campos teóricos. Esta é uma proposta que frequenta o mesmo espaço teórico do Interacionismo empreendido por De Lemos na década de 1980: o de privilegiar os erros, a repetição da fala do outro e a heterogeneidade na fala de crianças.

A proposta da Clínica de Linguagem representa um aporte crítico à relação que o campo da Fonoaudiologia³¹ estabelece com a Linguística e aos métodos clínicos ali encaminhados. A Fonoaudiologia aplica instrumentos gramaticais para definir o patológico. Estes aparatos não podem distinguir erro de sintoma; podem, no limite, assinalar que certos enunciados não são corretos. Nesse passo homogeneiza-se erro e sintoma (ANDRADE, 2006).

A diluição de fronteiras entre a aquisição e a patologia pretendida pela Clínica de Linguagem significa que o terreno teórico que favorece a abordagem das “falas de crianças” não deixa as falas sintomáticas de fora.

³¹ Não é tarefa deste trabalho discutir os encontros e desencontros entre a Clínica de Linguagem e a Fonoaudiologia. Remeto os leitores às discussões sobre os procedimentos clínicos destes campos no tratamento de falas sintomáticas, presentes no livro “Aquisição, patologias e clínica de linguagem”, organizado por Lier-DeVitto e Arantes (2006).

Na aproximação com o estruturalismo europeu, um saber foi construído sobre falas sintomáticas e uma escuta clínica foi delineada – “escuta clínica” que não ignora o drama do sujeito frente à própria fala. O lucro que o diálogo com o estruturalismo europeu e com o Interacionismo trouxe para a abordagem de falas sintomáticas foi que mesmo insólitas, irregulares e muitas vezes ininteligíveis, elas não estão fora das leis de composição interna da linguagem, sendo produtos de relações dinâmicas entre os eixos metafórico e metonímico (DE LEMOS *et al*, 2001)

Assim, na Clínica de Linguagem, inaugura-se uma escuta que leva em consideração que algo funciona embaixo do enunciado (manifesto) para os efeitos dessas relações nas falas sintomáticas. Os sintomas na fala resistem, ou seja, não podem ser contornados pelo falante pois ficam expostos no tecido da fala e expõem o falante em sua falta (FONSECA, 2002).

Orientada por um ideal de homogeneidade, a ciência tende a filtrar os dados irregulares para “salvaguardar as exigências de regularidade, repetibilidade e reprodutibilidade”, como diz Milner ([1995] 2010, p.7). Se o ideal de ciência afasta o investigador da teorização sobre os acidentes e fracassos que ocorrem na fala, no domínio da Clínica de Linguagem eles adquirem lugar central.

Por definição, uma clínica recolhe acontecimentos que fogem ao esperado/desejado, como que operando na esfera do “acidente”. Se pensarmos na Medicina, quadros nosográficos reúnem os sinais indicativos de que algo inquietante leva o sujeito à clínica e, ao conjugá-los, circunscrevem uma doença (ARANTES, 2001, p.6). Para realizar esta anamnese, o médico dispõe de um saber sobre doenças e de um modo de proceder frente ao sofrimento e à queixa do paciente. Qualquer procedimento clínico, portanto, é guiado por um saber.

Diferentemente disso, a clínica de linguagem, por ser de linguagem, e por lidar com um falante em sofrimento, opera no âmbito do contingente, ou seja, a partir de um saber que deve ser mantido em suspenso para que o singular possa interrogá-lo (ARANTES, 2001). Este imprevisível da singularidade evoca a clínica psicanalítica e o posicionamento de Freud ao situar, assim como Charcot, os fatos clínicos à frente da teoria (FREUD, [1893] 1996). A teoria é não-toda, no sentido de que pode sempre ser interrogada pelo acontecimento.

De volta à clínica médica, este saber – milenar e sempre renovado – diz respeito ao funcionamento do organismo humano e subsidia a escuta como ato clínico, ou seja, ato de decisão sobre a doença. Arantes (2001) define esta questão

ao abordar o “diagnóstico” como tempo inaugural da clínica, na medida em que aponta para a articulação saber-escuta. Ela cita o médico Piper³² (1973, p.4 *apud* ARANTES, 2001, p.6), que diz ser “o processo de reconhecer uma enfermidade e de considerar todas as explicações possíveis para uma afecção particular”, sendo o “reconhecer” a possibilidade de “escutar” sinais/sintomas para circunscrever um quadro nosográfico; enquanto o “explicar” tem a ver com a causa da doença, ou seja, a remissão dos sinais a um agente etiológico responsável pelo aparecimento da doença.

Arantes (2001) permite que se conclua que, na Medicina, o recolhimento do “acidente”, que suspende o bem-estar da saúde, é determinado por “um pensamento e um procedimento clínico causalistas”, ou seja, o saber e a escuta são orientados pela etiologia. Neste ambiente clínico, problemas na fala não passam de sinais de doença (LIER-De VITTO, 2006). Isso significa que a Medicina dispensa qualquer teorização sobre a linguagem e não devemos cobrar dela esta tarefa; no limite, ela utiliza segmentos de aparatos de descrição gramatical para descrever o sinal/sintoma. Se o saber e a escuta estão voltados para a doença no organismo, não só a linguagem, mas também o doente, “fica entre parênteses”, como afirma Foucault ([1963] 1977, p.7).

Se na clínica psicanalítica a questão é a verdade do paciente, conforme será apontada no capítulo *O inconsciente e a contradição*, na clínica de linguagem está em causa um sofrimento que destitui um sujeito da posição de falante.

Clínicas como a psicanalítica e a de linguagem colocam a fala do paciente em lugar central. É ela que as movimenta e as mobiliza. Nessas duas clínicas, **o sujeito não fica entre parênteses, mas se apresenta na e pela fala**. É importante assinalar que nem em uma, nem em outra é possível estabelecer uma relação estável entre um fator etiológico (uma causa) e o sintoma na fala, pois a heterogeneidade, a imprevisibilidade e a singularidade são aspectos incontornáveis. Mesmo que uma descrição linguística possa, no caso da Clínica de Linguagem, localizar pontos de perturbação no dizer do sujeito, uma descrição (cujo caráter é objetivante) não pode considerar “o drama do sujeito” (ARANTES, 2001; FONSECA, 2003) – isso, considerando-se inclusive desordens que possam ligar o sintoma na fala a um fato orgânico (lesional ou funcional ou genético).

³² PIPER, D.W. Medicina para profesiones paramédicas. Colombia: Ed. Libros Mc. Graw-Hill de México, 1973 *apud* ARANTES, 2001, p.6.

Ao mesmo tempo em que a Psicanálise fica limitada por falas destroçadas, falas sintomáticas podem representar um limite para a clínica psicanalítica (FONSECA; VORCARO, 2006). O trabalho realizado pela linha que estimula esta dissertação deixa evidente que as falas sintomáticas da Clínica de Linguagem não se confundem com as manifestações na fala que interrogam a Psicanálise; elas não se confundem com as formações do inconsciente, como esquecimentos, lapsos, sonhos.

Na Psicanálise, a escuta é instituída pela teorização sobre o inconsciente, esta instância que Freud ([1900] 2019) define como determinante na vida psíquica. O analisando procura esta clínica em busca de um tratamento do “mal-estar na vida cotidiana”, e não porque sua fala é estranha. Cabe ao analista, desde seu compromisso com o saber e a ética do inconsciente, escutar, por entre as contradições discursivas, lapsos e sonhos, as fontes do mal-estar daquele sujeito.

É curioso perceber como o cotidiano de nossas relações sociais mostra que as contradições e tropeços na fala operam funcionalmente na comunicação; porém, quando notados e/ou destacados, pesam como flagrantes de um deslize, de algo que é desviante. Tais acontecimentos podem (ou não) desabonar o dizer do falante, como é o caso da contradição. Apesar disso, o discurso prossegue.

No ambiente tão subversivo dos campos do Interacionismo e da Clínica de Linguagem houve espaço para a produção de questões sobre os erros, tropeços e lacunas do falante. Encontrei um lugar em que a questão da contradição pode ganhar lugar de reflexão e teorização.

3 A CONTRADIÇÃO E A VERDADE

E que dizer do homem? Será um grão de pó a vagar desamparado num planeta pequeno e insignificante, segundo os astrônomos? Será um monte de substâncias químicas reunidas de forma engenhosa, como poderiam afirmar os químicos? Ou, finalmente, o homem será o que parece ser para Hamlet, nobre pela razão, infinito pelas faculdades? Por acaso o homem não seria tudo isso ao mesmo tempo?

(Bertrand Russell, 1959)³³

Neste trabalho busco demonstrar como, para a Psicanálise, as contradições desfrutam de ambiente receptivo, como incoerências constitutivas que são esperadas do sujeito. O tema certamente não é uma novidade ao pensamento psicanalítico, mas não me furto a realçar o quanto ele é velho conhecido do raciocínio especulativo da Filosofia, para a qual as (não) contradições consistem de conceito central para o entendimento do pensamento humano. A teorização da contradição, cabe ressaltar, resiste à unanimidade até mesmo entre os filósofos, em discussões heterogêneas que a mantêm como o "problema mais fundamental e incontornável de toda a história da Filosofia" (SILVA, 2009, p.1).

O lógico, matemático e filósofo galês Bertrand Russell (1872 – 1970), intelectual que trouxe importantes novidades à lógica e escreveu sobre a história da Filosofia, define que esta "começa quando alguém faz uma pergunta de caráter geral, e o mesmo acontece com a ciência". (RUSSELL, [1959] 2016, p.13). Segundo ele, os gregos se imbuíram da pioneira jornada de fazer da curiosidade uma engenharia de conhecimento, o que culmina em uma produção intelectual e artística difundida, estudada e exaltada até os dias de hoje. Não por acaso, a civilização

³³ Extraído do livro "História do Pensamento Ocidental" ([1959] 2016).

ocidental na qual estamos inseridos é herdeira da tradição filosófica e científica iniciada em Mileto há mais de 2.500 anos.

Foi o grego Aristóteles (384 A. C. – 322 A. C.), no livro Gama (IV) de sua Metafísica (1005b 19-22), quem forneceu ao problema das contradições sua formalização mais clássica e popular. O tema foi contemplado também no trabalho de filósofos como Hegel (1770 –1831), Kant (1724 – 1804) e Leibniz (1646 – 1716). Dedico-me à teorização aristotélica mediante seu pioneirismo e soberania na questão, amparando-me na constatação de Carlos Cirne-Lima (1996, p.13), doutor em Filosofia pela Universidade de Innsbruck, na Áustria, e autor de publicações sobre o assunto: "As análises de Aristóteles, o primeiro e principal defensor do Princípio de Não-Contradição, são, ainda hoje, quase todas aceitas e repetidas, especialmente na Filosofia Analítica."

O princípio mencionado é desenvolvido tanto nos escritos aristotélicos da Metafísica³⁴ quanto nas produções sobre Lógica, e constitui um dos três princípios gerais aos quais obedecem nosso pensamento e nossa existência. Chauí assim os descreve:

1. Princípio de Identidade (**A** é **A**, isto é, uma coisa é sempre e necessariamente idêntica a si mesma);
2. Princípio da Contradição, também conhecido como Princípio da Não-Contradição (**A** é **A** e não pode ser **não A**, isto é, é impossível que uma coisa seja idêntica a si mesma e contrária a si mesma, ao mesmo tempo e na mesma relação);
3. Princípio do Terceiro Excluído (**A** é ou **x** ou **não x**, e não há terceira possibilidade, isto é, dadas duas proposições cujos predicados são contrários, uma delas é verdadeira e a outra falsa, não havendo terceira possibilidade). (CHAUÍ, 2002, p. 365, grifo meu).

A exposição de Chauí demonstra que há dois tipos de relação em curso nos princípios acima, sendo de oposição e de dependência.

As formulações do princípio de não-contradição, porém, são heterogêneas e nem sempre coincidem ao longo da obra de Aristóteles, o que reforça o emprego distinto nos campos aristotélicos. De acordo com Abbagnano (2007, p.203), na

³⁴ A inicial maiúscula faz referência ao material que foi escrito por Aristóteles e reunido posteriormente sob o nome Metafísica. Segundo Russell (2016), o que hoje chamamos de metafísica não tinha este nome à época de Aristóteles; porém, o livro do pensador grego foi assim nomeado porque um primeiro editor colocou-o equivocadamente depois da Física ao organizar suas obras, sendo que o título deveria ser posicionado em posição anterior. Literalmente, a palavra "metafísica" significa "depois da Física". O livro seria batizado por Aristóteles como "primeira filosofia", em referência à discussão das precondições gerais para uma investigação. O nome metafísica acabou tendo aceitação geral.

acepção metafísica, entende-se que “nada pode ser e não ser simultaneamente”, enquanto que na dimensão lógica estabelece-se que “é impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo, seja inerente e não seja inerente a uma mesma coisa, sob o mesmo aspecto”. Mora vai no mesmo sentido quando destaca a heterogeneidade conceitual deste princípio:

Às vezes, apresenta-se como uma das "noções comuns" ou "axiomas" que servem de premissa para toda demonstração sem que possam ser elas mesmas demonstradas. Às vezes, o princípio se apresenta como uma "noção comum" usada para a prova de certas conclusões. Outras vezes, apresenta-se como a tese que afirma que se uma proposição dada é verdadeira, sua negação é falsa, e que, se uma proposição é falsa, sua negação é verdadeira, isto é, como a tese segundo a qual duas proposições contraditórias não podem ser ambas verdadeiras ou ambas falsas. Ora, todas as formulações podem reduzir-se às três interpretações [...]: a ontológica, a lógica e a metalógica³⁵. (MORA, 2001, p.572)

Como se lê, Mora condiciona os heterogêneos conceitos da não-contradição a três possibilidades interpretativas, sendo uma delas a origem ontológica, ou seja, no tocante à realidade e à existência; neste recorte específico, Aristóteles tomou o princípio de não-contradição como um fundamento da metafísica – a filosofia primeira (CHAUÍ, 2002), que busca as causas e essências dos seres e das coisas. Para ele, diz Chauí (2000, p.257), a contradição era o que podia assegurar a realidade e a verdade, “pois é irreal e impossível que uma coisa seja e não seja ela mesma ao mesmo tempo e na mesma relação”.

A expulsão da contradição tinha, portanto, uma função norteadora, como explica Abbagnano:

Segundo Aristóteles, esse princípio serve, em primeiro lugar, para delimitar o domínio próprio dessa ciência, permitindo abstrair o seu objeto, o *ser como tal*, de todas as determinações às quais está ligado, do mesmo modo como os axiomas da matemática e da física permitem abstrair seus objetos (respectivamente a *quantidade* e o *movimento*) de outras determinações às quais estão ligados. (ABBAGNANO, 2007, p.203, grifo do autor).

Deste modo, a contradição era o princípio encarregado de validar o ser e as coisas. No entanto, uma silenciosa unanimidade em torno deste princípio – considerado “tão claro, tão certo, tão evidente” – fez com que poucos pensadores o questionassem criticamente e o tornassem um tema explícito para a especulação

³⁵ Na interpretação metalógica, o princípio é uma regra que permite "executar inferências lógicas" (MORA, 2001, p.572).

filosófica (CIRNE-LIMA, 1996). Sobre esta hegemonia, Russell ([1945] 2015) frisa que, 2.000 anos depois, a autoridade de Aristóteles³⁶ se tornara quase tão indiscutível quanto a Igreja, o que se convertera em sério obstáculo ao progresso tanto na Ciência como na Filosofia.

Houve, porém, contestação do princípio aristotélico nos trabalhos de Hegel, Marx e Engels (MORA, 2001), e também na produção de filósofos anteriores, como recapitula Cirne-Lima:

O próprio Aristóteles cita nominalmente como adversários do Princípio de Contradição, pelo menos como ele o entende, Protágoras (1007 b 24), Anaxágoras (1007 b 26), Demócrito (1009 a 28, b 16), Empédocles (1009, b 16), Heráclito (1010 a 13) e Crátilo (1010 a 12). Acrescentemos a essa lista o Platão dos diálogos Parmênides e Sofista [...]. Sejam mencionados também Johannes Scotus Eriúgena [...] e Nicolaus Cusanus. Mas é Hegel seguramente aquele que de forma mais clara e explícita toma posição contra o Princípio de Não-Contradição (CIRNE-LIMA, 1996, p.14)

Sobre a falta de unanimidade na assimilação da não-contradição como lei, Mora (2001) acrescenta que, no âmbito ontológico, este princípio ora era aceito nas questões sobre a estrutura que constituía a realidade, ora era negado sob o argumento de que a realidade por si era contraditória e transbordava os limites impostos pela não-contradição.

É curioso notar como alguns autores, segundo Mora (2001, p.573), afirmaram simultaneamente sobre a manutenção do princípio "clássico" [grifo do autor] de contradição na lógica e na linguagem das ciências e sobre a necessidade de se "adotar princípios dialéticos diferentes" na abordagem da "realidade humana e social". Convém lembrar que o método aristotélico é analítico³⁷, em oposição ao método dialético de Platão:

E assim, no decorrer da História da Filosofia, os filósofos se dividem em dois grandes grupos: o dos dialéticos que, segundo Platão, têm o jogo dos

³⁶ Como descreve Russell ([1945] 2015, p.247): "Na remota antiguidade, quando Platão era ainda supremo na metafísica, Aristóteles era a autoridade reconhecida em lógica, e conservou essa posição durante toda a Idade Média. Não foi senão no século 13 que os filósofos cristãos lhe concederam a supremacia no campo da metafísica. Esta supremacia, ele a perdeu, em grande parte, depois da Renascença, mas sua supremacia na lógica perdurou."

³⁷ Chauí (2002) ressalva que Aristóteles nunca usou o termo "lógica", mas sim, analíticos (analytikós), em referência a desfazer uma trama, desembaraçar fios, chegar às causas ou condições. Os filósofos analíticos buscam os elementos que compõem a estrutura do pensamento e da linguagem, bem como as formas de operação e de relacionamento.

opostos como o fundamento e método de pensar, e os analíticos que, conformes a Aristóteles, defendem a análise como a única forma legítima de fazer ciência do pensamento (CIRNE-LIMA, 1996, p.9).

Análise e dialética, mesmo que em lados opostos no saber especulativo da Filosofia, compartilham o terreno da racionalidade. Os primeiros filósofos, segundo o pesquisador inglês Jonathan Barnes, citado por Chauí (2002), tinham a ideia de que a natureza, o pensamento e o discurso eram estruturados por leis universais que demandavam operação, o que garantia que a razão conhecesse a realidade e a linguagem pudesse dizê-la com rigor. A razão, portanto, era tomada como critério de verdade, superior às limitações encontradas na experiência imediata e na fantasia mítica. "A razão ou pensamento vê o visível e compreende o invisível, que é seu princípio imutável e verdadeiro" (CHAUÍ, 2002, p.40). O estatuto da racionalidade não é ordinário; como pode se ver, ela leva à verdade que é tão cara para a Filosofia, representante não de qualquer busca, mas de um compromisso primordial (CHAUÍ, 2002).

Neste âmbito, o princípio de não-contradição opera como garantidor da verdade. Como pontua Cirne-Lima (1996, p.10), é um princípio que dá suporte à reconstrução do "grande mosaico do sentido do mundo, de sua História e de nossas vidas, sob pena de tudo ficar para sempre sob o signo do absurdo, do non-sense".

3.1 Contradição e lógica

Foi no século 18 que o princípio da não-contradição tornou-se um pilar também para a Lógica (ABBAGNANO, 2007, p.203), tendo recebido a alcunha de "lei fundamental do pensamento" junto aos anteriormente mencionados princípio de identidade e princípio do terceiro excluído. Nestas produções, a contradição aparece como um dos critérios determinantes da verdade ou falsidade de quaisquer discursos declarativos (ALMEIDA, 2008).

Seguindo os preceitos aristotélicos, diante de duas proposições contraditoriamente opostas, ambas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, ou simultaneamente falsas. Sendo uma delas verdadeira, a outra é automaticamente falsa.

Pois, quem fala com sentido tem que dizer algo determinado, ou seja, tem que afirmar algo como verdadeiro. Quem diz que a proposição "p" é verdadeira não pode co-afirmar a falsidade de "p", como não pode afirmar e negar o mesmo predicado determinado do mesmo sujeito, isto é o mesmo que se contradizer (CIRNE-LIMA, 1996, p.13).

Como se lê, uma afirmação só poderia descartar a outra. No sentido lógico, que estabelece que proposições contraditórias não podem ser verdadeiras simultaneamente, o princípio da não-contradição é enunciado como "Não ao mesmo tempo *p* e *não p*", em que *p* é símbolo de um enunciado declarativo.

Cirne-Lima (1996) destaca que a expressão formal da não-contradição, por meio de expressões como *p* e *não p*, inibe problemas lógico-semânticos com o enunciado. A nitidez e a clareza se perdem, porém, na aplicação do princípio. Neste caso, torna-se fundamental observar as condições de tempo e aspecto – **ao mesmo tempo, e sob o mesmo aspecto**:

[...] Num determinado momento do tempo um predicado determinado pode convir e ser atribuído ao sujeito; em outro momento do tempo ao mesmo sujeito pode convir e ser atribuído um predicado oposto. O mesmo sujeito, que agora está em repouso, em outro momento do tempo está em movimento. Não surge aí contradição lógica nem dialéctica, pois se tratam de tempos diversos. Tempos diversos não implicam, ao que parece, dialéctica nenhuma (CIRNE-LIMA, 1996, p.17).

O que Cirne-Lima aponta é que se pode afirmar que uma rosa é vermelha e verde se considerarmos que é vermelha no aspecto pétalas e verde no tocante ao caule. Em relação ao tempo, pode ser vermelha na floração do dia e não vermelha na manhã seguinte. Em nenhum desses casos há contradição, posto que os tempos e os aspectos são diferentes.

É preciso situar a conceituação aristotélica da contradição nos dualismos que influenciam a filosofia dos gregos, em que verdadeiro e falso interessam à lógica e polarizam parte das discussões. Como ressalta Russell:

Sob uma ou outra forma, estes [dualismos] continuaram sendo tópicos sobre os quais os filósofos escrevem ou discutem. Na base de todos eles está a distinção entre verdade e falsidade. No pensamento grego estes conceitos estão estreitamente vinculados aos dualismos do bem e do mal, e da harmonia e da discórdia. Em seguida vem o dualismo da aparência e da realidade, muito vivo nos dias de hoje. Junto com eles temos as questões da mente e da matéria, da liberdade e da necessidade. Além disso, existem as questões cosmológicas, que se referem a se as coisas são uma ou

muitas, simples ou complexas, e, finalmente, os dualismos do caos e da ordem, do ilimitado e do limite. (RUSSELL, [1959] 2016, pp.20-21).

A partir dos dualismos exemplificados por Russell, não surpreende que vejamos a contradição como expressão de falsidade ou caos.

No dualismo cultivado pela Grécia Antiga, muito se discutia sobre a validade e a falsidade de argumentos. D'Ottaviano e Feitosa (2003) lembram que paradoxos e argumentos falaciosos já estavam presentes no ensino da época. Ainda que Platão tenha produzido questões lógicas em alguns de seus diálogos, é Aristóteles o nome inaugural para esta tradição de pensamento. Assim, a lógica aristotélica representou "uma primeira tentativa de expor de modo sistemático a forma geral da linguagem e do argumento" (RUSSELL, [1959] 2016, p.136) e, conseqüentemente, uma "inauguração da lógica ocidental" (CHAUÍ, 2002, p.365).

O conjunto das obras do Estagirata sobre o assunto posteriormente recebeu o nome de Órganon, vocábulo grego que significa "instrumento". Nem mesmo o termo lógica era utilizado; a denominação surgiu séculos depois, empregada pelos estóicos e por Alexandre de Afrodísia para designar o estudo que Aristóteles chamava de *analítica* (CHAUÍ, 2000, 2002). O vocábulo do período aristotélico fazia referência a desfazer uma trama, desembaraçar fios, chegar às causas ou condições. Os filósofos analíticos investigavam os elementos estruturantes do pensamento e da linguagem e suas operações.

Na obra aristotélica, segundo Russell ([1959] 2016), a lógica ocupa uma condição peculiar, sem lugar nas três ciências (teóricas, práticas e produtivas)³⁸ distinguidas por seu criador. Não é, portanto, uma ciência no sentido comum, mas define um modo geral de tratar coisas que é indispensável à ciência. Proporciona "critérios para a discriminação e a demonstração, e deve ser considerada como ferramenta ou instrumento que contribui para a investigação científica" (RUSSELL, [1959] 2016, p.134).

Alguns autores, como Mortari (2001) e D'Ottaviano e Feitosa (2003), conceituam a lógica como uma ciência que estuda o raciocínio e os métodos de inferência, respectivamente. Copi (1978, p.19) a ela se refere como "o estudo dos

³⁸ A ciência teórica estabelece a oposição entre conhecimento e opinião, tendo como exemplos a matemática, a física e a metafísica; ciências práticas, como a ética, visam a regulamentar a conduta do homem na sociedade; por fim, as ciências produtivas se encarregam de nos orientar na criação de objetos que servem ao uso ou à contemplação artística (RUSSELL, 2016).

métodos e princípios usados para distinguir o raciocínio correto do incorreto". Já Chauí (2002, p.357) a destaca como uma "disciplina de caráter normativo", fonte das normas que conduzirão o pensamento na busca pela verdade. A autora acrescenta que a lógica é geral e atemporal e não se refere a nenhum ser, a nenhuma coisa, a nenhum conteúdo.

Embora tenha relação com as palavras, a lógica aristotélica não se ocupa apenas delas, conforme pondera Russell:

Pois a maior parte das palavras são signos mais ou menos fortuitos que representam coisas não-verbais. Assim, lógica não é o mesmo que gramática, embora a lógica possa influenciar a ciência gramatical. Lógica também não é o mesmo que metafísica, pois não se ocupa tanto do que é como da nossa maneira de conhecê-lo. [...] Finalmente, lógica não é o mesmo que psicologia. Isto fica bem claro no caso da matemática (RUSSELL, [1959] 2016, p.135).

Logo, a lógica aristotélica vai além de seu interesse pelas palavras e encontra, por exemplo, a matemática. Esta relação é de especial interesse para minha pesquisa devido ao trabalho realizado pelo intelectual brasileiro Newton da Costa, que retoma o problema da contradição de maneira radicalmente inclusiva. Até chegar a este peculiar desenvolvimento, a lógica passou por uma transformação significativa no século 20, como contextualiza Da Costa (2001). Apesar de ser inaugurada como uma teoria da argumentação válida, ou seja, na área do discurso, ela avançou para o campo da matemática, além de comportar revoluções dentro de sua própria estrutura, como foi o surgimento das lógicas distintas ou complementares à lógica clássica³⁹.

Destacarei aqui alguns momentos evolutivos desde a sistematização aristotélica até as lógicas paraconsistentes de Da Costa. Esta dissertação não tem a intenção de traçar o panorama histórico da lógica e seus desenvolvimentos posteriores, assim como não pretende fazer um estudo de lógica sob o escopo do campo completamente diferente que é a Psicanálise. Tomo este caminho apenas para realçar a distinção do lugar dado à contradição pela lógica clássica e,

³⁹ Entende-se por lógica clássica a sistematização que obedece aos princípios lógicos clássicos – as chamadas "leis fundamentais do pensamento", como a não-contradição (MORTARI, 2001, p.352-353). Ela nasce com Aristóteles, mas sua formulação atual foi cunhada por Gottlob Frege e Bertrand Russell por volta de 1870 e 1914, respectivamente (DA COSTA, 2008). Várias lógicas são consideradas clássicas, como o cálculo proposicional clássico, o cálculo de predicados de primeira ordem e as teorias usuais de conjuntos (KRAUSE, 2017).

posteriormente, pelas lógicas paraconsistentes, propiciada pelo original reposicionamento dos fenômenos contraditórios pelo lógico e filósofo brasileiro.

3.2 Do dogma à modernização

Russell ([1959] 2016) destaca que o caminho para outros progressos na lógica não foi pacificamente evolutivo, sobretudo porque o campo permaneceu fincado às suas raízes aristotélicas até o século 19. As doutrinas lógicas foram agrupadas e explicadas à mesma maneira, quase sem mudança, com que foram ensinadas milênios atrás. O autor afirma ainda que os sucessores de Aristóteles ficaram tão intimidados pela autoridade do pensador grego que não ousavam avançar de forma mais própria.

Desse engessamento científico resulta o tratamento subsidiário concedido à lógica cinco séculos depois da Antiguidade, expresso sobretudo no estudo de leis e teologia, completam D'Ottaviano e Feitosa (2003). Na educação clássica, a lógica ocupava o currículo das “artes liberais” junto à gramática e à retórica e separada da aritmética, geometria, música e astronomia.

Da Idade Média, os autores destacam a produção lógica dos bizantinos, árabes e escolásticos. Surgem versões das lógicas de expressões substantivas, lógicas das proposições e lógicas das expressões modais. Nem mesmo o Renascimento e o Humanismo trouxeram contribuições. Gomes e D'Ottaviano (2017) ressaltam ainda que, a partir de meados do século 15, os manuais de lógica imperaram por 400 anos, com pouco espaço para desenvolvimentos inéditos.

No século 17, Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646 – 1716), grande defensor do princípio da não-contradição, foi um dos nomes da lógica moderna (D'OTTAVIANO; FEITOSA, 2003). Ele focou especialmente em um desenvolvimento que contemplava a “matematização do pensamento” (GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, p.260).

É preciso lembrar que, naquela época, a lógica remetia à arte do pensar e não era plenamente formal (CHAÚÍ, 2000), ainda que o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588 – 1679), tendo a geometria como paradigma, tenha delegado à lógica a tarefa de “sistematizar as formas corretas do uso das convenções, garantindo que

cada palavra e cada ideia, cada proposição e cada conceito pudessem corresponder-se, livres de toda confusão e ambiguidade” (CHAUÍ, 2000, p.245).

A formalização só ocorre com a lógica contemporânea, que

procurando tornar-se um puro simbolismo do tipo matemático e um cálculo simbólico, preocupa-se cada vez menos com o conteúdo material das proposições (a realidade dos objetos referidos pela proposição) e com as operações intelectuais do sujeito do conhecimento (a estrutura do pensamento). (CHAUÍ, 2000, p.246).

Desta forma, a formalização por meio de caracteres universais e inconfundíveis, como os da matemática, sobrepõe-se ao conteúdo das proposições. Chauí (2000, p.248) acrescenta que a correlação entre matemática e lógica deu à última o estatuto de “avaliadora da verdade ou falsidade do pensamento.”

Do século 19 em diante, a influência da matemática tornou-se incontestável, tendo inspirado não só a abertura para a formulação de outras teorias na lógica como também impactado o pensamento do século seguinte (D’OTTAVIANO; FEITOSA, 2003). A este respeito, é notável que Lacan, no século seguinte, tenha buscado sistematizar a Psicanálise com caracteres matemáticos⁴⁰.

Um marco elementar da abertura de pensamento proporcionada pela matemática foi o surgimento das geometrias não-euclidianas por meio dos trabalhos de Lobachevski, Bolyai e, posteriormente, Riemann (DA COSTA, 1992, *apud* D’OTTAVIANO; FEITOSA, 2003)⁴¹. Ainda segundo Da Costa, a geometria projetiva foi outra novidade fundamental, trazida por nomes como Desargues, Poncelet e Chasles, assim como a abstração na geometria operada por Grassmann e Cayley.

Criações como essas, aliadas à álgebra que também passava por revoluções, operavam uma “mudança radical” na matemática, que se tornava abstrata e se afastava cada vez mais das ciências naturais, sobretudo da física, de acordo com Da Costa. Esta abstração foi especialmente explicitada pela teoria dos conjuntos⁴² de Cantor. O ambiente disruptivo que a matemática criaria na sequência tinha raízes:

⁴⁰ Triska e D’Agord (2018) desenvolvem o tema em artigo na revista *Ágora*.

⁴¹ DA COSTA, N. A. C. O ambiente matemático no século XIX e a lógica do século XX. *In*: Évora, F. (org.). *Século XIX: o nascimento da ciência contemporânea*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1992, CLE, v.11, pp. 59-65 *apud* D’OTTAVIANO; FEITOSA, 2003, p.19.

⁴² Teoria criada em 1874 pelo matemático russo Georg Cantor que posteriormente se tornou base da matemática. Cerca de 30 anos depois, porém, apareceram paradoxos que comprometeram sua consistência, deflagrando a chamada “crise cantoriana” (DA COSTA, 2008).

As geometrias não-euclidianas sugeriram a possibilidade de lógicas diferentes da clássica; a geometria projetiva contribuiu para que se concebesse a lógica de maneira formal e abstrata; as obras de Cayley, Grassmann e Hamilton corroboraram a importância dos desenvolvimentos provocados pelo impacto das geometrias não-euclidianas; o cantorismo conduziu às axiomatizações da teoria de conjuntos e à formulação das chamadas lógicas abstratas; e a concepção matemática de Poincaré e de outros matemáticos franceses desembocou no construtivismo contemporâneo das lógicas intuicionistas. (DA COSTA, 1992 *apud* D'OTTAVIANO; FEITOSA, 2003, pp.20-21)⁴³.

Lemos acima que a abstração havia possibilitado a criação de teorias matemáticas sob outros paradigmas lógicos. D'Ottaviano e Feitosa (2003) nos informam ainda que a teoria dos conjuntos funcionava sob as leis básicas do pensamento de Aristóteles; portanto, sob vigência da lógica clássica. Mas os paradoxos iluminados por esta teoria evidenciavam questões que demandavam respostas dos lógicos. Soluções não-aristotélicas passaram a ser aventadas, a exemplo dos trabalhos pioneiros de MacColl na lógica no final do século 19. No século seguinte, filósofos e matemáticos fizeram surgir novos sistemas lógicos, apartados da lógica aristotélica. Tratava-se de uma revolução, como afirmam Gomes e D'Ottaviano:

Tal revolução no âmbito da lógica é comparável ao estabelecimento das geometrias não euclidianas no século XIX , e à enorme transformação que se seguiu nas artes plásticas com a introdução da fotografia. Tal como nas artes e na matemática, os métodos formais libertaram a imaginação teórica dos lógicos de alguns pressupostos metafísicos, permitindo-lhes o questionamento, a experimentação e o rearranjo dos princípios lógicos fundamentais antes considerados intocáveis. (GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, p.31).

Além de arejar as ideias dos lógicos, essa nova sistematização da lógica impulsionava o explícito questionamento de princípios como o da não-contradição – considerado “o mais seguro de todos os princípios” e que “não poderia ser de forma alguma violado” (KRAUSE, 2017, p.28). Como pontua Abbagnano (2007, p.204), “coube à lógica matemática moderna renunciar a considerar os princípios lógicos como princípios da lógica ou mesmo como ‘leis fundamentais do pensamento’”. Neste sentido, saliento a declaração de Arruda sobre o interesse de longa data que a contradição já despertava:

⁴³ *Idem* 41.

Apesar de o problema da existência de contradições aceitáveis já vir chamando a atenção de lógicos e filósofos pelo menos desde o tempo de Aristóteles, até o aparecimento das lógicas paraconsistentes não se dispunha de um aparato lógico para o estudo das contradições. (ARRUDA, 1990, pp.5-6 *apud* GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, pp.33-34)⁴⁴.

A nova teorização de um problema de interesse milenar foi então oferecida pelas lógicas paraconsistentes. Na sequência, veremos que em certas lógicas atravessadas pela matemática a contradição pôde habitar o mesmo espaço que a verdade.

3.3 O advento das lógicas não-clássicas

Subjacentes à lógica clássica, certas teorias apresentavam-se como inconsistentes⁴⁵, ou seja, contraditórias. Porém, eram “tão lícitas quanto as consistentes” (DA COSTA, 1958, p.8 *apud* GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, p.415)⁴⁶ e, conseqüentemente, demandavam um outro sistema lógico. Foi necessário, portanto, dar um passo para além da lógica estabelecida por Aristóteles, o que foi feito no século 20 por meio da produção de sistemas lógicos não-clássicos.

A concepção destas lógicas distintas respondia a dificuldades trazidas à tona por “paradoxos surgidos nas fundações de importantes ramos da atividade matemática, particularmente nos fundamentos da teoria de números, na análise matemática e na teoria dos conjuntos” (GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, p.349). Da Costa (2008b) explica que os paradoxos encontrados nesta última apontaram para uma teoria inconsistente e contraditória, resultando em uma das três grandes crises da matemática.

⁴⁴ ARRUDA, A. I. N. A. Vasiliev e a lógica paraconsistente. Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, Universidade Estadual de Campinas, 1990, CLE vol. 7. *apud* GOMES; D'OTTAVIANO, 2017.

⁴⁵ A este respeito, Da Costa e Abe (2000, p.161) esclarecem: “Diz-se que uma teoria dedutiva é consistente se não possuir teoremas contraditórios, um dos quais, a negação do outro. Caso contrário, a teoria diz-se inconsistente (ou contraditória). Uma teoria chama-se trivial se todas as fórmulas (ou sentenças) de sua linguagem forem nela demonstráveis; em hipótese contrária, diz-se não-trivial.”

⁴⁶ DA COSTA, N. C. A. Nota sobre o conceito de contradição. Anuário da Sociedade Paranaense de Matemática. Curitiba, Segunda Série, vol. 1, 1958, pp. 6-8 *apud* GOMES; D'OTTAVIANO, 2017.

A resposta para o problema foi buscada dentro da lógica clássica, mas com possíveis modificações na teoria dos conjuntos de forma a superar os paradoxos.

O desafio estimulou o lógico brasileiro a pensar soluções desbravadoras:

Em meio a esses estudos e análises surgiu algo interessantíssimo. Ficou claro que havia caminhos alternativos para superar essas dificuldades, que não eram equivalentes entre si. Ou seja, havia várias teorias de conjuntos possíveis baseadas na lógica clássica. A ideia básica quando se começou a estudar essas questões era manter a lógica clássica nas soluções usuais desses paradoxos e mudar os princípios da teoria ingênua dos conjuntos. Baseado numa frase do próprio Cantor – “A essência da matemática radica na sua completa liberdade” –, pensei, “Por que não fazer o contrário?”. Eu quero manter o máximo possível dos princípios da teoria dos conjuntos, mas mudar a lógica subjacente clássica. (DA COSTA, 2008b, p.3).

Em outras palavras, Da Costa buscava uma outra lógica capaz de acolher os paradoxos encontrados. Seu empreendimento original será detalhado mais adiante. No momento, gostaria de justapor seu compromisso científico ao também corajoso movimento do lógico e filósofo polonês Jan Łukasiewicz de imaginar sistemas ainda não disponíveis:

Assim como, no decorrer do século XIX, uma prova mais precisa do princípio euclidiano das linhas paralelas conduziu a sistemas geométricos novos não euclidianos, do mesmo modo não seria de se excluir a suposição que uma revisão fundamental das leis básicas de Aristóteles possa fornecer o ponto de partida para sistemas de lógica novos e não aristotélicos. (ŁUKASIEWICZ, 2005, p.1).

Como se lê, Łukasiewicz demonstrava a intenção de criar novos sistemas para a lógica. “Lógicas não aristotélicas” era a nomenclatura adotada por ele para se referir às lógicas não clássicas (GOMES; D’OTTAVIANO, 2017).

Atualmente há um grande número de sistemas lógicos que ampliam a lógica clássica ou dela se diferenciam em algum aspecto (GOMES; D’OTTAVIANO, 2017). As lógicas não-clássicas possuem três atributos que as distinguem da lógica clássica:

- (i) Poderem estar baseadas em linguagens mais ricas em formas de expressão;
 - (ii) Poderem estar baseadas em princípios inteiramente distintos; ou
 - (iii) Poderem ter uma semântica distinta.
- (D’OTTAVIANO; FEITOSA, 2003, p.21).

Haack (1974 *apud* D'OTTAVIANO; FEITOSA, 2003)⁴⁷ define dois grupos de lógicas não-clássicas: as chamadas complementares, que ampliam o escopo da lógica clássica com a introdução de novos operadores sem infringir as leis fundamentais do pensamento e questionam sua validade universal; e as lógicas alternativas, também chamadas heterodoxas ou desviantes, que substituem a lógica clássica ao derrogar algum de seus princípios básicos.

Dias, por sua vez, destaca que as lógicas não-clássicas demonstraram que os princípios fundamentais não eram premissa para a validade de uma lógica,

visto que há sistemas bem estabelecidos que rejeitem tais leis. Lógicas não-reflexivas rejeitam a lei de identidade, lógicas para completas revogam o princípio do terceiro excluído, e algumas lógicas paraconsistentes refutam – em certo sentido – a lei de não-contradição, como o sistema C1. (DIAS, 2013, p.48).

O que este autor aponta é que já existiam lógicas que funcionavam sem os princípios aristotélicos.

Em que pesem a conhecida ancestralidade do princípio da não-contradição e a conseqüente inaceitabilidade lógica das contradições, qualquer tentativa de questionamento representava um desafio ousado. Porém, não havia como negligenciar seus acontecimentos rotineiros, e certos pesquisadores alimentaram perguntas que fizeram os limites da ciência se alargar. Poderia haver uma formulação teórica, dentro da lógica, disposta a acomodar as situações contraditórias?

Ao estabelecer um marco teórico pioneiro e por “fazer prevalecer em filosofia a livre investigação racional, guiada apenas pela razoabilidade dos argumentos e a fundamentação das premissas” (GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, p.304), o intelectual polonês Łukasiewicz tornou-se precursor das lógicas não-clássicas, especialmente das lógicas paraconsistentes. Os autores fazem a ressalva de que os sistemas modais de Clarence Irving Lewis foram, historicamente, os primeiros exemplos de lógicas não-clássicas, mas configuravam um exemplo de extensão da lógica

⁴⁷ HAACK, S. *Deviant logic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974 *apud* D'OTTAVIANO; FEITOSA, 2003, p.21.

clássica, como esclarece Andrés Bobenrieth Miserda⁴⁸ (1996 *apud* GOMES; D’OTTAVIANO, 2017).

Desbravador dos sistemas heterodoxos, Łukasiewicz (2003 *apud* GOMES; D’OTTAVIANO, 2017) afirmou que a lógica simbólica – inspirada na linguagem matemática – permitia demonstrar uma significativa quantidade de leis lógicas que não possuíam vínculo com a lei da não-contradição. A assertiva decorre da análise detalhada que ele fez em 1910 do basilar princípio aristotélico, considerada crucial para que “se iniciasse o lento processo de reavaliação qualificada dos princípios fundamentais do pensamento” (GOMES; D’OTTAVIANO, 2017, p.41).

3.4 A novidade das lógicas paraconsistentes

O passo dado por Łukasiewicz na direção de outros sistemas lógicos possíveis, que particularmente prescindiam do princípio da não-contradição, impulsionou o desenvolvimento das lógicas paraconsistentes. Teóricos de diferentes partes do mundo já se debruçavam sobre teorias inconsistentes, ou seja, contraditórias, mas sob o nome de “lógica dos sistemas formais inconsistentes”, como relatam Gomes e D’Ottaviano (2017, p.474). O nome lógicas paraconsistentes é herdeiro das correspondências trocadas entre o lógico brasileiro Newton da Costa e o filósofo peruano Miró Quesada. Este sugeriu o nome “paraconsistente” a Da Costa, sintetizando a partir daquele momento as revoluções que vinham sendo praticadas no interior das lógicas⁴⁹.

Krause (2017) explica que as lógicas paraconsistentes são usadas para fundamentar teorias onde se aceitam proposições em que uma seja a negação da outra. Gomes e D’Ottaviano dão detalhes sobre o nome:

“Paraconsistência” remete à abordagem lógico-dedutiva que se aplica à análise e ao estudo de contextos teóricos e racionais, os quais podem vir a conter inconsistências (contradições) sem que isso implique sua imediata trivialização ou falsificação. Os sistemas dedutivos subjacentes a esses contextos, capazes de codificar logicamente tal condição, são ditos sistemas lógicos paraconsistentes. (GOMES; D’OTTAVIANO, 2017, p.23).

⁴⁸ BOBENRIETH MISERDA, A. Inconsistencias ¿Por qué no? Un estudio filosófico sobre la lógica paraconsistente. Bogotá, Tercer Mundo, 1996, p. 51 *apud* GOMES; D’OTTAVIANO, 2017, p.359.

⁴⁹ Da Costa (2014, p.53) recorda o impacto do nome criado por Quesada: “Por coincidência, depois que este termo foi cunhado, a lógica paraconsistente se desenvolveu extraordinariamente. Isto parece corroborar a tese de que é preciso batizar com um nome muito bom uma nova teoria, uma nova disciplina, para que ela progrida rapidamente.”

Em outras palavras, se antes a expulsão da contradição era determinante para que houvesse uma lógica, surgiram modelos lógicos capazes de acolher as contradições sem a trivialização das teorias.

A descoberta das lógicas paraconsistentes é frequentemente atribuída, ainda que em diferentes graus, a três pesquisadores que desenvolveram suas teorias de forma independente: Stanisław Jaśkowski (1906 – 1965), Nicolai Vasiliev (1880 – 1940) e Da Costa. Krause, Gomes e D’Ottaviano analisam o caminho pavimentado por cada um destes atores científicos e que culmina na produção completamente sistematizada e original de Da Costa na década de 1960, sendo considerado pelos autores o fundador das lógicas paraconsistentes:

Jaśkowski, motivado pelas interpretações hegelianas e marxistas acerca da contradição, elaborou a lógica D2, que tolera contradições; a motivação de sua lógica provinha do fato de que a presença de enunciados contraditórios na linguagem ordinária é comum e o uso de hipóteses contraditórias costuma ser necessário para explicar fenômenos em ciência teórica. Newton da Costa, por sua vez, é muito claro nesse sentido, ao propor suas lógicas paraconsistentes C_n , $1 \leq n \leq \omega$, como sistemas lógicos alternativos, desenvolvendo, inclusive, lógicas de ordem superior, aptas a superar as limitações que a contradição impõe às teorias racionais no paradigma lógico-clássico. (GOMES, D’OTTAVIANO; 2017, p.39).

Entre 1910 e 1913 Vasiliev publica quatro artigos acadêmicos nos quais defende não só a derrogação do Princípio da Não Contradição, mas uma revisão completa na lógica tradicional clássica. Muito embora Vasiliev não tenha desenvolvido completamente suas ideias, explicitando todo o sistema de lógica condizente com as diretrizes que enumerou, é possível argumentar, como fazemos oportunamente, que ele delineia, especialmente, uma abordagem lógica nitidamente paraconsistente. (GOMES, D’OTTAVIANO; 2017, p.323).

Newton da Costa, com suas hierarquias paraconsistentes (há várias delas, cada uma encerrando infinitos cálculos), **deu uma contribuição decisiva para que nos libertássemos da máxima aristotélica.** [...] de fato, deu um passo além⁵⁰ de qualquer outro de seus predecessores. (KRAUSE, 2017, p.28).

Vê-se que os trabalhos de Vasiliev, Jaśkowski e Da Costa convergem, ainda que em tempos diferentes, para a criação e o reconhecimento de lógicas para além da tradição aristotélica.

⁵⁰ Segundo Krause (2017, p.28), os sistemas anteriores aos de Da Costa “não encerravam um cálculo quantificacional adequado, sistemas de ordem superior ou uma teoria de conjuntos”, ou seja, não configuravam uma estrutura capaz de fundamentar uma matemática.

Paradoxalmente, a contradição que é problema fundamental para a lógica clássica é também ensejo para uma extensão do campo da razão (DA COSTA, 2008b). Manter e suportar as contradições em vez de superá-las foi o que norteou as primeiras investigações de Da Costa, na década de 50, e o levou a um reconhecimento nacional e internacional.

D'Ottaviano e Feitosa (2003) assinalam que a evolução das pesquisas de Da Costa pode ser acompanhada nos textos “Nota sobre o conceito de contradição” (1958); “Observações sobre o conceito de existência em Matemática” (1959) e nos diversos artigos de 1963, contendo hierarquias de lógicas que facultavam a formulação de teorias inconsistentes e não-triviais. Os autores consideram que, àquela altura, as ideias do lógico e matemático brasileiro estavam “completamente desenvolvidas”. As lógicas paraconsistentes são apresentadas em sua tese de doutorado “Sistemas formais inconsistentes”, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1963.

No mesmo ano, prosseguem os autores, Da Costa teve publicada, na França, sua primeira nota sobre a lógica paraconsistente, tendo sido este o trabalho brasileiro pioneiro em lógica a ser publicado em um periódico de circulação internacional. A partir de 1968, o lógico passou a desenvolver seus cálculos em São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Os resultados de suas pesquisas produzidas nos sistemas paraconsistentes entre 1963 e 1974 podem ser encontrados no artigo “On the theory of inconsistent systems”, publicado em 1974 no “Notre Dame Journal of Formal Logic”.

O empreendimento científico de Da Costa naturalmente enfrentou a resistência dirigida às ideias disruptivas, sendo inclusive chamado de louco e egocêntrico⁵¹, mas não tardou a encontrar reconhecimento internacional:

⁵¹ Da Costa (2014, pp.52-53) comenta algumas lembranças: “Uma das primeiras vezes que tentei fazer conferência sobre lógica paraconsistente numa universidade brasileira, sugeriram-me que o melhor seria não pronunciá-la, para não comprometer minha carreira! [...] Havia um padre, que prezo muito, que me disse: ‘Olha, acho melhor você cancelar a conferência, porque tenho a absoluta certeza de que você está ficando psicótico. Um indivíduo que vem me dizer que vai derrogar o princípio da não contradição tem que ser maluco.’ E não foi só isso. Anos depois, um professor amigo meu convidou-me para fazer uma conferência numa das melhores universidades brasileiras, no Departamento de Matemática. [...] No dia da conferência, o professor me procurou muito sem jeito: ‘Lamentavelmente, não vai haver conferência; ela foi cancelada’. ‘Mas como, cancelada por quê?’ Ele ficou ainda mais sem jeito, não queria dizer, mas depois desabafou: ‘Meus colegas acham que não é possível uma lógica que não exclua contradições.’”

Desde 1964 as lógicas de Da Costa têm sido largamente estudadas por muitos lógicos de vários países, como Austrália, Bulgária, Itália, Polônia, Rússia e Estados Unidos, tendo muitos autores contribuído para o desenvolvimento dessas lógicas e da lógica paraconsistente em geral. (D'OTTAVIANO; FEITOSA, 2003).

A consagração de suas ideias, portanto, não foi imediata. Na publicação em homenagem aos 70 anos do filósofo Miró Quesada, Da Costa relata as dificuldades encontradas nos primeiros anos das lógicas paraconsistentes. No que concerne à cronologia levantada pelo fundador, Gomes e D'Ottaviano reafirmam o tortuoso processo de aceitação que finalmente culminou na validação da novidade na lógica:

Se hoje a paraconsistência é uma opção teórica dentre muitas alternativas, à época de sua proposição, em seus primórdios, foi a saga dos pioneiros da paraconsistência vencer resistências e trabalhar para que a nova postura diante da logicidade fosse admitida legítima, não apenas do ponto de vista teórico, mas também do ponto de vista paradigmático, ou seja, de que ela fosse admitida válida pela comunidade dos cultores e estudiosos da lógica. (GOMES; D'OTTAVIANO, 2017, p.474).

Dentre as críticas às lógicas paraconsistentes formuladas por variados pesquisadores, Gomes e D'Ottaviano (2017) salientam os trabalhos de Willard Van Orman Quine, que no livro “Filosofia da lógica” expõe comentários desfavoráveis às lógicas que toleram as contradições; e a posição de Karl Popper, que rechaça a manutenção das contradições nos sistemas lógicos.

Cabe aqui a ressalva do lógico e matemático brasileiro (DA COSTA, 2014, p.54)⁵² de que nem toda lógica paraconsistente derroga leis da lógica clássica. As proposições que se “comportam bem” satisfazem a lógica clássica, enquanto que as que se “comportam mal” derrogam alguns princípios, como o da não contradição: “Pode ocorrer que uma proposição e sua negação sejam ambas verdadeiras. Então, nessa forma, o princípio é derogado em grande parte das lógicas paraconsistentes.”

Posto isso, a criação das lógicas paraconsistentes não buscou rejeitar ou enterrar a lógica clássica, como se fosse possível um movimento de sobreposição. “Eu seria um idiota se achasse que a lógica clássica está errada. O que acredito é que ela tem um domínio de aplicações, mas, em certas circunstâncias, não se aplica”, ressalta Da Costa (2008b, p.3).

⁵² Conversa publicada originalmente pelos entrevistadores Márcio Peter de Souza Leite e Oscar Angel Cesarotto na publicação “Revirão”, número 3, Rio de Janeiro, outra, em dezembro de 1985. Também disponível na edição publicada em 2014 pela Cosac Naify do texto freudiano “A negação” e no site <http://www.marciopeter.com/entrevistas.html>.

A proposta, portanto, visava a uma alternativa lógica e, com o passar dos anos, suas aplicações foram além do escopo matemático e de domínios teóricos como a filosofia pura (DA COSTA, 2008a; GOMES; D'OTTAVIANO, 2017): hoje os sistemas paraconsistentes são encontrados e/ou despertam interesse em campos como a tecnologia, a ciência da computação, a medicina e a psicanálise, sendo aplicados no

controle de tráfego, computação flexível, base de dados, verificação automática de assinaturas, robótica, determinação do nível alcóolico de motoristas, redes neurais, diagnóstico médico, engenharia de produção, controle de energia em grandes usinas de produção etc). (DA COSTA, 2008a, p.7).

Krause (2004, p.72) explica que a capacidade de incluir pontos de vista contraditórios e opiniões divergentes sobre um mesmo assunto é fundamental para o desenvolvimento de sistemas computacionais mais inteligentes, especialmente na atual robótica ou no diagnóstico médico, em que um simples “sim” ou “não”, “verdadeiro” ou “falso” podem não qualificar adequadamente os acontecimentos. As lógicas paraconsistentes permitem “absorver inconsistências nos bancos de dados sem ter de eliminá-las (o que pode ser impossível)”.

Como enunciado acima, a Psicanálise, por meio de Lacan, apresentou declarado interesse⁵³ pelas lógicas paraconsistentes de Newton da Costa. Mas é este quem atribui ao psicanalista francês algumas de suas inspirações. Em 1986, no artigo “On Paraconsistent Set Theory” (“Sobre a teoria dos conjuntos paraconsistentes”, em tradução livre), publicado no periódico belga “Logique Et Analyse”, Da Costa recorta do seminário 20 de Lacan a esperada ocorrência de contradições para a Psicanálise:

A mais importante característica das teorias paraconsistentes é que elas nos permitem lidar com as extensões dos predicados “inconsistentes” que existem na vida real ou que são inerentes a alguns discursos presentes nos campos da ciência e da filosofia. Segundo vários dialéticos, por exemplo, existem contradições verdadeiras no mundo, e precisamos das lógicas paraconsistentes para lidar com elas. Analogamente, as contradições devem ser levadas em consideração em algumas teorias psicanalíticas: espera-se que o chamado discurso psicanalítico seja inconsistente ou que a

⁵³ Segundo Da Costa (2015), o psicanalista francês Jacques Lacan foi à Venezuela para proferir um seminário em Caracas, em 1980, e anunciou, logo que desembarcou, que gostaria de conhecer Newton da Costa. Foi quando descobriu que o lógico era brasileiro, e não venezuelano.

“metateoria” deste discurso esteja necessariamente envolta em contradições. (DA COSTA, 1986, pp.368-369).

O lógico brasileiro (2014, p.55) afirma que as quatro fórmulas que o psicanalista francês escreveu para teorizar a lógica do falo são “inaceitáveis do prisma da lógica clássica”, o que para Da Costa configura uma lógica aparentemente paraconsistente. “Ou melhor, ele pelo menos enunciou alguns princípios tais que, com base neles, é possível desenvolver uma lógica paraconsistente.”

Em sua produção científica, Da Costa (2014) abordou também a lógica não reflexiva, ou lógica de Schrödinger⁵⁴, que derroga o princípio da identidade, e desenvolveu a lógica para completa, na qual não vale a lei do terceiro excluído. Esta última compreende a lógica intuicionista, tratada por Lacan em seu ensino de psicanálise. “Assim, eu diria que Lacan, sob certos aspectos, foi um precursor não só da lógica paraconsistente, mas também da lógica não reflexiva e da lógica para completa em sentido amplo.” (2014, p.56).

O lógico brasileiro atesta significativo atravessamento pela Psicanálise desde a concepção das lógicas paraconsistentes. Na juventude, Da Costa (2014) já tinha sido apresentado aos textos de Freud pela mãe; e como analisando, já na vida adulta, observava contradições em suas sessões de análise e também nos sonhos. Pensou, então, na possibilidade de formalizar este discurso contraditório. Indagações complementares, no campo da matemática e do marxismo, motivaram sua renovação na lógica, como ele informa nesta entrevista:

Quando comecei a estudar os paradoxos de teoria de conjuntos, isto imediatamente me ocorreu: como posso fazer uma teoria de conjuntos em que o conjunto de Cantor exista e em que o conjunto de Russell exista? Isso imediatamente implica contradição, e analisei essa questão. E, também, interessava-me muito pelo marxismo, pela dialética e **pelas coisas que Freud escrevia sobre a lógica do inconsciente e outros assuntos**. Motivado por esses tópicos, especialmente pela teoria de conjuntos, desenvolvi a lógica paraconsistente. (DA COSTA, 2012, p.196, grifo meu).

O inconsciente freudiano, portanto, comparecia como inspiração para Da Costa. Não à toa o pioneirismo dele na lógica chamou a atenção para este trabalho de psicanálise.

⁵⁴ O austríaco Erwin Schrödinger, vencedor do Nobel de Física e conhecido pelo paradoxo do gato na caixa, sugeriu, segundo Da Costa *et al* (2012), que a propriedade reflexiva da identidade, também mencionada como “lei da identidade”, deixava de fazer sentido em muitas circunstâncias para as partículas quânticas.

Designada à exclusão nos modelos lógicos mais ancestrais e também naqueles da modernidade, a contradição foi resgatada de seu destino habitual por aqueles que nela reconheceram uma verdade e um solo para teorizações outras. Nomes como Łukasiewicz, Jáskoviski, Vasiliev, Da Costa e seus sucessores fizeram-na estimular formulações originais e cálculos desbravadores que alargaram o escopo de problemas que interessavam à lógica e à matemática e, portanto, à racionalidade. Surpreendentemente, o desdobramento das lógicas paraconsistentes ultrapassou os berços formais e filosóficos e atingiu aplicações cotidianas.

Contemporaneamente, no século 20, a Psicanálise faz retornar em seu espaço próprio a problemática da contradição. Pudemos ver que a incursão de Da Costa por este campo, tanto do ponto de vista de paciente quanto como um leitor das obras de Freud, o inspirou a demonstrar matematicamente, de forma análoga, o que o fundador da Psicanálise vinha afirmando sobre o inconsciente desde o alvorecer do novo século. Entende-se por que Da Costa assinale com Lacan ao afirmar que “como o inconsciente está estruturado como uma linguagem, e essa linguagem tem uma lógica subjacente paraconsistente, na psicanálise é importante se tratar de lógica paraconsistente.” (DA COSTA, 2014, pp.63-64).

Desde o século 20, a coerência de pensamento esperada pela racionalidade no tocante ao ser rachara-se em desencontros, desacordos e restos fundamentais à subjetividade. Mais que um aceno à incoerência nos discursos, o inconsciente jogava luz sobre nossas tão humanas inconsistências e relações paradoxais. Ou, como sintetiza Cesarotto (2014, p.68): “Há algo que é específico no agir do inconsciente, através até de um discurso que se pretende coerente. De repente, há incidências, alterações, aparecem contradições nesse discurso.”

4 O INCONSCIENTE E A CONTRADIÇÃO

O animal simbólico de nosso século não é mais a coruja de Minerva, nem o galo que canta a madrugada e anuncia o porvir, mas o rinoceronte de Ionesco. O rinoceronte, posto por Fellini a navegar num barquinho pela laguna de Veneza; o símbolo do absurdo em que vivemos e que, ao final, nós mesmos somos.

(Carlos Cirne-Lima, 1992)

A razão unificada, edifício do princípio da não-contradição, experimenta no século 20 um esfacelamento produzido por pensadores da razão fragmentada – Heidegger, Jaspers, Sartre e Wittgenstein, como argumenta Cirne-Lima (1996, pp.9-10) em estudo crítico sobre o valor da não-contradição para a Filosofia. Segundo este autor, razões particulares passam a ser apreciadas em suas lógicas internas, configurando subsistemas: a razão una e universal é substituída por “cacos e fragmentos”.

É justamente nesse período histórico que Freud inaugura um novo discurso, um que se apoia no desejo e refuta a realização da razão, colocando-a em posição de menor relevância. Este movimento não é feito dentro da Filosofia, mas sim inserido em uma produção de saber completamente nova, a Psicanálise.

A repercussão desta novidade não é apartada do contexto em que ocorre: desde Descartes, no século 17, a consciência era reverenciada como o lugar da verdade e também como identificação da subjetividade. Foi com o filósofo francês que a subjetividade recebeu sua primeira formulação, “cogito ergo sum”, traduzida para “penso, logo sou” (GARCIA-ROZA, 1985). Há, porém, uma distinção expressiva que localiza o pioneirismo freudiano. Ainda com Garcia-Roza (1985, p.14), vemos que a afirmação cartesiana demarca “a emergência da subjetividade, mas não a do sujeito, pois estamos acostumados a referir a subjetividade a um sujeito”.

Não é do homem concreto que Descartes nos fala, mas de uma natureza humana, de uma essência universal. O cartesianismo supõe uma universalidade do espírito como fundamento do cogito. Se este é tomado como ponto de partida, **não é para afirmar a singularidade do sujeito**, mas a universalidade da consciência (GARCIA-ROZA, 1985, pp.14-15, grifo meu).

Em outras palavras, o *cogito* de Descartes refere a um homem pensado como espécie. O sujeito que vigorava desde Descartes, passando por Kant (1724 – 1804) até Edmund Husserl (1859 – 1938), remetia ao conhecimento e era definido como “o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos” (ROUDINESCO; PLON, p.742).

Foi neste ambiente de sacralidade da razão e da consciência que Freud declarou o protagonismo do inconsciente e apontou a consciência como o lugar “da mentira, do ocultamento, da distorção e da ilusão” (GARCIA-ROZA, 1985, p.21). A razão, outrora sob reinado inquestionável, era mantida sob suspeita na Psicanálise. Seu criador, por sua vez, operara uma “inversão do cartesianismo que dificilmente pode ser negada” (GARCIA-ROZA, 1985, p.20).

Prossigo com Garcia-Roza, que analisa as consequências da criação freudiana no livro *Freud e o inconsciente*. Construído a partir da escuta clínica de sintomas, dos efeitos dos próprios sonhos e da própria vida, o conceito de inconsciente significou uma ruptura com o saber existente e a produção de um lugar próprio para a Psicanálise no conjunto de estudos sobre o homem⁵⁵, mesmo que arqueologicamente outros saberes já se dedicassem a este objeto, como a Psicologia, a Antropologia, a Psiquiatria ou a Filosofia. A revolução veio, em cores explícitas, com o descentramento do sujeito e a clivagem da subjetividade, que passara de “um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão” – o ‘penso, logo sou’ – para uma divisão do sujeito em dois sistemas, o Inconsciente e o Pré-Consciente/Consciente⁵⁶, com a razão sendo apenas “um efeito de superfície” (GARCIA-ROZA, 1985, p.22).

A singularidade que não é atingível pela filosofia – uma vez que ela se interessa pela universalidade, onde vige o princípio da não-contradição – é estatuto

⁵⁵ Sobre o ineditismo do que propunha, Freud (2010b [1915], p.104) comenta: “A tenaz rejeição do caráter psíquico dos atos anímicos latentes se explica pelo fato de a maioria dos fenômenos considerados não haver se tornado objeto de estudo fora da psicanálise.”

⁵⁶ Utilizo a inicial maiúscula para designar Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente nos momentos em que busco ressaltar a organização psíquica em sistemas diferenciados.

primeiro da teoria e cerne da prática psicanalítica. O sujeito pela ótica da singularidade porta questões que não podem ser generalizadas e que são redutíveis somente ao seu inconsciente e ao desejo que o anima. Não é um sujeito da verdade filosófica ou do conhecimento, mas sim totalmente submetido à verdade de um sujeito⁵⁷, sublinhada por aquilo que seu discurso deixa escapar. Desta forma, a escuta é inteiramente voltada ao que é singular. Jorge e Ferreira (2002, p.20) explicam que “a singularidade remete para a reconstituição, aqui e agora, da história de um sujeito”.

Lacan, no Seminário 1 ([1953-1954] 2009), salienta que a dimensão exclusivamente singular da experiência de uma análise é reiterada por Freud em cada um de seus grandes casos, uma vez que ele não aplicava um método e cada análise tinha caráter inaugural, em encontros sempre inéditos com a singularidade. Lacan não ignora que uma metodologia tenha sido deduzida das sessões, mas só era considerada método para outras pessoas. “A realização de uma análise é sempre um caso singular, mesmo que esses casos singulares se prestem não obstante a alguma generalidade, desde que há mais de um analista.” (LACAN, [1953-1954] 2009, p.33).

Garcia-Roza (1985) recorda que, antes da Psicanálise, institucionalmente o discurso individual só tinha lugar nos confessionários religiosos, por meio da confissão, este “exercício íntimo sem contato visual ou físico entre o confessor e o penitente” (ROUDINESCO, 2016, p.89).

Com Freud, o sujeito da consciência, passível de generalizações como gênero ou espécie, tem sua divisão “descoberta”. Ao contrário do indivíduo, que é indiviso e uno por constituição, o sujeito da Psicanálise é permanentemente dividido e não pode se unificar. Freud funda um novo campo ao suspender a lei da não-contradição e admitir a verdade e o conhecimento justamente a partir das frestas, contradições e fissuras do sujeito.

Mais tarde, no texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan ([1957] 1998, p.520) opera uma nova e direta distinção do

⁵⁷ Lacan ([1953-1954] 2009, p.33), em sua definição da “realização da verdade do sujeito”, assinala o caráter próprio e original que cada um dá à noção de realidade. É importante frisar aqui, a partir deste exemplo lacaniano e da teoria freudiana do inconsciente, que a verdade para a Psicanálise não coincide com a verdade para a Lógica. Novamente remeto o leitor à tese Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem, de Glória Maria Monteiro de Carvalho (1995), em que a autora traz importantes discussões sobre o erro e a verdade a partir do trabalho do lógico brasileiro Newton da Costa.

cartesianismo ao mostrar que o sujeito do inconsciente aparece justamente na hiância entre o que diz e o que pensa estar dizendo, chegando à afirmação "penso onde não sou, logo sou onde não penso". Neste movimento ele assinala a diferenciação entre o Eu, uma construção imaginária, do sujeito do inconsciente, regido pelo desejo. Complemento com a interpretação de Leite (2010) de que o "eu penso" não é o mesmo sujeito do "eu sou", pois o sujeito é barrado.

O desconhecimento sobre si que emoldura esta nova visão de sujeito foi o pressuposto básico da Psicanálise, como descreve Freud, em 1938, em seu manuscrito sobre o aparelho psíquico publicado postumamente. A data avançada diz respeito aos escritos inacabados que fazem parte do "Compêndio de Psicanálise"⁵⁸, destinados, nos últimos anos de vida de seu autor, a reunir as teses psicanalíticas em uma versão "mais resoluta" (FREUD, [1940] 2014, p.11).

No começo do primeiro capítulo, ele nos situa:

Do que denominamos nossa psique (vida anímica), duas coisas nos são conhecidas: primeiramente o órgão corporal e cenário da mesma, o encéfalo (sistema nervoso); em segundo lugar, nossos atos conscientes, que estão ao nosso alcance imediato e que não podem se tornar mais acessíveis por nenhuma outra forma de descrição. Tudo o que se encontra entre eles nos é desconhecido; não há uma relação direta entre esses pontos-limite de nosso saber (FREUD, [1940] 2014, p.15).

À época da criação da Psicanálise, duas noções da vida psíquica eram conhecidas, sendo a biologia, de um lado, e a consciência, do outro. A respeito do que poderia existir entre elas e que permanecia desconhecido, Freud planta duas suposições: a primeira concerne à localização disso que rege nossa vida anímica, "um aparelho com extensão espacial e constituição por diversas partes". A segunda, por sua vez, consiste na descrição do inconsciente e seu funcionamento; suas operações, portanto.

A partir dos manuscritos do "Compêndio", podemos deduzir que a suposição sobre a localização se refere às províncias do Isso, Eu e Supereu, em modelo

⁵⁸ O "Compêndio de Psicanálise", como assinalam Pedro Heliodoro Tavares e Gilson Iannini no posfácio da publicação da editora Autêntica (2014), consiste de manuscritos inacabados, mas não incompletos (em referência ao comentário feito por James Strachey em 1969). Escritos em um período de muita vulnerabilidade, após mais de uma década de tratamento contra um câncer que destruiu a mandíbula e o palato de Freud, os textos, que foram interrompidos no mesmo ano em que começaram, constituem um testamento em vida e uma preocupação com a transmissão da psicanálise.

desenvolvido em 1923 e conhecido como **segunda tópica**. A apresentação da mesma em sua tripartição deixa claro que não há unidade no psiquismo.

A outra suposição remete à **primeira tópica**, apresentada inicialmente em 1900, em “A Interpretação dos Sonhos”, e retomada em diversos textos posteriores, como “Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise”, de 1912, e “A repressão” e “O inconsciente”, ambos de 1915.

É importante frisar que as suposições a que Freud se refere nos seus escritos mais derradeiros foram desenvolvidas em momentos distintos de sua teoria, mas sem que uma tópica invalidasse ou se sobrepusesse à outra. Como observam Pedro Heliodoro Tavares e Gilson Iannini em “O testamento inacabado de Sigmund Freud” (2014, p.231), nesta publicação “coabitam a teoria do aparelho psíquico dividido em sistemas (inconsciente, pré-consciente e consciência) e instâncias (Isso, Eu e Supereu)”.

4.1 Os arranjos entre as pulsões

Freud aborda o aparelho psíquico sob três pontos de vista: tópico (os sistemas do inconsciente), dinâmico (remete ao pulsional, com os sistemas em conflito entre si) e econômico (refere aos investimentos). Começo por estabelecer a importância das pulsões na criação freudiana, anteriores até mesmo ao próprio sistema Inconsciente e a qualquer inscrição no aparelho psíquico (FREUD, [1915] 2015), e que demonstram os aspectos dinâmico e econômico dos processos psíquicos.

A doutrina⁵⁹ das pulsões é uma das mais emblemáticas contribuições da Psicanálise ao estudo dos desejos humanos. Com ela, “Freud descreveu a gramática de nossas escolhas e nossos desejos, a lógica de nossas fantasias inconscientes e os processos de transformação envolvidos nelas”, destacam Iannini e Tavares (2015, p.7).

⁵⁹ Freud emprega a palavra *Trieblehre* (sendo *lehre* ensino, doutrina), e não *Theorie*, à sua concepção sobre as pulsões (TAVARES E IANNINI, [1940] 2014, p.232). Ele chama sua doutrina de “nossa mitologia” em referência ao fato de ter criado o conceito de pulsão a partir de uma realidade não observável, porém passível de existência em uma construção teórica, com articulação com os achados empíricos.

As pulsões são essencialmente formuladas no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905. Sua conceituação é refinada na medida em que Freud expõe a teoria do aparelho psíquico, inclusive consagrando o ensaio “As pulsões e seus destinos” ao tema em 1915. Neste último, a pulsão é definida como

um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal⁶⁰. (FREUD, [1915] 2015, p.25).

Recolho também uma definição proposta por Freud em seus escritos derradeiros, escolhida por sua clareza e que será determinante para a exposição sobre as pulsões fundamentais:

Elas [*as pulsões*] representam as exigências corporais feitas à vida anímica. Ainda que sejam a causa última de qualquer atividade, são de natureza conservadora; de cada estado que um ser alcançou resulta um esforço por restabelecê-lo, tão logo ele tenha sido abandonado (FREUD, [1940] 2014, p.23).

Como visto no texto de 1915, trata-se de um estímulo bastante específico – e insistente – para o psíquico. Sobre as exigências corporais, Freud afirma que um estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo, e que possui uma força (ou pressão) constante. Por atacar deste espaço interno, não é possível fugir de sua eficácia. As pulsões portam uma necessidade que só pode ser suspendida com a satisfação, o que não significa necessariamente uma experiência de prazer.

Freud apresenta quatro elementos presentes nas pulsões, sendo eles:

- 1) a fonte: uma excitação em um órgão ou parte do corpo;
- 2) a pressão: o fator motor, a soma de força ou a medida da exigência de trabalho;
- 3) a meta: também conhecida por objetivo, visa a atingir a satisfação, ou seja, reduzir ou eliminar o estado de tensão provocado na fonte⁶¹; pode haver metas

⁶⁰ Aqui entendido não como o corpo da biologia, mas o corpo pulsional.

⁶¹ Novamente chamo a atenção para o que caracteriza a satisfação da pulsão: a experiência resultante pode não provocar prazer.

múltiplas, inclusive específicas e intermediárias antes que se chegue ao objetivo último da pulsão;

4) o objeto: variável, e não necessariamente material, é aquele que possibilita à pulsão atingir sua meta.

O número de pulsões existentes é indeterminado, mas sua totalidade pode ser redutível a duas fundamentais, considerando que as pulsões podem mudar sua meta ou se substituir, transferindo energia de uma para a outra. Estas pulsões elementares são referidas por Freud no “Compêndio de Psicanálise” ([1940] 2014) como *Eros e pulsão de destruição*.

A pulsão de Eros, também conhecida como *pulsão de vida*, tem por objetivo a ligação, ou seja, produzir unidades maiores e assim mantê-las. É nela que se encontram as oposições entre autoconservação x preservação da espécie e entre amor egóico x amor objetal; ou seja, a pulsão de vida (Eros) reúne as pulsões sexuais e de autoconservação que constituíam o primeiro dualismo pulsional freudiano⁶².

A pulsão de destruição, também chamada de *pulsão de morte*, caminha na direção de dissolver as conexões e destruir as coisas. A característica mortífera fica explícita em seu propósito de levar o organismo vivo ao seu estado anterior, um estado inorgânico.

Apesar do caráter oposicionista das pulsões fundamentais, há uma correlação muito viva entre elas, resultando na pluralidade de formas de viver de cada sujeito. Esta atuação é caracterizada tanto por uma combinação entre elas quanto em contradição entre si, ou seja, uma contra a outra. **A contradição, portanto, é inerente à própria fundação da Psicanálise no que caracteriza as pulsões.** Os exemplos dados por Freud são ilustrativos deste funcionamento paradoxal: “O ato de comer é uma destruição do objeto com a finalidade da incorporação, e o ato sexual, uma agressão com a intenção da mais íntima unificação” (FREUD, [1940] 2014, p.25, grifo meu).

⁶² Garcia-Roza (1985) registra que este primeiro dualismo, entre pulsões sexuais x pulsões de autoconservação (pulsões do eu), foi apresentado por Freud em [1910b] 2013, no texto “Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão”. O segundo dualismo, de caráter substitutivo do primeiro, é proposto após 1920, quando Freud publica “Além do princípio do prazer” ([1920a] 2010), mas já tinha seu embrião no artigo “Introdução ao narcisismo” ([1914a] 2010), quando ele chega à conclusão de que a autoconservação é um amor a si mesmo.

Freud ([1940] 2014) segue em seu didatismo ao demonstrar os efeitos das diferentes proporções nas combinações das pulsões. Mais intensidade na agressividade sexual pode transformar um(a) amante em um(a) assassino(a) passional; já a redução substancial do fator agressivo pode resultar em alguém tímido ou impotente.

Os desdobramentos das combinações pulsionais podem ser percebidos no dia a dia, como pudemos ver nas situações anteriores; porém, as pulsões em si não constituem uma realidade observável. Garcia-Roza (1985, p.115) as considera “autênticas ficções científicas”, em referência ao caráter mitológico atribuído ao conceito de pulsão pelo próprio Freud: “ela nunca se dá por si mesma (nem a nível consciente, nem a nível inconsciente)” e só se dá por conhecida por meio de seus representantes, que são a ideia (*Vorstellung*) e o afeto (*Affekt*).

Em vista disso, ideia e afeto são representantes psíquicos da pulsão, sendo este último a “expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional” (GARCIA-ROZA, 1985, p.117). Mas apenas um deles, o representante ideativo, está inscrito no inconsciente e pode chegar à consciência. O afeto, por sua vez, não pode ser inconsciente (FREUD, [1915b] 2010): ele precisa estar ligado a uma ideia para existir desta forma.

Freud esclarece que uma pulsão é indestrutível: não há como inibi-la ou impedi-la de buscar a satisfação. Porém, a censura lhe impõe uma modificação em sua natureza, o que acarreta em desvios e adiamentos da satisfação. As transformações provocadas nos representantes ideativos correspondem aos quatro destinos diversos enumerados por Freud ([1915c] 2015) e envolvem os desencontros do sujeito consigo mesmo:

1. A reversão em seu contrário;
2. O retorno em direção à própria pessoa;
3. O recalque;
4. A sublimação.

Na reversão em seu contrário, o objetivo da pulsão é que é revertido, seja ao passar da atividade (ver) para a passividade (ser visto); ou ao sofrer uma inversão de conteúdo, cujo único caso é o amor transformado em ódio.

No segundo destino possível, a pulsão retorna em direção ao próprio sujeito, o que caracteriza uma mudança do objeto, mas sem variação da meta. É o que ocorre com o sadismo que se volta contra o próprio eu na sua relação com o masoquismo⁶³ ou o voyeurismo (o olhar dirigido a um objeto alheio) que converge no exibicionismo, ou seja, a contemplação do próprio corpo (o olhar atraído para si).

O recalque como destino será objeto de exposição detalhada no item a seguir. Por agora, adianto que ele ocorre nas situações em que a satisfação de uma pulsão representa uma ameaça a outras exigências.

Na sublimação, a meta é modificada para um alvo não sexual, porém socialmente valorizado. Este destino concerne às atividades humanas de criação literária, artística e intelectual que não possuem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que nascem da força da pulsão sexual, como destacam Roudinesco e Plon no “Dicionário de Psicanálise” (1998).

Ainda que por Freud sejam apresentados esses quatro destinos da pulsão⁶⁴, eles se referem, na realidade, aos desígnios do representante ideativo. A ação do recalque sobre a ideia atinge o afeto⁶⁵, uma vez que provoca a ruptura entre ambos, mas reserva-lhe outros três tipos de transformação (lembrando que um afeto jamais pode ser recalado, já que ele não é inconsciente):

ou o afeto continua como é, no todo ou em parte; ou se transforma num montante de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em angústia; ou é suprimido, ou seja, seu desenvolvimento é impedido. (FREUD, [1915b] 2010, p.116).

Com sua “mitologia” das pulsões, Freud pôde remeter a uma origem psíquica as mais desconcertantes e inusitadas expressões do humano. Por meio dela podemos entender um empuxo sexualmente agressivo convertido no sublime da arte, ou o movimento de transformação do amor em ódio no interior do próprio percurso pulsional. É exemplar o comentário feito pelo analista primordial (FREUD,

⁶³ Embora este trabalho não vá se deter sobre a problemática desta relação, cabe pontuar que Freud não chegou a uma decisão quanto à ordenação entre sadismo e masoquismo. Sobre isso, recomendo a leitura de Laplanche e Pontalis (2001).

⁶⁴ O foco de meu trabalho é discutir as contradições, e não as pulsões, que sem dúvida são tema de discussão inestimável promovida por Lacan no “Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, de 1964.

⁶⁵ Laplanche e Pontalis (2001, p.9) designam por afeto a expressão qualitativa, ou seja, uma tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional e das suas variações.

[1909b] 2015, p.246) acerca dos desejos de morte que o pequeno Hans, de “índole extraordinariamente bondosa e terna”, direciona ao pai:

Hans também ama profundamente o pai, por quem nutre esses desejos de morte, e, enquanto sua inteligência põe reparos à contradição, ele não pode deixar de provar a existência dela, batendo no pai e, logo em seguida, beijando o lugar acertado. Também nós não devemos nos escandalizar com essa contradição; é desses pares de opostos que se compõe a vida emocional do ser humano; e talvez não chegasse a haver repressão e neurose, se assim não fosse. (FREUD, [1909b] 2015, p.246).

As operações psíquicas não só refletem as combinações contraditórias de pulsões como demonstram que, no sujeito, a unificação como ser não passa de um ideal constantemente “atacado” por desvios e transformações rumo à satisfação pulsional. Sem a possibilidade de sustentar-se como “um inteiro” e, portanto, em um dizer **sem contradição**, resta ao falante reconhecer seus truncados arranjos subjetivos.

4.2 O recalque, alicerce do inconsciente

Como vimos, a satisfação pulsional característica do aparelho psíquico não percorre caminhos desimpedidos de outras exigências. Se identificada como uma ameaça, dela depreende-se um mecanismo responsável por redirecionar ideias e afetos. O recalque, assim como o inconsciente, apresenta-se por seus efeitos, que endereçam ao sujeito as fontes de seu conflito psíquico. Foi com os estranhamentos, lacunas e desconexões presentes nos sintomas das histéricas que Freud pôde postular sobre um novo jeito de ler o sofrimento humano e, como efeito da escuta da histeria, dar voz a mulheres cujas angústias permaneciam confinadas no corpo.

A investigação clínica das histéricas realizada junto a Josef Breuer (1842 – 1925) deu-se em um tempo em que Freud falava de subtração da consciência, mesmo antes da formulação da hipótese do inconsciente. Suas primeiras elaborações sobre a vida anímica já traziam indicações fortes de uma interrogação sobre a Razão e a unidade.

Freud foi afetado pelo fenômeno da histeria que acometia especialmente mulheres no século 19 e intrigava parte da comunidade científica por sintomas

enigmáticos não respondidos pelo olhar orgânico da medicina. É preciso lembrar, junto a Roudinesco e Plon (1998), que a histeria havia percorrido o tempo com as significações de “doença orgânica de origem uterina”; expressão de mulheres sem alma; pecado sexual de mulheres possuídas pelo demônio; bruxaria e, só a partir do século 18, uma doença dos nervos. Foi no século seguinte, com o neurologista francês Jean-Martin Charcot, que passou a vigorar a hipótese de uma doença funcional com causa traumática conectada ao sistema genital de homens e mulheres. Para Roudinesco e Plon, ao fazer da doença uma neurose e, portanto, refutar as acusações de que os sintomas eram uma simulação, Charcot “devolveu dignidade à histeria”.

Como pode-se depreender das significações dadas à histeria, à época poucos se interrogaram sobre suas causas e a relação com o sujeito. Freud iniciou um percurso científico que permanece produzido perguntas na contemporaneidade. Em tese de doutorado que se transformou no livro “Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade” (2016), Maria Rita Kehl aprofunda a investigação dos laços entre a histeria do século 19 e a subjetivação das mulheres.

O trabalho de Kehl conjuga o exame das produções discursivas e do campo imaginário presentes no modo de vida burguês da época com a análise do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Segundo a autora, o romancista capturou em sua obra os desajustes das mulheres frente à condição feminina a que estavam submetidas. Este descompasso não poderia ter outra produção que não a sintomatologia histérica.

A histeria, forma do mal-estar feminino por excelência no século XIX, teria sido uma solução de compromisso, por parte das mulheres, entre antigas posições acompanhadas de modalidades já bem delimitadas de gozo e novos anseios que acarretavam angústias características do retorno do recalcado. (KEHL, 2016, p.15).

Espremidas entre as próprias fantasias e o compromisso com o casamento, aquelas mulheres pareciam sucumbir, via sintomas, mediante um destino não idealizado por elas. Ao fim do século XIX, muitas delas, como Ida Bauer, eternizada no “Caso Dora”, recorreram a Freud para tratar de seus suplícios. Extraio dele uma observação sobre a analisanda:

Depois, quando a menina se tornou mulher e, em total contradição com as exigências de sua infância, acha-se casada com um homem sem consideração, que reprime sua vontade, aproveita-se impiedosamente de sua capacidade de trabalho e não lhe dedica afeição nem lhe cobre nenhuma despesa, então a doença se torna a sua única arma para afirmar-se na vida. (FREUD, [1905a] 2016, p.221).

Freud encontrou na fala das pacientes algum escoamento do sofrimento e raízes multifatoriais, relacionadas entre si não pelo acontecimento ou pela cronologia, mas por encadeamentos simbólicos. Além disso, o que era registrado pelo aparelho psíquico das “enfermas” não era necessariamente acessível como lembrança, o que apontava para um processo psíquico complexo e dinâmico, com retenções e transformações no material discursivo.

O que o afetava no encontro com as histéricas, ainda de forma embrionária, mas já pulsando como questão, ganhou formulação em 1911, na comunicação “Princípios básicos da Psicanálise”, realizada em um congresso internacional e publicada dois anos depois. Ali Freud apresentou as relações entre a histeria e os ditos “conteúdos” subtraídos da consciência:

Provou-se que os sintomas histéricos são restos (reminiscências) de profundas experiências afetivas que foram subtraídas à consciência cotidiana, e que sua forma é determinada, de uma maneira que não permite descarga motora, por particularidades do efeito traumático das experiências. (FREUD, [1913a] 2010, p.270).

Nesta citação, Freud remonta os sintomas histéricos a marcas psíquicas oriundas de experiências traumáticas subtraídas da consciência. Não é diferente do que ele afirmará no texto de 1912 “Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise” (2010), em que retoma a questão e destaca as forças responsáveis por excluir o pensamento inconsciente da consciência e por fazerem oposição à sua acolhida. Mais adiante Freud (ROUDINESCO; PLON, 1998) substituiu a hipótese traumática referente às reminiscências pela teorização em torno da fantasia das histéricas. Ele manteve, assim, a questão sexual na gênese dos sintomas neuróticos; porém, não mais pela via genital, mas, sim, da libido.

Já nos primórdios da Psicanálise, nos “Estudos sobre histeria” (1893-1895), Freud se perguntava sobre que força psíquica se opunha, nos pacientes, à lembrança precipitadora do sintoma. Estas forças, que mais tarde configurariam a

teoria da defesa, seguida pela teoria do recalque⁶⁶ (também conhecida como teoria da repressão), foram fundamentais para que Freud chegasse à sua concepção de inconsciente, refutando a noção de dupla consciência adotada na época.

Quanto à defesa, ela incidia sobre ideias que provocavam vergonha, dor psíquica, desaprovação ou prejuízo para seu pensador:

Aproximou-se do Eu do paciente uma ideia que se revelou intolerável, que despertou, da parte do Eu, **uma força de repulsão cujo propósito era a defesa contra essa ideia intolerável**. Tal defesa foi bem-sucedida, a ideia em questão foi impelida para fora da consciência e da lembrança, e aparentemente seu rastro psíquico não podia ser encontrado. Contudo, esse rastro devia existir. Quando eu me empenhava em dirigir a atenção para ele, sentia como resistência a mesma força que, na gênese dos sintomas, havia se mostrado como repulsão. (FREUD, [1893-1895] 2016, p.378, grifo meu)

A expulsão de ideias da consciência não culminava em uma eliminação, mas, sim, em um isolamento delas por meio de um agrupamento especial. Nas histéricas, Freud fala de defesa do Eu e expulsão de ideias da consciência; já em “O caso Schreber” (1911), na medida em que suas investigações avançaram especialmente com o estudo da psicose, ele pôde afirmar que o que era um mecanismo de defesa tornara-se um mecanismo constitutivo do inconsciente (JORGE, 2005). Desta forma, o recalque⁶⁷ – “o pilar em que repousa o edifício da psicanálise, a parte mais essencial dela” (FREUD, [1914b] 2012, p.257) – é o responsável pela divisão psíquica do sujeito. Como podemos ver, diferentemente da defesa, o recalque não está ligado ao Eu, mas sim, mais próximo à noção de um mecanismo⁶⁸.

⁶⁶ É importante frisar que mesmo o recalque tendo se transformado de um mecanismo de defesa a um mecanismo constitutivo, *defesa*, *repressão* e *recalque* não são sinônimos, ainda que Laplanche e Pontalis (2001) apontem momentos na obra de Freud em que este os utiliza de uma maneira mais ou menos sinonímica. Não parece apropriado supor que possam ser sinônimos. Este trabalho acompanha Jorge (2005, p.22) quanto a isso, que se empenha em distinguir os termos defesa, recalque e repressão: “o recalque independe de uma ação externa coercitiva, pela qual se caracteriza a repressão”. O autor esclarece que o recalque, por ocorrer entre diferentes sistemas psíquicos, é um mecanismo estrutural, que não depende da ação externa, e estruturante.

⁶⁷ Encontrado como “repressão” em traduções para o inglês (*repression*), espanhol (*represión*) e português (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.430), a exemplo das publicações da Imago e da Companhia das Letras. Jorge (2005, p.22) aponta elementos que distinguem o recalque da repressão, como o fato de que o primeiro ocorre entre diferentes sistemas psíquicos e independe de uma ação externa coercitiva – condição necessária para que haja a repressão.

⁶⁸ Este trabalho não tem como meta a discussão conceitual de defesa e recalque, mas sim o que caracteriza em Freud o inconsciente e a divisão psíquica, raiz das contradições no dizer. Desde as histéricas estão postos a questão da clivagem e o desconhecimento de si mesmo, responsáveis pela impossibilidade de unificação do sujeito. É importante lembrar que Lacan discute a questão do recalque como parte da mecânica do inconsciente no Seminário 1.

Em 1915, ano de publicação dos mais notórios textos da metapsicologia⁶⁹, Freud dedicou uma exposição teórica ao recalque sob o título *Die Verdrängung*. A essência deste mecanismo é “rejeitar e manter algo afastado da consciência” ([1915a] 2010, p.85). Esta operação, no entanto, pressupõe uma divisão psíquica entre consciência e fora da consciência – o que só ocorre com o corte feito no psiquismo pelo recalque.

Freud, então, propôs um recalque originário (*Urverdrängung*), antecessor de todos os processos e constitutivo do inconsciente. Ele seria uma primeira fase do recalque, em que é negado à representante psíquica da pulsão (a ideia) o acesso ao consciente. Conseqüentemente, produz-se uma fixação; a partir dela, a representante em questão permanece inalterável, enquanto a pulsão continua ligada a ela. Esta cisão psíquica funda o inconsciente, “funcionando como polo de atração para os elementos a recalcar” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.433). Garcia-Roza destaca este movimento de atração exercido pelo recalque original:

Antes de serem formados os sistemas Inconsciente e Pré-Consciente/Consciente, certas experiências cuja significação inexistente para o sujeito são inscritas no inconsciente e têm seu acesso à consciência vedado a partir de então. Essas inscrições vão funcionar como o “recalcado” original que servirá de polo de atração para o recalque propriamente dito. (GARCIA-ROZA, 1985, p.159).

Do excerto acima podemos perceber que o recalque originário corresponde a uma inscrição da pulsão no inconsciente, mas sem uma significação correspondente. Este mecanismo primordial tornará possível o recalque secundário ou posterior (*Nachdrängen*).

Continuo com Freud em 1915a (2010). Não é apenas a força de repulsa do Consciente que age sobre o material a ser recalqueado. Há, na mesma medida, uma atração exercida pelo que foi primordialmente recalqueado. É a atuação conjunta destas forças que faz com o que o inconsciente acolha o que é repellido da consciência.

Talvez a dedução que Freud precisou fazer tenha a ver com essa força de atração que impede que determinadas “representações” atravessem a barreira. Em

⁶⁹ Os escritos da metapsicologia freudiana visam a apresentar as bases teóricas mais elementares da psicanálise, como inconsciente, pulsão e recalque, encontradas nos textos “As pulsões e seus destinos”, “A repressão”, “O inconsciente”, “Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos” e “Luto e melancolia”, todos de 1915. Freud ([1915b] 2010, p.121) cunha o termo metapsicologia ao se referir à análise dos processos psíquicos sob o ponto de vista dinâmico, tóxico e econômico.

outras palavras, o recalque originário vem como a marca inconsciente para que se sustente a existência do inconsciente.

Antes desse estágio de organização psíquica em sistemas, ou seja, da fundação do inconsciente, Freud ([1915a] 2010) esclarece que a defesa frente às pulsões cabia aos destinos de reversão em seu contrário e retorno em direção à própria pessoa.

Com a clivagem psíquica, o conflito entre os sistemas diferenciados produz o recalque secundário, de modo a impedir que determinadas representações inconscientes cheguem ao consciente. Como pode-se ver, trata-se de um processo ativo, que atinge os derivados psíquicos da representante recalçada ou as cadeias de pensamentos que se vincularam a ela, mesmo tendo uma origem diferente. Estas representações sofrem o mesmo destino do que foi reprimido primordialmente, o que faz com que este recalque seja um recalque posterior (*Nachdrängen*).

A esse respeito, vale a pena trazer a interpretação pujante de Azeredo (2005) sobre o recalque originário, pensada por meio de Lacan e da temporalidade lógica.

Pela definição freudiana, o recalque originário estabelece um núcleo de atração do recalque propriamente dito. O único mecanismo do recalque originário é o contrainvestimento, que consiste na força de repulsão da representação lcs que tenta chegar ao sistema Cs. O que chama a atenção de Azeredo é o paradoxo em torno do contrainvestimento, que só poderia ocorrer se já houvesse a instituição dos sistemas diferenciados, e esta é uma divisão fundante que apenas o recalque originário pode realizar.

Segundo Azeredo, o recalque originário responde à estruturação do psiquismo com uma temporalidade lógica, em que Lacan privilegia o efeito *a posteriori*, e não com uma anterioridade cronológica, o que demandaria que Freud pensasse em um pré-inconsciente ou em uma herança filogenética.

O autor cita Cosentino (1996) e sua analogia, também a partir de Lacan, de uma fundação do psiquismo a partir da ausência, e uma consequente estruturação do inconsciente em torno da perda do objeto. Desta forma, Azeredo declara que “o recalque originário é a premissa lógica do recalque propriamente dito. [...] O segundo tempo recupera (funda) o primeiro”; ou seja, os sistemas psíquicos são constituídos em operação de retroação marcada pela articulação dos significantes – lembrando que um significante só tem valor em relação a outro significante na cadeia associativa.

Ao se perguntar sobre a origem do contrainvestimento no recalque originário, Azeredo chega ao desejo do Outro postulado por Lacan, cuja função é prover uma espécie de inscrição da falta que nos é fundante. Azeredo deposita no desejo do Outro o ponto de retorno do recalcado e o marcador da divisão do sujeito.

Após este breve parênteses, retorno a Freud. No recalque secundário, o representante ideativo tem sua relação com o sistema Pré-Consciente/Consciente perturbada, mas consegue manter suas características no sistema Inconsciente. Isso significa que ele pode formar derivados, realizar associações e continuar se organizando. Alguns destes derivados, inclusive, podem passar por deformações e transformações em seus elos associativos o suficiente para se distanciar da representante recalçada, de maneira a finalmente conseguir acesso ao Consciente.

As deformações fazem parte da lógica do inconsciente e inevitavelmente vão marcar os dizeres do sujeito. O recalçamento secundário deixa passar para outro sistema aquilo que não encontraria expressão na fala senão pela deformação; e é ela que o psicanalista escuta, inclusive na forma de uma contradição. Não é sem razão e de interesse para este trabalho que se escute Freud dizer que

no exercício da técnica psicanalítica, exortamos continuamente o paciente a produzir tais derivados do reprimido [recalcado], que devido a sua distância ou deformação podem passar pela censura do consciente. Não são outra coisa os pensamentos espontâneos que dele solicitamos, através da renúncia a todas as ideias intencionais conscientes e a toda crítica, e a partir dos quais reconstituímos uma tradução consciente da representante reprimida [recalcada]. (FREUD, [1915a] 2010, p.88).

A escuta destes derivados do inconsciente é fundamental para a análise. A cada um deles é reservado um destino particular, condicionado à quantidade/qualidade de deformação realizada. Freud oferece um exemplo de transformação que responde por certas contradições no modo de ser do sujeito:

Nisto se compreende que os objetos favoritos dos homens, seus ideais, provenham das mesmas percepções e vivências que os mais execrados por eles, e que originalmente eles se diferenciem uns dos outros apenas por mudanças mínimas. (FREUD, [1915a] 2010, p.89).

No exemplo, a oposição *favoritos/execrados* possui a mesma raiz, em explícita ocorrência de produções contraditórias pelo mesmo falante.

O acesso à consciência dos derivados também pode ocorrer a partir de uma modificação nas condições do prazer-desprazer. É o caso das piadas, em que uma

produção de desprazer é, também, portadora de prazer, resultando em uma suspensão provisória do recalque. Esta suspensão é aspecto essencial às formações do inconsciente, a exemplo do mecanismo do chiste⁷⁰.

Freud ([1915a] 2010) enfatiza que o recalque não é uma ocorrência isolada de defesa, cujo resultado é duradouro; é, por sua vez, um mecanismo em contínua atividade, o que implica um constante gasto de energia. Isso porque o recalcado realiza uma pressão constante em direção à consciência, demandando uma contrapressão ininterrupta. Sob determinadas condições, o recalcado tem êxito em seu retorno, mas não sem os conflitos inerentes à transformação pela qual passou durante a censura.

O recalque é de fato um pilar essencial no funcionamento do inconsciente na medida em que é este mecanismo que suspende o princípio da não-contradição, mantendo a relação tensa e possível entre expressões contraditórias com uma mesma origem. Não foi outra coisa que pretendi mostrar ao eleger o par *favorito/execrável* no texto freudiano.

4.3 Os sistemas do aparelho psíquico

Tendo apresentado os mecanismos responsáveis pelo funcionamento do inconsciente, passo agora a abordar a primeira e a segunda tópica freudianas.

Supor a existência do inconsciente em uma época em que toda a atividade psíquica dos seres humanos era atribuída à consciência não foi uma tarefa simples. Quinze anos depois de apresentar ao mundo sua original hipótese – o “algo totalmente diferente” trazido pela psicanálise, segundo Foucault ([1979] 1984, p.266) –, Freud publicou um texto metapsicológico intitulado “O inconsciente”, onde declarava que sua suposição não só era necessária, como também, legítima. O ponto de partida eram as lacunas encontradas nos dados da consciência:

[...] tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho. Esses atos não são apenas as ações falhas e os sonhos dos indivíduos sadios, e tudo o que é chamado de sintomas e fenômenos obsessivos na psique dos doentes – nossa

⁷⁰ Sobre este assunto remeto os leitores à original teorização feita por Freud em 1905 no livro “O chiste e sua relação com o inconsciente”.

experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós. (FREUD, [1915b] 2010, p. 101).

A existência de lacunas mostra a insuficiência da hipótese de que o consciente respondia por toda a atividade mental do sujeito. O que Freud salientava é que, a despeito das (supostas) certezas oferecidas pela consciência, havia sombra e indefinição em muitos atos e pensamentos humanos, o que os tornava desconexos e incompreensíveis à luz da consciência.

Colocados sob o regimento do inconsciente, **o contraditório, o ilógico e o absurdo eram coerentes e faziam sentido**, o que dava ao criador da Psicanálise a justificativa para apostar no que havia além da experiência imediata. Tal aposta foi paga com o método analítico, que ao influir no curso dos processos conscientes, comprovava a existência do inconsciente e destituía a “inadequada identificação convencional entre o psíquico e o consciente” (FREUD, [1915b] 2010, pp. 101-102).

Tratava-se de uma subversão: se antes a consciência desfrutava do mais alto posto do saber, com Freud ela não passava de um efeito do inconsciente, em uma relação de submissão e decorrência:

[...] a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve, de qualquer maneira, achar-se em estado de latência por longos períodos de tempo, ou seja, em um estado de inconsciência psíquica. (FREUD, [1915b] 2010, p. 102).

Por não possuírem uma concepção fisiológica ou processo químico que denotasse sua essência, esses estados latentes, ou seja, fora da consciência, eram “completamente inacessíveis” em termos de características físicas. Mediante o trabalho de análise, porém, podiam transformar-se em processos psíquicos conscientes e receber descrições típicas da consciência, como “representações, decisões, aspirações etc” (FREUD, [1915b] 2010, p.104).

O ato de colocar foco primordial nesses estados latentes permitiu à Psicanálise eleger objetos de estudo fenômenos até então negligenciados, como os

sonhos e os lapsos das pessoas “normais”⁷¹. Tanto loucura quanto sanidade atestavam a existência do inconsciente por meio de seus efeitos.

Entretanto, a ausência de materialidade do inconsciente impunha outros desafios à hipótese de Freud, que os respondeu com humildade científica. Para ele, os processos dos quais a Psicanálise se ocupava eram tão intangíveis quanto aqueles que interessavam às ciências químicas ou físicas, mas era possível estabelecer as leis que os regiam.

Para a elaboração de uma teoria do funcionamento psíquico, novos conceitos deveriam ser criados, como o de pulsão, com a natural expectativa por correções e aprimoramentos. Freud ([1940] 2014, p.49) recorda que os conceitos fundamentais da Psicanálise “permanecem por longo tempo tão indeterminados quanto os das Ciências mais antigas (força, massa, atração)”.

Há de se ressaltar que o mesmo aparelho psíquico que serviu como ferramenta de observação e experiência nas demais ciências é, para a Psicanálise, o seu objeto. É por meio dele que se testemunham as lacunas no material conhecido e se fazem as inferências que permitem uma tradução para a consciência. Tendo elaborado teorizações específicas sobre o inconsciente em 1900, 1915, 1923 e 1938, Freud define, então, **três qualidades psíquicas** diferenciadoras do trabalho anímico e que também constituem **sistemas**: Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente.

No tocante aos sistemas mencionados, o aparelho psíquico necessariamente percorre um sentido progressivo-regressivo, como caracterizado em “A interpretação dos sonhos”:

A rigor, não há necessidade de supor uma ordenação realmente *espacial* dos sistemas psíquicos. Basta que se estabeleça uma ordem fixa, na qual, em certos processos psíquicos, os sistemas sejam percorridos pela excitação em determinada sequência *temporal*. (FREUD, [1900] 2019, p.587).

Como nossa atividade psíquica se inicia com estímulos (internos ou externos) e termina em descargas motoras, Freud (1900) atribui ao aparelho uma extremidade sensível, identificada como sistema perceptivo (Pcp), e uma extremidade motora

⁷¹ A presença das formações do inconsciente em pessoas consideradas saudáveis, como esquecimentos de nomes e atos falhos, é fartamente analisada por Freud na obra “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, de 1901.

(M). Ao passar pela estrutura Pcp, as percepções deixavam traços de memória que imprimiam modificações permanentes nos elementos do sistema. Desta forma, uma parte do sistema recebia os estímulos, sem registrá-los, enquanto a outra ficava encarregada de armazenar estes traços, que foram chamados de traços mnêmicos (Mn).

O trabalho com os sonhos havia mostrado para Freud que uma instância psíquica exercia uma crítica sobre a atividade da outra instância e a excluía da consciência, o que o levou a concluir que a instância que critica se encontra entre a criticada e a consciência.

O sistema *Consciente*, designado *Cs*, é definido por Freud ([1940] 2014) como equivalente à consciência dos filósofos e do imaginário popular. A fugacidade é uma característica: algo só é consciente por um momento. Um processo pode tornar-se consciente, deixar de sê-lo logo em seguida e, sem maior esforço, ser lembrado na sequência – uma situação facilmente observável em nossos pensamentos, que podem ser percebidos conscientemente e subitamente serem extintos. À porção do Inconsciente que pode trocar seu estado inconsciente para o consciente foi dado o nome (FREUD, [1900] 2019) de *Pré-Consciente*, assinalado como *Pcs*.

Essa distinção em Consciente e Pré-consciente aponta para o fato de que nem todos os conteúdos e processos psíquicos latentes encontram caminho livre para se tornarem conscientes. Aqueles que precisam ser inferidos ou traduzidos para o Consciente constituem um terceiro segmento, o Inconsciente propriamente dito, representado como *Ics*.

Nesse sistema os processos psíquicos possuem características peculiares e obedecem a leis próprias, distintas daquelas que operam no Pré-Consciente. Não notamos as ideias inconscientes, mas aceitamos sua existência a partir dos indícios observados tanto em estados patológicos, pelos sintomas, como na normalidade de sonhos, equívocos de memória, esquecimentos de nomes e outros efeitos do inconsciente (FREUD, [1912a] 2010).

4.4 Os sonhos e as contradições

O conjunto de leis que regem o lcs é chamado de *processo psíquico primário* e aponta para uma mobilidade de investimentos no interior deste sistema. Esse processo pode ser observado com clareza a partir dos sonhos. O material onírico produzido durante o estado de sono recebeu de Freud o mais alto valor, conforme escreve no texto “Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise”: “a psicanálise se baseia na análise do sonho; a interpretação dos sonhos é o trabalho mais completo que a jovem ciência realizou até agora” ([1912a] 2010, p.265). Nesta direção, passo, a seguir, à argumentação de como as operações envolvidas na formação e interpretação de um sonho sustentam a constituição de contradições.

A interpretação do relato do sonho permitiu a Freud sistematizar os processos envolvidos na formação do conteúdo onírico. Tipicamente, nossa atividade mental durante o dia desperta uma série de pensamentos (os chamados vestígios diurnos) que passam a ser de interesse reduzido na medida em que o sono chega e nos preparamos para dormir. À noite, ao adormecer, estes restos diurnos conectam-se a um dos desejos inconscientes que existem em nossa psique desde a infância, mas que foram recalçados e excluídos da consciência. Esta ligação ao conteúdo inconsciente dá a força necessária para que os pensamentos até então vetados cheguem à consciência por meio do sonho. Neste trânsito, Freud separa três acontecimentos:

1. Os pensamentos experimentaram uma transformação, um disfarce e distorção, que representa a participação do aliado inconsciente;
2. Os pensamentos conseguiram ocupar a consciência num momento em que ela não devia lhes ser acessível;
3. Um pedaço do inconsciente emergiu na consciência, o que normalmente não seria possível. (FREUD, [1912a] 2010, pp.265-266).

Transformação, disfarce e distorção são ações realizadas pelos processos de condensação e deslocamento de modo a ocultar os desejos inconscientes, via linguagem, e realizá-los na segurança e intimidade do plano onírico. O sonho é, portanto, produto primoroso de uma censura, evidenciada pelas partes confusas, estranhas e omitidas detectadas pela lembrança do sonhador. Estas operações são descritas com detalhes no texto “A interpretação dos sonhos” (FREUD, [1900] 2019).

O material que é expressado no sonho, ou seja, aquele que é lembrado e relatado por seu sonhador, recebe o nome de conteúdo manifesto; como pudemos ver, ele é formado a partir de pensamentos oníricos latentes. Estes pensamentos, apesar de pré-conscientes, em nada se diferenciam dos produtos de nossa atividade psíquica consciente; daí a necessidade de serem distorcidos para não serem reconhecidos pela consciência. Podem, inclusive, ter sido conscientes em algum momento da vida desperta. No entanto, ao se ligarem ao desejo inconsciente durante o adormecimento, sofrem uma espécie de rebaixamento à condição de conteúdo inconsciente e uma conseqüente sujeição às leis que regem o inconsciente. O conteúdo manifesto, declara Garcia-Roza (1985, p.65), “é uma transcrição dos pensamentos oníricos latentes cuja sintaxe é dada pelo inconsciente”.

Na condensação, o material latente passa por uma espécie de abreviação que resulta em um conteúdo manifesto “menor”, com elementos omitidos ou condensados em uma única expressão manifesta.

O deslocamento, por sua vez, pode derivar da substituição de um elemento latente por um manifesto que aluda à sua origem, ou do destaque dado a um elemento sem importância, como uma maneira de desviar o foco do que realmente importa ao sonho. Nas palavras de Freud ([1900] 2019, p.42): “ao contrário da vigília, que lembra apenas o mais significativo, o sonho considera digno de ser lembrado também o mais irrelevante e mais inexpressivo”.

A transformação dos pensamentos latentes em conteúdo manifesto recebe o nome de elaboração onírica, enquanto o trabalho inverso, de interpretação, visa a decifrar o conteúdo latente a partir do manifesto. Interpretar o relato de um sonho corresponde a percorrer um trajeto regressivo da primeira tópica freudiana, partindo da expressão consciente para chegar a suas origens inconscientes. A elaboração onírica, por sua vez, percorre um caminho progressivo. O caráter regressivo e deformador dos sonhos é fundamental para o entendimento das expressões contraditórias do sujeito, como veremos adiante.

Outros dois mecanismos agem no trabalho onírico. Na figuração ou consideração à figurabilidade, certos pensamentos latentes são convertidos em imagens. Não todos, pois alguns conservam seu estado original. No mecanismo da elaboração secundária, por sua vez, o sonho tem sua aparência absurda modificada

até parecer uma narrativa mais inteligível e com coerência, similar a um pensamento diurno:

Há sonhos que a uma observação superficial se apresentam como perfeitamente lógicos e corretos; partem de uma situação possível, desenvolvem-na através de mudanças isentas de contradição e, ainda que raramente, levam-na a uma conclusão que não causa estranheza. [...] Analisando-os, nos convencemos de que neles a elaboração secundária do sonho tratou o material com o máximo de liberdade e preservou o mínimo de suas relações. (FREUD, [1900] 2019, pp.538-539).

Freud referia-se aos sonhos que causavam uma impressão de coerência. Entretanto, é fato que muito do absurdismo é mantido enquanto se sonha: pessoas que não se conhecem coabitam uma mesma narrativa, passado e futuro são vividos no mesmo plano, contradições em livre circulação, o sim e o não simultâneos. O sonho é este “outro mundo” para o qual o adormecido ingenuamente pensa ter sido transportado (FREUD, [1900] 2019, p. 29). Ao retomarmos a primeira tópica freudiana e o fluxo progressivo do aparelho psíquico, fica claro que o sonho manifesto é um fenômeno regressivo, **o que justifica sua expressão confusa e contraditória, forjada em um território psíquico com lógica própria.**

Curiosamente, é no seio do absurdo e da estranheza do sonho que o sentido é revelado, conforme afirmação inaugural de Freud em “A interpretação dos sonhos”:

Demonstrarei nas páginas seguintes que há uma técnica psicológica que permite interpretar os sonhos e que, aplicando-se esse procedimento, cada sonho se revela como uma formação psíquica dotada de sentido, que pode ser inserida num ponto identificável da atividade psíquica da vigília. (FREUD, [1900] 2019, p.24).

Para apreender os sentidos na interpretação, Freud ([1900] 2019) aponta que é preciso que os elementos recordados, e não a totalidade do sonho, sejam examinados. Sobre os recortes trazidos incide o convite do psicanalista para que o sonhador faça associações. Esta diferença é fundamental: na proposta freudiana, a atribuição de sentido é feita integralmente pelo autor dos sonhos, sendo ele o único portador da chave para o deciframento onírico.

Os sonhadores são convidados a trazerem, pela fala, todo e qualquer pensamento que emerja a partir do exame do elemento onírico, mesmo que haja a natural dificuldade em suspender a crítica e a “resistência mais feroz” provocada

pelos pensamentos involuntários (FREUD, [1900] 2019, p.134). É importante ressaltar que a interpretação é movimento incessante e nunca chega a um esgotamento de sentido, posto que a formação do sonho decorre de vários fatores, desde reminiscências do dia a desejos infantis.

Como podemos ver, a natureza absurda dos sonhos antes de serem interpretados é oriunda de uma estrutura. **A linguagem onírica operada pela censura implica em modificações inclusive nas relações lógicas presentes nos pensamentos oníricos** – entendidos como um complexo de pensamentos e lembranças tão estruturado como são nossos pensamentos despertos. O sonho, por não possuir meios de representação para as relações lógicas, abdica das conjunções que conferem lógica aos pensamentos oníricos: “se”, “porque”, “como”, “embora” ou “então” não constam da produção do sonhador. O trabalho do sonho revira e rearranja estes pensamentos oníricos, ficando, na maioria das vezes, apenas com o caráter substantivo deles.

À interpretação cabe a tarefa de “restaurar os laços destruídos pelo trabalho do sonho” (FREUD, [1900] 2019, p.354), ou seja, reestruturar as ligações por meio dos suportes lógicos oferecidos pelas conjunções descritas acima.

É por isso que, no sonho, o que é reproduzido é o conteúdo “seco” dos pensamentos oníricos, e não as relações entre eles. Daí a contradição ser ignorada no plano onírico – ou é uma contradição ao sonho, ou é vinda do conteúdo de um dos pensamentos oníricos; ou seja, reconhecida apenas porque houve interpretação. Neste sentido fica clara a dimensão imprescindível da escuta: de um lado, o sonhador narra uma série de eventos contraditórios entre si; do outro, ao ser escutado, ele tece relações entre o que foi sonhado, importando ferramentas lógicas de modo a depurar um sentido do relato.

Ainda em “A interpretação dos sonhos”, Freud compara a especificidade da linguagem do sonho com a pintura que antes procurava palavras para se expressar, mas acabou se resolvendo com o próprio material, a imagem. Alguns sonhos ignoram completamente a estrutura lógica de seu material, ou procuram indicá-la por meio (1) da junção dos fragmentos de pensamentos oníricos em um material só, como uma mesma situação ou evento (relação de simultaneidade); ou (2) da representação de relações causais por meio de um sonho preliminar e um sonho principal cujos conteúdos se conectam.

Os sonhos também não conseguem expressar a alternativa “ou... ou”, frequentemente considerando os dois termos igualmente válidos. A conjunção “ou... ou” é introduzida nos pensamentos oníricos só após a interpretação, como Freud demonstra no sonho da injeção de Irma, um dos relatos oníricos investigados em “A interpretação dos sonhos”:

Seus pensamentos latentes dizem: “Não sou responsável pela persistência das dores de Irma; a culpa está ou em sua recusa de aceitar a solução ou no fato de ela viver em condições sexuais desfavoráveis, que não posso mudar, ou suas dores não são absolutamente de natureza histérica, mas orgânica”. O sonho, porém, realiza todas essas possibilidades, que quase se excluem mutuamente, e não hesita em acrescentar uma quarta solução derivada do desejo onírico. (FREUD, [1900] 2019, p.358).

Nos casos em que o narrador usa “ou... ou” para contar o sonho, a regra para a interpretação é tratarmos como equivalentes as partes alternativas e trocarmos a conjunção por “e”, em uma relação de adição. Segundo Freud, “ou... ou” em geral descreve “um aspecto vago de um elemento do sonho que ainda pode ser esclarecido” ([1900] 2019, p.359). Para exemplificar ele cita um sonho tido na noite anterior ao enterro do pai, em que via, nas salas de espera das estações de trem, uma “placa, cartaz ou aviso impresso” com os dizeres

*Solicita-se que fechem os olhos
ou
Solicita-se que fechem um olho.*
(FREUD, [1900] 2019, pp.359).

A interpretação do relato nos auxilia a entender a operação de adição realizada:

Eu havia escolhido a cerimônia mais simples possível, pois sabia o que o falecido pensava sobre esses eventos. Mas outros membros da família não concordavam com essa simplicidade puritana; afirmavam que sentiriam vergonha antes as pessoas presentes no funeral. Por isso, uma versão do sonho pede que se “fechem os olhos”, isto é, que se seja indulgente. Nesse caso particularmente fácil ver o significado da indistinção caracterizada por “ou... ou”. (FREUD, [1900] 2019, pp.359-360).

Em vez de uma versão sintetizada a partir da escolha entre “ou...ou”, Freud reconhece na interpretação o acréscimo da outra versão possível, cada uma com seu próprio sentido e caminhos diferentes.

Assim como é admissível aos sonhos representar as contradições em uma unidade, também é possível representar um elemento por seu contrário desejado, o que dificulta nossa possibilidade de saber se o tal elemento estava nos pensamentos oníricos originalmente na forma positiva ou negativa. Um novo e minucioso exemplo, a partir do sonho de uma paciente de Freud, se faz necessário:

[...] a mulher que sonha desce por um corrimão segurando um ramo em flor. Como essa imagem a faz lembrar que o anjo segura um ramo de lírios nas imagens da Anunciação da Virgem Maria (ela própria se chama Maria) e que meninas vestidas de branco participam da procissão de Corpus Christi, passando por ruas decoradas com galhos verdes, o ramo florescente do sonho é certamente uma alusão à inocência sexual. Mas esse ramo é densamente coberto de flores vermelhas, cada uma das quais se assemelha a uma camélia. No fim do trajeto, as flores já murcharam bastante; depois há alusões inconfundíveis à menstruação. O mesmo ramo que é levado como um lírio, como que por uma moça inocente, constitui, ao mesmo tempo, uma alusão à Dama das Camélias, que, como sabemos, sempre usava uma camélia branca, mas, durante a menstruação, uma vermelha. **O mesmo ramo de flores** (“as flores da menina”, nas canções da Moleira, de Goethe) **representa a inocência sexual e seu oposto**. O mesmo sonho que expressa a alegria de conseguir passar imaculada pela vida deixa transparecer em alguns trechos (como o da queda das flores) o pensamento oposto, ou seja, de que ela é culpada de ter cometido vários pecados contra a pureza sexual (na infância). (FREUD, [1900] 2019, p.361, grifo meu).

As duas linhas de pensamento apresentadas se contradizem diretamente, utilizando elementos iguais, mas opostos, na representação do sonho.

As análises acima favorecem a afirmação de que um sistema com estas características – ausência de conjunções lógicas, deformação de elementos, inexistência de temporalidade – só pode produzir contradição. É esta mecânica psíquica que faculta ao falante o dizer e o desdizer-se.

Note-se que Freud, ao tratar das deformações necessárias à elaboração onírica – e igualmente registradas no mecanismo do recalque, conforme exposto anteriormente – , suspende a lógica do *ou é isso, ou é aquilo*; ou seja, suspende também o princípio da não-contradição ao indicar uma outra lógica, do *isso e aquilo*. Pares de opostos coexistentes remontam a uma mesma origem.

4.5 Um aparelho com forças contraditórias

Após esta sucinta exposição sobre os sonhos e o trajeto pela captura de seus sentidos, passo agora a outro exemplo do lugar ocupado pela contradição na teoria freudiana. Ao descrever o âmago do sistema *Ics*, que consiste de representantes pulsionais, Freud ([1915b] 2010, p.127) afirma sobre as características de coordenação entre as pulsões – “coexistem sem influência mútua, **não contradizem umas às outras**”.

Quando dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo, e suas metas nos parecem claramente incompatíveis, os dois impulsos não subtraem algo um do outro ou eliminam um ao outro, mas concorrem para a formação de um objetivo intermediário, um compromisso. Nesse sistema não há negação, não há dúvida nem grau de certeza. Tudo isso é trazido apenas pelo trabalho de censura entre *Ics* e *Pcs* (FREUD, [1915b] 2010, p.127).

Em outras palavras, desta especificidade naturalmente conflitante surgem as soluções de compromisso, em função mediadora dos objetivos inconciliáveis das pulsões. Como demonstrado anteriormente, na página 70, Freud tornou a destacar, no *Compêndio de Psicanálise*, as possibilidades contraditórias inerentes às pulsões. Nelas, a contradição, não era uma questão a ser superada, como a lógica aristotélica habitualmente requer.

Uma particularidade como esta só poderia ser encontrada no sistema *Ics*, cujos atributos conferem distinção notável na comparação com os demais sistemas. Se no Consciente podemos nos referir a um evento doloroso pela cronologia de seu acontecimento – como a morte de um ente querido ocorrida há cinco anos e ainda não superada –, no sistema *Ics* este processo é vivido como atemporal, ou seja, sem ordenação temporal, sem alteração pela passagem do tempo e sem relação com os dias e noites presentes na vida do sujeito.

A realidade, demonstra Freud ([1915b] 2010), também não é levada em consideração pelo *Ics*. Neste sistema, os processos estão sujeitos ao princípio de prazer, ou seja, a uma economia regida pela evitação do desprazer e pela busca do prazer.

Em síntese, temos um sistema Ics definido pela atemporalidade, pela substituição da realidade externa pela psíquica, pela ocorrência do processo primário e que ignora a contradição.

Já a ordenação temporal dos conteúdos, a introdução de uma ou várias censuras, a prova da realidade, o princípio da realidade e o estabelecimento de uma possibilidade de comunicação entre os conteúdos das ideias pertencem ao sistema Pcs ([1915b] 2010).

Freud ([1940] 2014, p.53) havia ressaltado que a divisão em três sistemas e estados psíquicos (inconsciente, pré-consciente e consciente) não é “absoluta nem permanente”, o que indica que certos conteúdos inconscientes podem chegar à consciência de forma natural, como nas condições do sonho, em que o enfraquecimento das resistências durante o sono possibilita a irrupção dos conteúdos inconscientes; e também por meio do trabalho analítico – mas não sem encontrar resistências.

A medida de nosso esforço, a partir da qual avaliamos a resistência a tornar-se consciente, varia em magnitude de um caso para outro. O que resulta ser obtido por nosso esforço no tratamento analítico, por exemplo, pode também ocorrer espontaneamente: um conteúdo inconsciente pode transmutar-se em pré-consciente e logo se tornar consciente, como frequentemente ocorre nos estados psicóticos. [...] No sentido contrário, um conteúdo pré-consciente pode tornar-se momentaneamente inacessível, bloqueado pelas resistências, como é o caso de seu esquecimento (desaparecimento) momentâneo, ou ainda um pensamento pré-consciente pode temporariamente retornar ao estado inconsciente, o que parece ser a condição para o chiste (FREUD, [1940] 2014, p.53-55).

A passagem de um estado a outro depende da superação da censura (FREUD, [1915b] 2010). Ao tentar passar para o estado consciente, um ato psíquico pode ser rejeitado pela censura – a que Freud dá o nome de *recalcado* – e, portanto, continuar inconsciente.

Entretanto, quando um ato psíquico passa na “alfândega” da censura, ele chega à segunda fase e participa do sistema Cs. Esta participação, no entanto, não significa que o conteúdo tenha se tornado consciente; mas, sim, que possa tornar-se “objeto da consciência sem maior resistência” (FREUD, [1915b] 2010, p.110), sob determinadas condições. Por esta capacidade de consciência, o sistema Pcs partilha as mesmas propriedades do sistema Cs; o que determina a distinção entre ambos é a possibilidade de uma certa censura na passagem do pré-consciente para o consciente.

Ao admitir esses dois (ou três) sistemas psíquicos, **a psicanálise distanciou-se mais um passo da psicologia descritiva da consciência**, atribuindo-se uma nova colocação de problemas e um novo conteúdo. Até então ela se diferenciava da psicologia sobretudo pela concepção dinâmica dos processos anímicos; agora ela pretende considerar igualmente a topologia da psique, e indicar, acerca de um ato psíquico qualquer, no interior de qual sistema ou entre quais sistemas ele se passa (FREUD, [1915b] 2010, p.110).

Vemos, nas palavras de Freud, que seu modelo de funcionamento psíquico intencionalmente rejeitava as descrições da consciência até então oferecidas pela Psicologia. Outro distanciamento elementar entre a Psicanálise e a Psicologia que ele destaca diz respeito à rejeição de uma anatomia do psiquismo e a uma localização vinculada ao cérebro: a topologia psíquica freudiana se refere a regiões do aparelho psíquico “onde quer que se situem no corpo” ([1915b] 2010, p.112). No texto “A interpretação dos sonhos”, a apresentação da primeira tópica do inconsciente deixa claro que não há qualquer referencial anatômico ([1900] 2019).

Em um exame detalhado sobre as comunicações mantidas entre os sistemas lcs e Pcs, Freud faz uma ressalva quanto a uma contraposição entre ambos. Não se trata de um trabalho psíquico realizado pelo Pcs em oposição ao repouso do lcs, como se este fosse “algo acabado, um órgão rudimentar, um resíduo do desenvolvimento”,

ou supor que a comunicação entre os dois sistemas se restringe ao ato da repressão [*recalque*], em que o Pcs lança ao abismo do lcs tudo o que lhe parece perturbador. O lcs é, isto sim, algo vivo e capaz de desenvolvimento, e mantém bom número de outras relações com o Pcs, entre elas também a de cooperação (FREUD, [1915b] 2010, p.131)

Freud buscava alertar que o lcs se mantinha presente em seus “derivados”, podendo tanto ser suscetível ao Pcs ou mesmo influenciá-lo. Alguns derivados reúnem características de organização e ausência de contradição que os aproximam, em nosso julgamento, das formações do sistema Cs. Nem assim, contudo, são capazes de se tornar conscientes. É o caso das fantasias dos normais e dos neuróticos, reconhecidas como estágios antecedentes da formação dos sonhos e dos sintomas. Mesmo com sua alta organização, tais fantasias permanecem recalçadas, ou seja, inconscientes. Elas conseguem ficar próximas da consciência e assim ficam caso não possuam um investimento intenso. Mas basta ultrapassar um certo grau de investimento para serem rejeitadas.

Foi com a investigação desses derivados que Freud concluiu que havia uma censura não somente na passagem do lcs para o Pcs, mas também entre o Pcs e o Cs.

Para a consciência, a inteira soma dos processos psíquicos aparece como o reino do pré-consciente. Uma parte enorme desse pré-consciente se origina do consciente, tem o caráter dos derivados deste e submete-se a uma censura antes de poder se tornar consciente. Uma outra parte do Pcs é capaz de consciência, sem censura (FREUD, [1915b] 2010, p.133).

Cada progresso para um sistema mais elevado de organização psíquica trazia, portanto, uma nova censura. Diante destes exames, os derivados do lcs sofrem distorções significativas em relação ao inconsciente e ascendem ao consciente como sintomas e formações substitutas. Conservam, porém, muitas características que solicitam o recalque. A primeira das censuras age sobre o lcs; a última, para os derivados do lcs que conseguiram contornar a primeira censura, organizaram-se, cresceram no Pcs mas, ao tentar chegar à consciência, foram reconhecidos como derivados e novamente recalcados, desta vez na fronteira entre Pcs e Cs.

É possível observar a ação da censura na passagem dos processos psíquicos do lcs para o Cs; o mesmo não ocorre na direção contrária, em que permanecem livres os caminhos que levam da percepção para o lcs (FREUD, [1915b]) 2010.

Conforme exposto acima, a censura tem função fundamental na comunicação entre os sistemas elaborados por Freud. Ela corresponde à ação do recalque, cujos efeitos de distorção não são desfeitos com a mera comunicação de que aquele material foi reprimido. Como adverte Freud:

Se comunicamos a um paciente uma ideia que ele reprimiu [*recalcou*] num dado momento e que descobrimos, num primeiro instante isso nada muda em seu estado psíquico. Principalmente, não suprime a repressão [*o recalque*] nem desfaz suas consequências, como talvez se esperasse do fato de que a ideia antes inconsciente haver se tornado consciente (FREUD, [1915b] 2010, p.113).

Comunicar esta ideia em uma sessão tem o efeito oposto, de o analisando novamente rejeitar a ideia reprimida. O que muda é que agora ele tem a ideia em lugares diferentes de seu aparelho psíquico: na lembrança consciente do que ele escutou sobre a ideia, e na memória inconsciente do que foi vivido, em uma forma anterior. O recalque não cai enquanto a ideia consciente não fizer ligação com o

traço de memória inconsciente – “ter ouvido e ter vivido são coisas bem diversas”, orienta Freud ([1915b] 2010, p.114).

Advém daí a importância de as ligações simbólicas serem feitas pelo analisando. Regra fundamental da psicanálise, a associação livre (FREUD, [1913d] 2017) a que o paciente é convidado revela a sintaxe particular do inconsciente e a sobredeterminação dos acontecimentos psíquicos. Não se trata de uma arbitrariedade produzida pelo sistema lcs, como que regido pelo caos e pelo mistério, mas sim uma determinação sistematizada, uma lógica oferecida ao que nos parece caótico pela via da consciência. Como frisa Garcia-Roza:

Quando Freud estabelece como regra fundamental da situação analítica a associação livre, ele não pretende que o “livre” signifique ausência de determinação. Pelo contrário, o valor metodológico da associação livre reside exatamente no fato de que ela nunca é livre. É na medida em que o paciente fica livre do controle consciente (dentro dos limites possíveis), não permitindo que a coerência lógica se imponha ao seu relato, que uma outra determinação se torna acessível: a do inconsciente. A associação livre não tem por objetivo substituir o determinado pelo indeterminado, mas substituir uma determinação por outra. (GARCIA-ROZA, 1985, p.171):

4.6 A segunda tópica do aparelho psíquico

A noção de um aparelho psíquico compreendido em sistemas foi significativamente reformulada por Freud a partir de 1920, tendo sua conceituação formalizada em 1923 com o texto “O eu e o id⁷²”. A complexidade dos seres humanos e os matizes de uma mesma personalidade traziam à tona relações intrincadas dentro de um mesmo sistema e também entre eles. A teoria existente já não comportava o que a fala deixava “cair” de cada sujeito. Uma das descobertas que colocavam a necessidade de uma outra tópica, apontam Laplanche e Pontalis, era

[...] o papel desempenhado pelas diversas identificações na constituição da pessoa e das formações permanentes que depositam no seio dela (ideais, instâncias críticas, imagens de si mesmo). [...] a teoria científica do aparelho psíquico tende a aproximar-se da forma fantástica como o sujeito se concebe e até, talvez, se constrói. (LAPLANCHE, PONTALIS, 2001, p.508).

⁷² Id corresponde à nomenclatura do Isso adotada por alguns tradutores, enquanto Ego refere-se ao Eu e o Superego, ao Supereu.

Sem substituir a primeira tópica, Freud teorizou uma outra configuração do aparelho psíquico, desta vez composto por três instâncias ou províncias psíquicas: Isso, Eu e Supereu.

A mais antiga delas é também o ponto de partida da investigação psicanalítica. É denominada *Isso* e reúne tudo que foi herdado, “trazido com o nascimento” e “constitutivamente estabelecido” ([1940] 2014, p.17), e também os conteúdos recalçados e adquiridos.

Como “polo pulsional da personalidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p.219), o Isso é a parte que engloba as pulsões, oriundas da organização corporal, e que visa à “satisfação de suas necessidades inatas”. Ainda que Freud tenha feito esta afirmação em 1938 ([1940] 2014), no mesmo “Compêndio de Psicanálise” ele faz a ressalva de que as pulsões não se restringem a esta província anímica, devendo ser encontradas em todas as instâncias do inconsciente.

Não é de pouco relevo o fato de que os conflitos sejam inexistentes no Isso, dado que os opostos e as contradições “continuam coexistindo sem se deixar importunar e muitas vezes se acertam por meio da formação de acordos” (FREUD, [1926b] 2017, p.220). É neste sentido – e com máxima importância para meu trabalho – que alguns anos depois Freud ([1933a] 2010) sentencia, durante as “Novas conferências introdutórias à psicanálise”, que as leis do pensamento nada valem para os processos do Isso.

As contradições e oposições só representam conflito para o Eu, que é a instância encarregada de celebrar os pactos doravante necessários.

O *Eu* corresponde à parte do Isso que, sob influência do mundo exterior real, sofreu um desenvolvimento especial. A partir de uma camada limítrofe com o exterior, foi estabelecida uma organização especial, com função mediadora entre o Isso e o mundo exterior ([1940] 2014). É no Eu que se originam os recalques que resultam na exclusão de determinados conteúdos não só da consciência, mas também de “outros modos de vigência e atividade” (FREUD, [1923b] 2011, p.20).

Além de tutelar os movimentos voluntários, o Eu tem a tarefa da autoconservação. Ao perceber os estímulos externos,

[o Eu] armazena as experiências sobre eles (na memória), evita estímulos demasiadamente fortes (através da fuga), enfrenta estímulos moderados (por adaptação) e, finalmente, aprende a modificar o mundo exterior de modo adequado à sua própria conveniência (atividade) (FREUD, [1940] 2014, p.17).

Em relação ao interior, a autoconservação se dá com a administração das exigências das pulsões. O Eu decide se permite a satisfação delas, se a adia para momentos e circunstâncias favoráveis, ou se a reprime. Esta decisão envolve as tensões dos estímulos presentes ou introduzidos no Eu; em geral, a elevação destas tensões é sentida como desprazer (sensação evitada pelo Eu), enquanto sua diminuição é tida como prazerosa. Para Freud ([1940] 2014), a oscilação entre prazer e desprazer decorre do ritmo de mudança nas tensões.

Nos termos da segunda tópica, a divisão que caracteriza o sujeito é especialmente tributária do Isso. Note-se que Freud, no texto “A questão da análise leiga”, deposita no Eu as características que se referem a uma ideia de integração:

O Eu é uma organização caracterizada por um anseio muito curioso por unificação, por síntese; essa característica falta ao Isso, ela está – digamos – desgastada, suas ambições individuais perseguem os seus objetivos, independentes umas das outras e sem consideração mútua. (FREUD, [1926b] 2017, p.221).

Há, ainda, uma terceira província anímica. No período da infância, em que o sujeito tem expressiva dependência de seus pais, forma-se no Eu uma instância especial, o *Supereu*, na qual ocorre um prolongamento da influência parental. Freud faz a ressalva de que esta influência não vem somente da figura dos pais e das exigências do meio social representado por eles, mas também das tradições transmitidas por família, raça e povo. À medida em que o sujeito se desenvolve, contribuições de sucessores e substitutos dos pais, como professores e modelos de ideais da sociedade, são incorporadas ao *Supereu*.

A relação do Eu com o *Supereu* é marcada por uma tentativa de “domesticação” quando este último se contrapõe ao Eu, tornando-se “um terceiro poder de que o Eu deve dar conta” (FREUD, [1940] 2014, p.19). O Eu exerce, portanto, uma espécie de missão diplomática, em que deve conciliar as exigências – por vezes inconciliáveis – do Isso, do *Supereu* e da realidade.

Uma vez apresentados os sistemas e instâncias que compõem a primeira e a segunda tópica do inconsciente, algumas articulações podem ser traçadas, conforme apresentadas por Freud no “Compêndio de Psicanálise” ([1940] 2014). A passagem de um conteúdo inconsciente para a consciência depende das percepções do mundo exterior capturadas por nossos órgãos dos sentidos – um

fenômeno do Eu e sua mais externa camada limítrofe, portanto. Já os processos de pensamento situados no interior do Eu são pré-conscientes, o que rende uma íntima associação entre ambos.

No Isso, o estado predominante é o inconsciente, e Freud atribui a esta província psíquica um caráter originário, como vimos anteriormente: no princípio, tudo era Isso, e uma camada específica dele, o Eu, se desenvolveu a partir de sua posição fronteiriça com o mundo externo. Sob esta contínua influência, determinados conteúdos foram modificados para o estado pré-consciente e conseqüentemente acolhidos pelo Eu. Outros permaneceram imutáveis no Isso, configurando um núcleo de “difícil acesso”. E há também uma outra porção do Isso, caracterizada por conteúdos adquiridos pelo Eu e posteriormente retornados. Trata-se do material recalçado, assim definido:

Ao longo desse desenvolvimento, o jovem e débil Eu deslocou de volta ao estado inconsciente conteúdos já incorporados, abandonou-os e comportou-se de tal maneira perante algumas novas impressões, as quais poderia ter incorporado para si, de modo que essas, tendo sido dele expulsas, não puderam deixar mais que um vestígio no Isso. (FREUD, [1940] 2014, p.61).

Como podemos acompanhar, Freud está interessado em distinguir o que é originalmente constituído no Isso e o que é adquirido durante o desenvolvimento do Eu. Tal constituição é escutada na clínica por meio dos relatos dos analisandos, impregnados de heranças, mas também de aquisições próprias.

Apresentei, neste capítulo, o funcionamento psíquico proposto por Freud e sua exorbitante⁷³ ruptura com o modelo de pensamento que colocava o homem no centro de seus pensamentos, decisões e ações, supostamente no controle de sua própria vida, de seus desejos e dizeres. A divisão constitutiva representa a impossibilidade de unificação – esta que é tão buscada pela racionalidade – ao mesmo tempo em que posiciona as contradições nas definições cruciais do que é ser um sujeito para a psicanálise: nos contradizemos porque temos um inconsciente que fala por (e sobre) nós.

⁷³ No capítulo seguinte trarei mais detalhes, com Milner, do caráter exorbitante da criação freudiana.

5 A CONTRADIÇÃO E A SUBJETIVIDADE

Estava chorando, desesperado, e, ao mesmo tempo, estava extremamente alegre. Logo, estava triste (não alegre) e, ao mesmo tempo, estava alegre. E, por outro lado, via a mim mesmo no sonho.

(Newton da Costa, 1985)

Embora o tema das contradições seja frequentemente evocado nas descrições do aparelho psíquico e da elaboração dos sonhos, a noção de contradição não possui o estatuto de conceito para a Psicanálise.

O termo também não consta dos dicionários que documentam conceitos e vocábulos da Psicanálise, como os de Pierre Kaufmann (1996); de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998); nem do vocabulário publicado por Laplanche e Pontalis (2001).

Sendo a contradição tão cara à Psicanálise já em sua fundação como campo que investiga o humano, busquei a presença nominal do termo ao longo da obra de Freud. Para isso, fiz uma pesquisa dentre as obras traduzidas diretamente do alemão para o português publicadas no Brasil pelas editoras Autêntica e Companhia das Letras.

O acervo consultado compreende os volumes lançados até o momento pela editora Companhia das Letras (livros 2, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19) e pela Autêntica – estes últimos, assim divididos: “Amor, sexualidade e feminilidade”, “Arte, literatura e os artistas”, “As pulsões e seus destinos”, “Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados”, “Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos”, “Fundamentos da clínica psicanalítica”, “Neurose, psicose, perversão”, “O infamiliar” e “Sobre a concepção das afasias”. Por não estar disponível nas coleções acima mencionadas, o texto “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” utilizado é o da edição da L&PM.

Em minha apuração⁷⁴, encontrei menções nominais à contradição em praticamente toda a extensão da obra de Freud, seja nos textos inaugurais da Psicanálise, naqueles que instituem sua metapsicologia, nos grandes casos, nas conferências e publicações que apresentam o campo a outros públicos, nos artigos sobre a técnica, nos comentários sobre arte e nos textos chamados “sociais”⁷⁵.

Dispensei as ocorrências que faziam referência a comentários de Freud sobre contradições encontradas na exposição de uma teoria. Estas demandam superação, uma vez que a produção científica persegue as premissas aristotélicas, conforme exposto na Introdução e no capítulo *A contradição e a verdade* deste trabalho.

Concentrei-me, portanto, nos achados que reportavam a contradição presente na descrição do aparelho e/ou funcionamento psíquico, ou como expressão da divisão do sujeito por meio de uma fala ou atitude. Nestes exemplos, as contradições não necessitam de uma resolução.

No tabela a seguir apresento as passagens em que a contradição é trazida à tona nos textos de Freud, em ordem cronológica. Recortei-as de modo a iluminar sua expressiva ocorrência; para uma apreciação do contexto, a origem do texto integral é identificada na sequência:

Quadro 1 – Tabela de ocorrências da contradição na obra de Freud

Ocorrência	Texto	Ano
À livre atuação desse último fator devia-se atribuir o sem sentido e contraditório dos sonhos. (2016, p.104)	Estudos sobre a histeria - Casos clínicos: Sra. Emmy Von N..., 40 anos	1893-1895
Assim, pois, parecia concluída a análise da sensação olfativa subjetiva; de fato, ela fora um dia objetiva e, para ser exato, intimamente associada a uma vivência, uma pequena cena em que afetos contraditórios haviam se confrontado: o pesar de abandonar as crianças e as ofensas que a impeliam a essa decisão. (2016, p.167)	Estudos sobre a histeria - Casos clínicos: Miss Lucy R., 30 anos	1893-1895
A situação assim criada não pode mais se modificar, pois a contradição que teria exigido a resolução do afeto é anulada pela repressão e conversão. Assim, por um lado	Estudos sobre a histeria - Casos clínicos: Miss Lucy R., 30 anos	1893-1895

⁷⁴ A pesquisa foi realizada com o auxílio da ferramenta de localização de palavras do Google Books. Busquei, livro a livro, os termos “contradição”, “contradições”, “contradiz”, “contradissem”, “contradizer”, “contraditório”, “contraditórios”, “contraditória” e “contraditórias”.

⁷⁵ Concordo com Iannini e Santiago (2020, p.36) quando afirmam que esta repartição atribuída aos textos de Freud se mostra cada vez mais fora de lugar: “[...] cada vez mais é impróprio estabelecer uma linha divisória rígida entre os chamados textos clínicos, metapsicológicos e os textos ‘sociais’. É no interior destes últimos que as formas do mal-estar subjetivo e seus sintomas são escrutinados.”

o mecanismo que produz a histeria corresponde a um ato de hesitação moral; por outro, apresenta-se como um dispositivo de proteção que se acha às ordens do Eu. (2016, p.178)

O momento verdadeiramente traumático é, portanto, aquele em que a contradição se impõe ao Eu e este decide expulsar a ideia contrária. Tal expulsão não a aniquila, apenas a impele para o inconsciente. (2016, p.178)

Estudos sobre a histeria -
Casos clínicos: Miss Lucy
R., 30 anos 1893-1895

Creio poder afirmar, então, que naquela época a doente não estava claramente consciente de sua inclinação pelo cunhado, por mais intensa que fosse, salvo em algumas raras ocasiões e apenas por momentos. Fosse de modo diverso, ela teria tomado consciência da contradição entre essa inclinação e suas ideias morais e teria sentido tormentos psíquicos semelhantes aos que a vi sofrer depois de nossa análise. (2016, pp.237-238)

Estudos sobre a histeria -
Casos clínicos: Elisabeth
Von R. 1893-1895

Durante a reprodução do assim chamado primeiro período, ela acompanhava todos os relatos da doença e da morte do pai, das impressões da convivência com o primeiro cunhado etc., com manifestações de dor, ao passo que, na época em que vivenciara essas impressões, não havia sentido dor nenhuma. Não é essa uma contradição apropriada a reduzir em muito a confiança no valor esclarecedor de tal análise? (2016, p.242)

Estudos sobre a histeria -
Casos clínicos: Elisabeth
Von R. 1893-1895

Acredito poder solucionar a contradição, supondo que as dores – o produto da conversão – não surgiram enquanto a doente vivia as impressões do primeiro período, mas sim posteriormente, ou seja, no segundo período, quando a doente reproduzia essas impressões em seus pensamentos. (2016, pp.242-243)

Estudos sobre a histeria -
Casos clínicos: Elisabeth
Von R. 1893-1895

Stricker (e muitos outros com ele) explica as contradições nas quais o sonho se envolve diante do nosso conhecimento desperto, afirmando que no sonho elas se devem ao esquecimento de fatos ou à perda de relações lógicas entre as representações etc. (2019, p.84)

A interpretação dos
sonhos 1900

De onde provêm algumas das peculiaridades que observamos nos pensamentos oníricos, por exemplo, o fato de eles poderem ser contraditórios? (2019, p.155)

A interpretação dos
sonhos 1900

Essas pessoas com que deparo ao seguir "Irma" não aparecem em carne e osso no sonho; elas se escondem por trás da figura onírica "Irma", que assim é transformada numa imagem genérica, dotada certamente de traços contraditórios. (2019, p.334)

A interpretação dos
sonhos 1900

Provisoriamente, então, dizemos que as relações lógicas entre os pensamentos oníricos não são representadas de forma especial. Quando, por exemplo, ocorre uma contradição no sonho, trata-se ou de uma contradição ao sonho ou de uma contradição vinda do conteúdo de um dos pensamentos oníricos. A contradição no sonho corresponde a uma contradição *entre* os pensamentos

A interpretação dos
sonhos 1900

oníricos apenas por uma mediação bastante indireta. (2019, p.355)

O modo como os sonhos lidam com a categoria da oposição e contradição é bastante notável. Ela é simplesmente ignorada, o “não” parece não existir para os sonhos. Há uma preferência especial por reunir ou representar numa unidade as contradições. (2019, p.360)

A interpretação dos sonhos 1900

O sonho se torna absurdo, portanto, quando o juízo “Isso é um absurdo” aparece nos pensamentos oníricos como um dos elementos do conteúdo, quando a crítica ou o escárnio motivam uma das linhas de pensamento inconscientes do sonhador. O absurdo se transforma, assim, num dos meios pelos quais o trabalho do sonho representa a contradição, como a inversão de uma relação material entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho, como o emprego da sensação de inibição motora. Mas o absurdo do sonho não pode ser traduzido com um simples “não”: antes pretende reproduzir a disposição dos pensamentos oníricos de, ao mesmo tempo, rir ou zombar com a contradição. É com essa única intenção que o trabalho do sonho produz algo risível. (2019, pp.479-480)

A interpretação dos sonhos 1900

E agora os laços associativos entre os elementos contraditórios dos pensamentos oníricos são estreitados pelo fato casual de a pequena filha do meu amigo ter o mesmo nome da minha pequena colega de infância, que tem a minha idade e é a irmã do meu mais velho amigo e adversário. (2019, p.535)

A interpretação dos sonhos 1900

Há sonhos que a uma observação superficial se apresentam como perfeitamente lógicos e corretos; partem de uma situação possível, desenvolvem-na através de mudanças isentas de contradição e, ainda que raramente, levam-na a uma conclusão que não causa estranheza. [...] Analisando-os, nos convencemos de que neles a elaboração secundária do sonho tratou o material com o máximo de liberdade e preservou o mínimo de suas relações. (2019, pp.538-539)

A interpretação dos sonhos 1900

Talvez seja oportuno tratar da mesma questão também na forma de uma investigação de como o sonho se comporta quando lhe é oferecido, nos pensamentos oníricos, um material que contradiz totalmente uma realização de desejo, ou seja, preocupações justificadas, reflexões dolorosas, percepções incômodas. (2019, p.608)

A interpretação dos sonhos 1900

Não é raro, para a observação tosca, que esse traço essencial da histeria seja ocultado pelo segundo fator constitucional nela presente, pelo forte desenvolvimento do instinto sexual; mas a análise psicológica pode sempre revelá-lo e solucionar o contraditório enigma da histeria, assinalando o par de opostos constituído por enorme necessidade sexual e exacerbada rejeição da sexualidade. (2016, p.62)

Três ensaios sobre a teoria da sexualidade 1905

Depois, quando a menina se tornou mulher e, em total

Análise fragmentária de 1905

- contradição com as exigências de sua infância, acha-se casada com um homem sem consideração, que reprime sua vontade, aproveita-se impiedosamente de sua capacidade de trabalho e não lhe dedica afeição nem lhe cobre nenhuma despesa, então a doença se torna a sua única arma para afirmar-se na vida. (2016, p.221) uma histeria – “O caso Dora”
- Isto só podia ser entendido sexualmente, ou seja: o pai era, como homem, sem recursos, impotente. Depois que Dora confirmou essa interpretação a partir do conhecimento consciente, apontei-lhe a contradição em que ela caía, quando, por um lado, insistia em que a relação do pai com a sra. K. era um caso amoroso comum e, por outro lado, dizia que o pai era impotente, ou seja, incapaz de manter esse relacionamento. Sua resposta mostrou que ela não precisava reconhecer a contradição. Ela bem sabia, disse, que há mais de uma forma de satisfação sexual. (2016, p.225) Análise fragmentária de uma histeria – “O caso Dora” 1905
- Não está muito longe desse exemplo um pequeno grupo a que se poderia chamar chistes de exagero. Neles, o “sim” – que seria apropriado na redução – é substituído por um “não” que, no entanto, tem, devido a seu conteúdo, o mesmo valor de um “sim” ainda mais forte; e assim também no caso inverso. A contradição entra no lugar de uma confirmação exagerada. (2017, p.104) O chiste e sua relação com o inconsciente 1905
- Vimos desde então que, quando a aparência de lógica está presente na fachada de uma história, o pensamento estaria querendo dizer, com seriedade, que o homem tem razão, mas, devido à contradição por ele encontrada, não se arrisca a lhe dar razão a não ser num ponto em que é fácil demonstrar que ele não tem razão. (2017, p.156) O chiste e sua relação com o inconsciente 1905
- Essa contradição que perpassa as condições do cômico – ora o muito, ora o pouco parecem ser a fonte do prazer cômico – não contribuiu pouco para embaralhar o problema (2017, p.177) O chiste e sua relação com o inconsciente 1905
- No desenvolvimento das religiões antigas acreditamos perceber que muitas coisas a que o ser humano renunciara como “sacrilégios” foram cedidas ao deus e ainda eram permitidas em seu nome, de modo que a cessão à divindade era o meio de o ser humano livrar-se do domínio de instintos maus, socialmente danosos. Provavelmente não é um acaso, portanto, que todas peculiaridades humanas — com os crimes delas derivados — fossem atribuídas aos deuses antigos em grau ilimitado, nem é uma contradição que não fosse permitido justificar os próprios sacrilégios mediante o exemplo divino. (2015, p.313) Atos obsessivos e práticas religiosas 1907
- A simultaneidade desses atos contraditórios torna pouco inteligível a situação – representada bem plasticamente no ataque, aliás – e, portanto, serve muito bem para ocultar a fantasia inconsciente atuante. (2015, p.348) As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade 1908
- HANS: A calcinha amarela eu já tinha visto quando ela comprou. (Contradição! Ele a viu pela primeira vez quando minha mulher a comprou.) (2015, p.183) Análise da fobia de um garoto de cinco anos – “O pequeno Hans” 1909

<p>Essa contradição evidente é aquela entre fantasia e realidade — desejar e ter. Ele sabe que na realidade é uma criança, e outras crianças apenas o atrapalhariam; na fantasia ele é mãe, e necessita de filhos com os quais possa repetir as experiências ternas que viveu. (2015, p.225)</p>	<p>Análise da fobia de um garoto de cinco anos – “O pequeno Hans”</p>	<p>1909</p>
<p>Hans também ama profundamente o pai, por quem nutre esses desejos de morte, e, enquanto sua inteligência põe reparos à contradição, ele não pode deixar de provar a existência dela, batendo no pai e, logo em seguida, beijando o lugar acertado. Também nós não devemos nos escandalizar com essa contradição; é desses pares de opostos que se compõe a vida emocional do ser humano; e talvez não chegasse a haver repressão e neurose, se assim não fosse. (2015, p.246)</p>	<p>Análise da fobia de um garoto de cinco anos – “O pequeno Hans”</p>	<p>1909</p>
<p>Não me surpreenderei se a compreensão dos leitores falhar neste ponto, pois também a exposição detalhada que o paciente me fez dos eventos exteriores e de suas reações a eles tinha contradições internas e soava irremediavelmente confusa. Apenas na terceira narração pude levá-lo a compreender essas obscuridades, revelando os equívocos de memória e os deslocamentos em que ele havia incorrido. (2013, p.29)</p>	<p>Observações sobre um caso de neurose obsessiva – “O homem dos ratos”</p>	<p>1909</p>
<p>Resolvia a contradição [entre o que pensava e suas obsessões] dizendo a si mesmo: “Que sabe você da vida no além? Que sabem os outros? Não se pode saber nada realmente, você não está arriscando nada, então faça isto”. Esse homem, de intelecto normalmente agudo, acha este raciocínio impecável e, assim, utiliza a incerteza da razão nesse ponto em favor da superada concepção religiosa do mundo. (2013, p.29)</p>	<p>Observações sobre um caso de neurose obsessiva – “O homem dos ratos”</p>	<p>1909</p>
<p>Além das virtudes que as lajes dos sepulcros costumam atribuir a todos, distinguia-se por um animado senso de humor e uma bondosa indulgência com os semelhantes. Não contradiz essa característica, antes a complementa, o fato de que podia ser brusco e veemente, algo que, quando as crianças ainda eram novas e traquinas, ocasionalmente as fazia tomarem duras reprimendas. (2013, p.62)</p>	<p>Observações sobre um caso de neurose obsessiva – “O homem dos ratos”</p>	<p>1909</p>
<p>Ele parecia compreender que a supersticiosidade dependia de seu pensamento obsessivo, embora às vezes se entregasse inteiramente a ela. Uma conduta assim contraditória e oscilante pode ser entendida mais facilmente à luz de uma determinada hipótese explicativa. (2013, p.91)</p>	<p>Observações sobre um caso de neurose obsessiva – “O homem dos ratos”</p>	<p>1909</p>
<p>Os conflitos de sentimento que apresentamos separadamente não independem uns dos outros, são unidos em pares. O ódio tinha que ligar-se à afeição ao pai, e vice-versa. Mas as duas correntes de conflito que resultam dessa simplificação, a oposição entre o pai e a amada e a contradição de amor e ódio em cada relação, nada têm a ver entre si, seja no conteúdo ou na gênese. O primeiro dos dois conflitos corresponde à hesitação</p>	<p>Observações sobre um caso de neurose obsessiva – “O homem dos ratos”</p>	<p>1909</p>

normal entre homem e mulher como objeto da escolha amorosa, que inicialmente é sugerida à criança com a famosa pergunta: “Você gosta mais de quem, do papai ou da mamãe?”, e que vem a acompanhá-la por toda a vida, não obstante as diferenças na formação das intensidades afetivas e na fixação das metas sexuais definitivas. Mas normalmente essa oposição logo perde o caráter de contradição aguda, de um inexorável “ou isso ou aquilo”: cria-se espaço para as reivindicações desiguais de ambas as partes, apesar de também no indivíduo normal a valorização de um sexo implicar sempre a desvalorização do outro. (2013, p.100)

<p>A presunção da consciência, que tanto menospreza o sonho, por exemplo, é um dos mais fortes dispositivos protetores de que todos somos dotados para impedir a irrupção dos complexos inconscientes, e por isso é tão difícil vencer as pessoas da realidade do inconsciente e lhes dar a conhecer algo novo, que contradiz seu saber consciente. (2013, p.263)</p>	Cinco lições de Psicanálise	1910
<p>O caráter do homem Leonardo mostrou ainda muitos outros traços inabituais e contradições aparentes. (2015, p.76)</p>	Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci	1910
<p>Após examinarmos essa parte do desenvolvimento psíquico, não podemos achar contraditório e incompreensível que a condição de libertinagem da amada derive diretamente do complexo materno. (2018, p.129)</p>	Contribuições para a psicologia da vida amorosa: sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens	1910
<p>A prova da existência de significações primordiais contraditórias – facilmente estabelecida para a língua egípcia – estende-se também, segundo Abel, às línguas semíticas e indo-europeias. (2016, p.64)</p>	Sobre o sentido antitético das palavras primitivas	1910
<p>A atitude de nosso doente em relação a Deus é tão singular e cheia de contradições, que é preciso haver muita confiança para se manter a expectativa de achar “método” nessa “loucura”. (2010, p.29)</p>	O caso Schreber	1911
<p>Não deixa de ser notável que as principais formas conhecidas da paranoia possam, todas elas, ser apresentadas como contradições à frase: “Eu (um homem) amo ele (um homem)”, e que, de fato, esgotem todas as formulações possíveis da contradição. (2010, p.83)</p>	O caso Schreber	1911
<p>A afirmação “Eu amo ele (um homem)” é contrariada pelo a) Delírio de perseguição, pois este proclama: “Eu não o amo – eu o odeio.” Essa contradição, que no inconsciente não poderia ter outra expressão, não pode tornar-se consciente dessa forma no paranoico. [...] b) Outro elemento a que se recorre para a contradição é a erotomania, que sem essa concepção permanece ininteligível. “Eu não o amo – eu amo a ela.” [...] Nessa forma de paranoia a proposição intermediária, “Eu amo ela”, pode também tornar-se consciente, porque sua contradição à primeira frase não é frontal, não é tão</p>	O caso Schreber	1911

insuportável como aquela entre amar e odiar.

[...]

c) Ainda um terceiro modo possível de contradição seria o delírio ciumento, de que podemos estudar formas características no homem e na mulher. [...] “Não sou eu que amo um homem – ela o ama” e desconfia da mulher em relação a todos os homens que esteve inclinado a amar. (2010, pp.84-85)

Seria de crer que uma frase composta de três termos, como “Eu o amo” permitisse somente três espécies de contradição. O delírio de ciúmes contradiz o sujeito, o delírio de perseguição contradiz o verbo, a erotomania, o objeto. No entanto, é realmente possível uma quarta espécie de contradição, a rejeição completa de toda a frase:

“Eu não amo absolutamente, não amo ninguém”, e essa frase parece psicologicamente equivalente à seguinte, já que em algum lugar é preciso pôr sua libido: “Eu amo apenas a mim”. Tal espécie de contradição nos proporciona o delírio de grandeza, que podemos apreender como uma superestimação sexual do próprio Eu e, assim, pôr ao lado da conhecida superestimação do objeto amoroso. (2010, pp.86-87)

E então, é chegado o tempo de voltarmos à interpretação do motivo pressuposto na escolha entre as três irmãs. Com profundo desconforto, perceberemos o quanto as situações consideradas se tornam incompreensíveis, quando nelas inserirmos a interpretação encontrada e quais contradições relativas ao seu conteúdo aparente dela resultam. (2015, p.177)

A terceira das irmãs deve ser a deusa da morte, a própria morte, e no julgamento de Páris ela é a deusa da vida, no conto de Apuleio, por fim, uma dessas incomparáveis belezas, no Mercador, a mais bela e mais inteligente mulher, no Lear a pudica filha fiel. Uma contradição pode ser pensada no seu todo? (2015, p.177)

Entretanto, contradições de um certo tipo, substituições por meio de opostos completamente contraditórios não causam à interpretação analítica nenhuma dificuldade séria. Não vamos aqui nos reportar ao fato de que antagonismos nos modos de expressão do inconsciente são representados, como nos sonhos, de maneira muito frequente, por meio de um único elemento apropriado. (2015, p.177)

Parece contraditório que indivíduos de tamanho poder necessitem ser cuidadosamente protegidos que os ameacem, mas essa não é a única contradição que vem a aflorar no tratamento dos reis entre os povos selvagens. (2010, pp.77-78)

Tendo uma visão geral dos laços dos homens primitivos com seus governantes, abrigamos a expectativa de que não nos será difícil passar da descrição à compreensão psicanalítica deles. Esses vínculos são de natureza complicada e não isentos de contradições. Concedem-se

O caso Schreber

1911

O motivo da escolha dos cofrinhos

1913

O motivo da escolha dos cofrinhos

1913

O motivo da escolha dos cofrinhos

1913

Totem e tabu

1912-1913

Totem e tabu

1912-1913

aos governantes grandes prerrogativas, que praticamente correspondem aos tabus impostos aos demais. São pessoas privilegiadas; podem fazer ou fruir o que o tabu contestação aos demais. Em contraste com essa liberdade porem, são limitadas por outros tabus, que não oprime os indivíduos comuns. Eis aqui, portanto, uma primeira oposição, quase contradição, entre uma maior liberdade e uma maior limitação para as mesmas pessoas. (2010, pp.83-84)

São-lhes atribuídos extraordinários poderes mágicos e, por isso, teme-se o contato com elas ou seus bens, enquanto, por outro lado, espera-se o mais benéfico efeito de tais contatos. Aqui parece haver uma segunda contradição, bem flagrante, mas já vimos que é só aparente. O contato realizado pelo rei, com benévola intenção, tem efeito salvador e protetor; perigoso é apenas o contato provocado pelo homem comum, provavelmente porque pode lembrar tendências agressivas. (2010, p.84)	Totem e tabu	1912-1913
E uma outra contradição, não tão fácil de solucionar, está em atribuir ao governante tamanho domínio sobre os eventos da natureza e, no entanto, achar-se obrigado a protegê-lo cuidadosamente dos perigos que o ameaçam, como se seu próprio poder, que é tão grande, não fosse capaz disso. (2010, p.84)	Totem e tabu	1912-1913
É natural explicar da seguinte forma a relação complicada e contraditória entre os homens primitivos e seus governantes. Por motivos supersticiosos ou de outra natureza, expressam-se no tratamento dos reis tendências variadas, cada uma das quais é desenvolvida ao extremo, sem consideração pelas demais. Isso dá origem às contradições, ante as quais o intelecto dos selvagens não se escandaliza mais que o dos altamente civilizados, em matéria de religião ou de "lealdade". (2010, p.85)	Totem e tabu	1912-1913
Os detalhes de semelhante fobia sistemática tiram sua real motivação de determinantes ocultos, que não precisam ter algo a ver com a inibição no andar, e por isso tal fobia assume configurações tão variadas e contraditórias em pessoas diversas. (2010, p.152)	Totem e tabu	1912-1913
A psicanálise nos revelou que o animal totêmico é de fato o sucedâneo do pai, e com isso harmoniza-se a contradição de que normalmente é proibido matá-lo, mas o assassinio torna-se ocasião de festa, de que o animal é morto e, no entanto, pranteado. (2010, p.215)	Totem e tabu	1912-1913
Para achar verossímeis estas consequências, fazendo abstração de suas premissas, basta supor que o bando de irmãos rebeldes era dominado, em relação ao pai, pelos mesmos sentimentos contraditórios que podemos discernir no conteúdo do complexo paterno de nossas crianças e nossos neuróticos. (2010, p.218)	Totem e tabu	1912-1913
Notamos que também o indivíduo normal é mais frequentemente movido por tendências contraditórias do	O interesse da psicanálise	1913

que esperávamos. (2010, p.334)

A psicanálise ensina, portanto, que todo sonho tem sentido, que sua estranheza vem de deformações efetuadas na expressão de seu sentido, que seu caráter absurdo é intencional e exprime desdém, ironia e contradição, que sua incoerência não afeta sua interpretação. (2010, p.336)

O interesse da psicanálise 1913

Não é raro acontecer de, durante o trabalho da análise, o paciente acrescentar à comunicação de um fato lembrado por ele a seguinte observação: “mas eu já lhe contei isso”, quando o próprio analista acredita estar certo de nunca ter ouvido dele esse relato. Se externamos essa contradição ao paciente, muitas vezes ele vai energicamente assegurar ter certeza disso, que pode até jurar, etc.; na mesma medida, no entanto, fortalece-se a própria convicção do analista sobre a novidade do que foi escutado. (2017, p.183)

Sobre *fausse reconnaissance* (“*déjà raconté*”) durante o trabalho analítico 1914

“Na leitura de ‘Lembranças da infância de Leonardo’, as afirmações feitas na p.29 até 31 me conduziram a uma contradição interna. Sua observação de que o menino é dominado pelo interesse de seu próprio genital despertou em mim uma contraobservação do tipo: ‘Se essa é uma regra geral, então, de qualquer forma, eu sou uma exceção’. Li, então, as próximas páginas com o maior assombro, aquele assombro que se apodera de nós quando tomamos conhecimento de um fato inteiramente novo. Em meio ao meu assombro me vem uma lembrança que me ensina – para a minha própria surpresa – que aquele fato não poderia ser tão novo.” (2017, p.188)

Sobre *fausse reconnaissance* (“*déjà raconté*”) durante o trabalho analítico 1914

Quando consegui ter em mãos esse escrito de 46 páginas, fiz sua leitura com sentimentos contraditórios. Foi uma oportunidade de mais uma vez constatar, em minha própria pessoa, como indignos motivos infantis influem em nosso trabalho a serviço de uma grande causa. Lamentei que Lloyd houvesse antecipado muita coisa que eu apreciava como resultado de meu próprio esforço, e apenas num segundo estágio pude me alegrar pela confirmação inesperada. (2017, p.406)

O Moisés de Michelangelo 1914

A psicanálise chama de “ambivalente” essa predisposição para atitudes contraditórias; e não tem dificuldade em apontar a fonte de tal ambivalência emocional. (2017, p.420)

Sobre a psicologia do colegial 1914

Vamos resumir: ausência de contradição, processo primário (mobilidade dos investimentos), atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica são as características que podemos esperar encontrar nos processos do sistema lcs. (2010, p.128)

O inconsciente 1915

O homem primitivo posicionou-se de uma maneira muito notável em relação à morte. Não era nada consistente, mas antes cheia de contradições. Por um lado, ele tomava a morte seriamente, reconhecia-a como cessação [Aufhebung] da vida, e servia-se dela nesse sentido; mas,

Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte 1915

por outro lado, também negava a morte, reduzia-a a nada. Essa contradição foi possível pelo fato de que, em relação à morte do outro, do estranho, do inimigo, ele assumia uma posição radicalmente diferente daquela que assumia em relação à sua própria. (2020, p.121)

- | | | |
|--|--|------|
| A contradição entre tais experiências e o princípio de que as pessoas adoecem por privação (na realização de um desejo) não é insolúvel. A diferença entre uma privação externa e uma interna a supera. (2015, p.235) | Alguns tipos de caráter a partir do trabalho psicanalítico | 1916 |
| Notem, ademais, com que refinamento Pórcia concilia, no final, as duas afirmações contidas no lapso, como ela anula a contradição existente entre elas mas, por fim, dá razão ao lapso:
Mas, sendo minha, é também tua
E, assim, toda tua. (2014, p.51) | Conferências Introdutórias – Primeira parte: Os atos falhos | 1916 |
| É importante que se comece logo a levar em consideração que a vida psíquica é praça e campo de batalha para tendências opostas, ou, expresso em termos não dinâmicos, ela se compõe de contradições e pares de oposições. Comprovar a presença de determinada tendência não significa excluir outra, oposta a ela: há lugar suficiente para ambas. Tudo depende de como essas oposições se posicionam umas em relação às outras, que efeitos decorrem de uma e de outra. (2014, pp.103-104) | Conferências Introdutórias – Primeira parte: Os atos falhos | 1916 |
| Talvez a vida psíquica tenha lugar também para tendências contrárias, para contradições que existem lado a lado; é mesmo possível que a predominância de um estímulo seja condição para o caráter inconsciente do estímulo contrário. (2014, p.196) | Conferências Introdutórias – Segunda parte: Os sonhos | 1916 |
| Sem ser solicitado a fazê-lo, o sonhador começa em seguida a falar da enfermidade e da morte do pai, assim como de sua relação com ele. O pai sofrera uma longa enfermidade, cujo tratamento havia custado muito dinheiro a ele, o filho. Este, porém, nunca se impacientara nem nutria o desejo de que tudo acabasse logo. O sonhador se gaba de sua genuína piedade judaica em relação ao pai, da rigorosa obediência da lei judaica. Não chama a atenção aí uma contradição nos pensamentos que pertencem ao sonho? Ele havia identificado o dente com o pai. (2014, p.254) | Conferências Introdutórias – Segunda parte: Os sonhos | 1916 |
| Os senhores bem podem imaginar que será necessário realizar ainda um belo trabalho, até que tenhamos conseguido nos situar minimamente em meio a todo esse conjunto contraditório de características próprias e de sintomas. (2014, p.347) | Conferências Introdutórias – Terceira parte: Teoria geral das neuroses | 1917 |
| Se examinarmos as duas situações em maior profundidade, é provável que encontremos a chave para algo mais: para a intenção da ação obsessiva. Seu cerne está, evidentemente, na convocação da criada, a quem a mulher exhibe a mancha, em contradição com aquela afirmação do marido: “Vou sentir vergonha da criada”. | Conferências Introdutórias – Terceira parte: Teoria geral das neuroses | 1917 |

(2014, p.351)

<p>Muitas vezes, a observação é obscurecida pelo fato de a mesma criança, em outras ocasiões, demonstrar também grande ternura para com o pai; mas tais posturas emocionais contraditórias — ou, melhor dizendo, ambivalentes —, que, em um adulto, conduziriam a um conflito, convivem muito bem na criança por um longo período de tempo, assim como, mais tarde, encontram lugar permanente, lado a lado, no inconsciente. (2014, p.442)</p>	<p>Conferências Introdutórias – Terceira parte: Teoria geral das neuroses</p>	<p>1917</p>
<p>Surge assim o sintoma, como derivado bastante desfigurado da realização de desejo inconsciente libidinal, uma ambiguidade engenhosamente escolhida, com dois significados mutuamente contraditórios. (2014, p.478)</p>	<p>Conferências Introdutórias – Terceira parte: Teoria geral das neuroses</p>	<p>1917</p>
<p>Como sabem, a partir da análise dos sintomas tomamos conhecimento das vivências infantis em que a libido se fixou e de que são constituídos os sintomas. Pois a surpresa reside no fato de essas cenas infantis nem sempre se revelarem verdadeiras. Com efeito, na maioria dos casos, elas não são verdadeiras e, aqui ou ali, encontram-se mesmo em direta contradição com a verdade histórica. (2014, p.487)</p>	<p>Conferências Introdutórias – Terceira parte: Teoria geral das neuroses</p>	<p>1917</p>
<p>Estamos, então, na verdade, diante de uma contradição que nos coloca um enigma de difícil solução: segundo a analogia com o luto, tivemos de concluir que ele sofreu uma perda no objeto; a partir de suas afirmações surge uma perda em seu Eu. (2016, p.104)</p>	<p>Luto e melancolia</p>	<p>1917</p>
<p>Então, uma observação, que nem é difícil de fazer, conduz ao esclarecimento da contradição apresentada anteriormente. Se escutamos pacientemente as múltiplas autoacusações do melancólico, não conseguimos no final conter a impressão de que as mais violentas entre elas frequentemente se adequam muito pouco à sua própria pessoa, mas que, com ligeiras modificações podem ser adequadas para outra pessoa que o doente ama, amou ou devia amar. (2016, p.105)</p>	<p>Luto e melancolia</p>	<p>1917</p>
<p>É preciso haver, de um lado, uma intensa fixação ao objeto de amor e, de outro, no entanto, e em contradição com isso, uma mínima resistência do investimento de objeto. Essa contradição parece exigir, de acordo com uma pertinente observação de Otto Rank, que a escolha de objeto tenha sido feita sobre uma base narcísica, de maneira que o investimento de objeto, caso se defronte com dificuldades, possa regredir para o narcisismo. (2016, p.107)</p>	<p>Luto e melancolia</p>	<p>1917</p>
<p>Tudo o que agora será relatado, que não pode ter ocorrido no mesmo tempo e que tem muita contradição de conteúdo, ele joga num só período, aquele “ainda na primeira propriedade”, como diz. (2010, p.24)</p>	<p>História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)</p>	<p>1918</p>
<p>A menos que se suponha que o paciente não só fantasiou inconscientemente esta cena primária, mas também tramou sua mudança de caráter, seu medo dos lobos e</p>	<p>História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)</p>	<p>1918</p>

sua compulsão religiosa, um expediente que estaria em contradição com sua natureza normalmente sóbria e a tradição imediata de sua família. (2010, p.77)

Certamente existe essa contradição, e as duas concepções não se harmonizam em absoluto. A questão é apenas se elas necessitam se harmonizar. Nossa estranheza vem de que sempre nos inclinamos a tratar os processos anímicos inconscientes tal como os conscientes, e a esquecer as diferenças profundas entre os dois sistemas psíquicos. (2010, p.105)

Era por certo uma contradição que, a partir desse momento, pudessem coexistir angústia de castração e identificação com a mulher mediante o intestino, mas era apenas uma contradição lógica, o que não quer dizer muito. Todo o processo é agora característico do modo como o inconsciente trabalha. (2010, pp.106-107)

Como particularidades de sua natureza psíquica, que foram descobertas, mas não muito esclarecidas no tratamento psicanalítico, e por isso não puderam ser diretamente influenciadas, eu reuniria as seguintes: a tenacidade da fixação, já discutida, o extraordinário crescimento do pendor à ambivalência e, como terceiro traço de uma constituição que chamaria de arcaica, a capacidade de manter, um ao lado do outro e em condições de funcionamento, os mais diversos e contraditórios investimentos libidinais. (2010, p.157)

Nesse caso, a fonte do sentimento infamiliar não seria o medo infantil, mas um desejo infantil ou até mesmo meramente uma crença infantil. Isso parece uma contradição; é possível que se trate apenas de uma complicação, que, posteriormente, pode auxiliar nossa compreensão. (2019, p.67)

Eles [os sonhos] antecipavam a cura da inversão pelo tratamento, expressavam sua alegria pelas perspectivas de vida que agora se abriam para ela, confessavam a ânsia pelo amor de um homem e por filhos, e assim podiam ser acolhidos como uma bem-vinda preparação à mudança desejada. A contradição com suas simultâneas manifestações na vigília era muito grande. Ela não me fazia segredo do fato de que pensava em se casar, mas apenas para se livrar da tirania do pai e viver, imperturbada, suas verdadeiras inclinações. (2016, p.180)

Nas massas, as ideias mais opostas podem coexistir e tolerar-se mutuamente, sem que de sua contradição lógica resulte um conflito. Mas esse é o mesmo caso da vida anímica inconsciente do indivíduo, das crianças e dos neuróticos, tal como a Psicanálise demonstrou há muito tempo. (2020, pp.148-149)

Com relação à realização intelectual, mantém-se o fato de que as grandes decisões do trabalho de pensamento, as descobertas de grandes consequências e as resoluções de problema só são possíveis para o indivíduo que trabalha na solidão. Mas até a alma da massa é capaz de

História de uma neurose infantil
("O homem dos lobos")

1918

História de uma neurose infantil
("O homem dos lobos")

1918

História de uma neurose infantil
("O homem dos lobos")

1918

O infamiliar

1919

Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina

1920

Psicologia das massas e análise do Eu

1921

Psicologia das massas e análise do Eu

1921

criações intelectuais geniais, tal como o provam sobretudo a própria linguagem, em seguida a canção popular, o folclore e outros. Além disso, permanece em aberto quanto cada um dos pensadores ou poetas deve aos estímulos da massa na qual vivem, e se eles são mais do que o consumidor de um trabalho anímico do qual os outros fizeram parte simultaneamente. Em vista dessas contradições absolutas, parece que o trabalho da psicologia de massas teria de transcorrer sem resultados. (2020, p.153)

- | | | |
|--|---|-------------|
| <p>McDougall, em seu livro <i>A mente grupal</i> [The Group Mind], que parte da mesma contradição mencionada anteriormente, encontra a solução para ela no fator da organização. No caso mais simples, diz ele, a massa (group) não possui absolutamente nenhuma organização, ou uma organização que nem merece ser nomeada. Ele chama uma massa como essa de multidão (crowd). (p.154)</p> | <p>Psicologia das massas e análise do Eu</p> | <p>1921</p> |
| <p>Trata-se do processo, bem conhecido por nós, da divisão de uma representação, com conteúdo antitético – ambivalente –, em dois opostos nitidamente contrastantes. Mas as contradições na natureza original de Deus são um reflexo da ambivalência que domina a relação do indivíduo com seu pai pessoal. (2016, p.233)</p> | <p>Uma neurose demoníaca no século XVII</p> | <p>1923</p> |
| <p>Essa ênfase no caráter sexual feminino através de seios grandes e pendentes (nunca se encontra uma indicação do genital feminino) pode nos parecer uma notável contradição com a nossa suposição de que o Diabo significaria para o nosso pintor um substituto do pai. (2016, p.237)</p> | <p>Uma neurose demoníaca no século XVII</p> | <p>1923</p> |
| <p>É incomum o fato de alguém assinar duas vezes um pacto com o Diabo, de modo que o primeiro escrito seja substituído pelo segundo, sem, no entanto, perder a própria validade. [...] Rastrear essas contradições nos conduzirá, de maneira inesperada, a uma compreensão mais profunda da história clínica. (2016, p.242)</p> | <p>Uma neurose demoníaca no século XVII</p> | <p>1923</p> |
| <p>No sonho se agitam impulsos ocultos, que se acham em contradição com as crenças éticas e estéticas oficiais, por assim dizer, do indivíduo que sonha. Por isso ele se envergonha desses impulsos, afasta-os durante o dia, recusa-se a saber deles e, se durante a noite não consegue lhes vedar qualquer expressão, obriga-os à deformação onírica, em virtude da qual o conteúdo do sonho aparece confuso e insensato. Chamei de censura onírica o poder psíquico que leva em conta essa contradição interior e deforma os impulsos instintuais primitivos do sonho em prol das exigências convencionais ou daquelas moralmente elevadas. (2011, p.337)</p> | <p>Josef Popper-Lynkeus e a teoria dos sonhos</p> | <p>1923</p> |
| <p>Sabemos como elas [as crianças] reagem às primeiras impressões da falta de pênis. Elas negam essa falta, acreditam realmente ver um membro, atenuam a contradição entre a observação e o preconceito por meio da informação de que ele ainda é pequeno, mas que ainda irá crescer, e depois, lentamente, chegam à</p> | <p>Organização genital infantil</p> | <p>1923</p> |

conclusão afetivamente importante de que ele pelo menos esteve presente e que depois foi removido. (2018, p.240)

Até onde vejo atualmente, os sonhos das neuroses traumáticas são a única exceção real da tendência à satisfação de desejos presente nos sonhos, e os sonhos de castigo, a única exceção aparente. Nesses últimos ocorre o fato notável de que realmente nada que faz parte dos pensamentos oníricos latentes é incluído no conteúdo onírico manifesto; em seu lugar aparece algo muito diferente, que deve ser caracterizado como formação reativa aos pensamentos oníricos, como rejeição e total contradição a eles. (2011, p.313)

Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos 1923

A estranheza ante uma construção onírica desse tipo é atenuada se lembramos como é frequente a deformação onírica a serviço da censura substituir um elemento particular por algo que lhe seja oposto ou contrário em algum sentido. Daí é breve o caminho até a substituição de uma porção característica do conteúdo onírico por algo que a contradiz de forma defensiva, e com mais um passo temos a substituição de todo o conteúdo onírico escandaloso pelo sonho de castigo. (2011, p.314)

Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos 1923

Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. Essa contradição contém seu próprio esclarecimento, se considerarmos que o complexo de castração sempre opera no sentido de seu conteúdo, inibindo e limitando a masculinidade e promovendo a feminilidade em cada caso. (2018, p.269)

Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos 1925

Voltando ao problema do Eu, a aparente contradição entre sua força e a fraqueza ante o Id se deve a que tomamos muito rigidamente as abstrações e ora destacamos um lado, ora o outro, num complicado estado de coisas. A separação entre Eu e Id parece justificada, uma determinada constelação de elementos nos obriga a fazê-la. Por outro lado, o Eu é idêntico ao Id, é apenas uma parte diferenciada deste. Se pensamos nessa parte em contraposição ao todo, ou se realmente ocorreu um divórcio entre os dois, então a fraqueza do Eu fica evidente para nós. No entanto, se ele permanece ligado ao Id, indistinguível deste, então sua força aparece. (2014, p.27)

Inibição, sintoma e angústia 1926

Essa luta defensiva secundária nos mostra duas facetas – de expressão contraditória. De um lado, a natureza do Eu o obriga a fazer algo que temos de ver como tentativa de recuperação ou conciliação. (2014, p.28)

Inibição, sintoma e angústia 1926

Há uma contradição interna no fato de justamente no interesse de preservar a masculinidade (medo da castração) ser impedida a atividade masculina, mas também essa contradição é apenas exacerbada na neurose obsessiva, ela já se encontra na forma normal de eliminação do complexo de Édipo. (2014, p.51)

Inibição, sintoma e angústia 1926

[...] no Isso, não há conflitos; contradições, opostos

A questão da análise leiga 1926

continuam coexistindo sem se deixar importunar e muitas vezes se acertam por meio da formação de acordos. Nesses casos, o Eu sente um conflito que precisa ser decidido, e a decisão consiste no fato de que uma ambição é descartada em benefício da outra. (2017, p.220)

As representações religiosas até aqui resumidas passaram, naturalmente, por um longo desenvolvimento e foram mantidas por diversas culturas em diversas fases. Destaquei uma única dessas fases de desenvolvimento, que corresponde aproximadamente à última configuração que ela assumiu em nossa cultura branca e cristã atual. É fácil perceber que nem todas as partes desse todo se harmonizam igualmente bem entre si, que nem todas as questões urgentes serão respondidas, e que a contradição da experiência cotidiana só poderá ser rechaçada com esforço. (2020, p.251)

O futuro de uma ilusão 1927

Na ideia delirante destacamos como fundamental a contradição com a realidade; a ilusão não precisa ser necessariamente falsa, isto é, ser irrealizável, ou estar em contradição com a realidade. Uma senhorita da pequena burguesia pode, por exemplo, criar para si a ilusão de que um príncipe virá para levá-la consigo para casa. (2020, p.264)

O futuro de uma ilusão 1927

Aquele que já foi levado a aceitar sem críticas todos os absurdos que lhe oferecem as doutrinas religiosas, e até mesmo a ignorar as contradições entre elas, não é preciso que sua fraqueza de pensamento nos surpreenda. Só que não temos nenhum outro meio de dominar a força da nossa natureza pulsional, a não ser a nossa inteligência. Como podemos esperar de pessoas sujeitas ao domínio de proibições de pensar que atinjam o ideal psicológico, o primado da inteligência? (2020, p.283)

O futuro de uma ilusão 1927

Do estudo das neuroses, às quais certamente devemos as indicações mais preciosas para o entendimento do que é normal, resultam relações plenas de contradição. Em uma dessas afecções, a neurose obsessiva, o sentimento de culpa impõe-se, em alto e bom tom, à consciência, ele domina o quadro patológico, bem como a vida do doente, mal deixando que apareça outra coisa a seu lado. (2020, p.391)

O mal-estar na cultura 1930

A segunda contradição era a de que a energia agressiva com a qual pensamos estar equipado o Supereu, de acordo com uma das concepções, simplesmente prolonga a energia punitiva da autoridade externa e a conserva para a vida anímica, enquanto outra concepção estima que seria muito mais a nossa própria agressão, que não alcançou utilização, a que deve ser mobilizada contra essa autoridade inibidora. A primeira doutrina pareceu adaptar-se melhor à história, a segunda, à teoria do sentimento de culpa. (2020, p.395)

O mal-estar na cultura 1930

Mostrava um homem que podia se gabar de nunca haver sonhado uma coisa sem sentido. Seus sonhos podiam ser fantásticos como as fábulas, mas não se achavam em

Meu contato com Josef Popper-Lynkeus 1932

contradição tal com o mundo “desperto” que se pudesse afirmar, decididamente, que eram “impossíveis ou absurdos em si mesmos”. (2010, p.414)

Ele não deseja ter filhos com essa mulher, que ele não considera capaz de criar sensatamente uma criança, e na época do sonho, além disso, havia muito não tinha relações sexuais com ela. O que o faz escrever a mim não é uma dúvida na teoria do sonho, que seria justificada pelo conteúdo onírico manifesto; pois por que a mulher tem filhos no sonho, em total contradição com os desejos dele? (2010, p.167)

Novas conferências
introdutórias à psicanálise 1933

Se os pais exerceram de fato um regime severo, acreditamos ser compreensível que também na criança se desenvolva um Super-eu severo, mas a experiência mostra, contrariando nossa expectativa, que o Super-eu pode adquirir a mesma implacável dureza quando a educação foi branda e bondosa, evitando ao máximo os castigos e ameaças. Retornaremos a essa contradição, quando abordarmos as transformações do instinto durante a formação do Super-eu. (2010, p.200)

Novas conferências
introdutórias à psicanálise 1933

As leis do pensamento lógico não valem para os processos do Id, sobretudo o princípio da contradição não vale. Impulsos opostos existem um ao lado do outro, sem se cancelarem ou se diminuírem; no máximo convergem em formações de compromisso, sob a dominante coação econômica de descarregar energia. (2010, p.215)

Novas conferências
introdutórias à psicanálise 1933

Das características psicológicas da cultura, duas parecem ser as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que começa a dominar a vida pulsional, e a interiorização da inclinação à agressão, com todas as suas consequências vantajosas e perigosas. No entanto, as posturas psíquicas que o processo de cultura nos impõe estão em contradição com a guerra da maneira mais gritante, e é por isso que temos de nos indignar com ela, nós simplesmente não a suportamos mais; e não se trata apenas de uma recusa intelectual e afetiva; para nós, pacifistas, trata-se de uma intolerância constitucional, uma idiosincrasia de alguma forma levada ao extremo. E na verdade parece que as degradações estéticas da guerra não têm um papel menor em nossa revolta do que as suas crueldades. (2020, p.441)

Por que a guerra? 1933

“Penso que poderíamos fazer todos esses protestos serem precedidos por uma determinada introdução que diria o seguinte: ‘Sim, é verdade, eu também não gosto dos judeus. Eles me são, de algum modo, estranhos e antipáticos. Possuem numerosas características desagradáveis e grandes defeitos. Acredito também que a influência que exerceram sobre nós e nossos assuntos foi eminentemente nociva. Sua raça, comparada com a nossa, é evidentemente inferior, todas as suas atividades o confirmam’. E então, poderia se seguir, sem nenhuma contradição, aquilo que realmente contém esses protestos. (2020, pp.445-446)

Comentários sobre o
antisemitismo 1938

Esse modo de tratamento astucioso da realidade, como se poderia dizer, é decisivo para a conduta prática do menino. Ele segue praticando sua masturbação como se ela não pudesse trazer perigo para seu pênis, mas, ao mesmo tempo, desenvolve-se – em completa contradição com sua aparente valentia ou despreocupação – um sintoma comprovando que, afinal, ele reconhece esse perigo. (2014, p.202)	A cisão do eu no processo de defesa	1938
Essa atuação de ambas as pulsões fundamentais – em combinação ou em contradição entre si – produz toda a diversidade dos fenômenos da vida. (2014, pp.25-27)	Compêndio de Psicanálise	1940
As regras decisivas da lógica não têm validade no inconsciente; poderia se dizer que este é o reino do ilógico. Anseios com metas contraditórias coexistem lado a lado no inconsciente sem que se mobilize uma necessidade de acordo entre eles. (2014, p.75)	Compêndio de Psicanálise	1940
Além disso, está danificado em sua organização, cindido em seu interior em decorrência das contínuas invasões do Isso e não produz mais nenhuma síntese ordenada; ele está dilacerado por anseios contraditórios, por conflitos não resolvidos e por dúvidas não esclarecidas. (2014, pp.107-109)	Compêndio de Psicanálise	1940
O que fora omitido ou modificado na redação pôde muito bem ser conservado intacto na tradição. Esta era o complemento e, simultaneamente, a contradição na historiografia. (2018, pp.97-98)	Moisés e o monoteísmo	1939
Que o redentor tivesse e sacrificado sem culpa era uma deformação claramente tendenciosa, que oferecia dificuldades para a compreensão lógica; pois como pode um inocente no assassinato tomar a culpa dos assassinos, deixando-se matar? Na realidade histórica não houve essa contradição. O “redentor” não podia ser outro senão o culpado principal, o líder do bando de irmãos que havia derrotado o pai. (2018, p.122)	Moisés e o monoteísmo	1939

Fonte: Elaborada pela autora com base nos textos de Freud de 1893 a 1939.

5.1 A contradição e a validação da novidade freudiana

Na “Interpretação dos sonhos” (1900), texto que inaugura e inscreve a Psicanálise como um campo do saber orientado pela investigação do que fica à margem, à revelia do sujeito, Freud realça o modo como os sonhos ignoram a categoria da contradição: “há uma preferência especial por reunir ou representar numa unidade as contradições” (FREUD, [1900] 2019, p. 360).

Esta reunião de elementos então incompatíveis não é obra do acaso, mas, sim, de uma sintaxe peculiar. No capítulo em que fundamenta o trabalho do sonho, Freud explica que os pensamentos oníricos essenciais, que consistem no material a partir do qual o “roteiro” do sonho é constituído,

[...] se revelam como um complexo de pensamentos e lembranças de estrutura bastante intrincada, com todas as características das sequências de pensamentos do estado de vigília. Não é raro se tratar de sequências que partem de vários centros, mas que apresentam pontos de contato; *quase sempre uma sequência de pensamentos possui sua contrapartida contrária, vinculada a ela mediante associação por contraste.* (FREUD, [1900] 2019, p.353, grifo meu).

Este ajuntamento de opostos descrito por Freud traz repercussões na representação dos sonhos, de modo que esses pensamentos oníricos não respondem às exigências lógicas que permitem dar coerência às nossas palavras e ações na vigília. Como vimos anteriormente⁷⁶ neste trabalho, justamente por não possuir os meios para representar essas relações lógicas, o sonho não produz objeções, explicações, demonstrações ou condições. Ao sustentar a contrariedade em sua própria composição, estes pensamentos possibilitam que durante nosso sono produzamos narrativas em que ideias contraditórias coexistem harmoniosamente.

Vimos, pelo levantamento identificado pela Tabela 1, que há uma expressiva incidência nominal do tema da contradição nas obras de Freud. Esta noção é utilizada tanto na caracterização do funcionamento próprio do inconsciente e da combinação entre as pulsões, quanto nas observações sobre as relações tecidas no

⁷⁶ Conforme abordado na página 87 desta dissertação.

dia a dia. Para ele, a contradição não representa um problema para a vida psíquica, e destaco aqui alguns textos que tocam este ponto⁷⁷.

No artigo “Linguística e Psicanálise”, o linguista Jean-Claude Milner ([1995] 2010) avalia que, ao afirmar sobre como o inconsciente trata a contradição, Freud não fez uma proposição qualquer, mas sim uma "de caráter exorbitante":

Quando o inconsciente é fundamentalmente definido por Freud como um conjunto de pensamentos, essa proposição torna, com efeito, a excetuar os processos primários de uma lei fundamental do pensamento. Era, pois, urgente estabelecer se acaso não se podia corroborar uma hipótese tão forte por vias independentes. (MILNER, [1995] 2010, p.3).

A afirmação de Milner dá suporte à discussão que desenvolvo aqui sobre a importância da contradição para a Psicanálise. Os pensamentos, que até então não podiam coexistir enquanto contrários segundo o princípio da não contradição, são constitutivamente contraditórios no inconsciente, segundo Freud (1900, 1917). Com isso, ele se posicionou em oposição à lógica clássica. Sendo a empiria tão cara à Psicanálise, uma vez que se apoia nas observações de experiências vividas, foi preciso que Freud fizesse um esforço de validação do inconsciente (MILNER, [1995] 2010), o que significava buscar dados que corroborassem suas hipóteses por vias externas ao consultório, ou seja, que não fossem os casos escutados na prática clínica ou os sonhos relatados pelos pacientes.

Ele encontrou a procurada validação em dados de língua como o lapso, o chiste e o sentido antitético das palavras primitivas, dentre outros. Desta forma, acontecimentos de linguagem externos lhe forneceram o observatório⁷⁸ de que precisava, assim como a ótica e o telescópio sustentaram cientificamente os experimentos da astronomia (MILNER, [1995] 2010).

Dentro deste movimento freudiano, destaco sua descoberta a respeito de contradições internas às palavras e expressões. Ele encontrou o que procurava no trabalho que o filólogo Karl Abel (1837 – 1906) fez sobre o sentido antitético das

⁷⁷ Reforço que algumas ocorrências da contradição foram examinadas nos capítulos anteriores deste trabalho.

⁷⁸ Como descreve Milner ([1995] 2010), a independência local define a chamada instância do observatório: "Consideremos a física: ela se baseia em experimentos [*expériences*]; mas todo experimento é, na realidade, construído, e a construção de todo experimento supõe uma física mínima. Escapa-se à circularidade ao estabelecer independências locais: assim, a astronomia é baseada no telescópio; o telescópio é baseado na ótica – que faz parte da física em geral, mas não depende da astronomia" (p.3).

palavras primitivas. A análise de Freud sobre o texto de Abel resultou na confirmação de que **o princípio da não-contradição nem sempre era válido no pensamento**. Ainda que a Psicanálise não existisse e os sonhos não fossem estudados, os dados de língua podiam mostrar nossos pensamentos povoados pelo “ilógico” e pela simultaneidade dos contrários.

O encontro com a análise de linguagem feita pelo filólogo alemão deu-se em 1909, poucos anos após a publicação do livro sobre a interpretação onírica. À época, Freud buscava funcionamentos que fossem análogos aos do sonho, capazes de “expressar elementos opostos por meio dos mesmos recursos figurativos” ([1910d] 2016, p.60).

A reação de Freud foi de imenso entusiasmo⁷⁹. Ao examinar o sentido antitético de determinadas palavras, ele sabia estar diante de uma espécie de modelo, no campo da linguagem, para o funcionamento inconsciente. A estrutura das palavras primitivas em questão coincidia com aquela que se referia aos sonhos, atos falhos ou chistes.

O estudo de Abel, denominado “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas”, foi publicado como um folheto separado em 1884 e, no ano seguinte, incluído no livro “Ensaio de linguagem” (*Sprachwissenschaftliche Abhandlungen*). O ensaio de Freud tem o mesmo nome do de Abel, mas ao original em alemão foi acrescentado o subtítulo “Resenha de um livro com o mesmo título, de Karl Abel”. Esta informação está presente apenas no texto original, publicado no *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische*⁸⁰.

Não foi de pouco interesse para Freud ler em Abel que algumas línguas antigas, especialmente o egípcio arcaico, possuíam uma quantidade significativa de palavras com dois significados, sendo um exatamente o oposto do outro. Era um fenômeno de significação antitética. Além da peculiar descoberta na linguagem, o fato de o Egito ser um dos mais antigos berços da razão humana intrigava Abel, como podemos ver nos trechos literais trazidos por Freud:

⁷⁹ Conforme relatado por Freud (2016b, p.68) em carta a Ferenczi em 22 de outubro daquele ano: “Uma pequena descoberta dos últimos dias alegrou-me mais do que poderiam os doze artigos do dr. Aschaffenburg. (...) O sr. facilmente adivinhará que aspectos de nossas observações sobre o inconsciente são dessa forma confirmados. Há muito tempo não me sentia tão triunfante.”

⁸⁰ Como informa o editor Gilson Iannini (2016b, p.68) nos comentários sobre o referido texto de Freud.

Como, então, conciliar isso com o fato de os egípcios terem admitido uma linguagem tão singularmente contraditória? [...] que eles atribuíssem aos mais díspares pensamentos o mesmo veículo sonoro e que conseguissem conectar, numa espécie de união indissolúvel, o que reciprocamente se opõe com a máxima intensidade? (ABEL, 1884, p.9 *apud* FREUD, [1910d] 2016, pp.61-62).

A estupefação de Abel prosseguia. No egípcio antigo havia ainda palavras compostas formadas por dois vocábulos de significação oposta, mas cujos significados seguiam apenas um dos membros constitutivos:

Temos, então, nessas palavras compostas, algumas contradições conceituais reunidas deliberadamente [...] apenas para expressar, por meio da palavra composta, o significado de uma de suas partes contraditórias que, isolada, poderia significar a mesma coisa. (ABEL, 1884, p.9 *apud* FREUD, [1910d] 2016, p.62).

A comparação existente entre os elementos opostos que compunham a palavra era a chave decifradora desses fenômenos na língua. Isso acontece porque nossos conceitos surgem a partir de comparações: o forte, por exemplo, precisa do fraco para existir – “se sempre estivesse claro (*hell*), não poderíamos distinguir entre claro e escuro (*dunkel*)”, explica Abel (1884, p.9, *apud* FREUD, 2016b [1910], p.63). É apenas a partir da oposição claro/escuro que se pode criar o conceito e a palavra para a claridade (*Helligkeit*).

A concentração de tamanha oposição em uma mesma palavra apresentava um problema para a comunicação, contudo. Era necessário fazer referência a qual dos significados a palavra correspondia. Abel esclarece que na escrita isso foi possível com o uso de imagens referenciais posicionadas atrás dos caracteres alfabéticos para indicar o sentido. Desta forma,

quando a palavra egípcio *ken* deveria significar “forte”, atrás de seu som escrito alfabeticamente era colocada a imagem de um homem em pé e armado; quando a mesma palavra devia expressar “fraco”, às letras que figuravam o som seguia imagem de um ser humano agachado de maneira largada. (ABEL, 1884, p.9, *apud* FREUD, [1910d] 2016, p.64).

Abel afirma que o sentido antitético era uma característica do egípcio antigo e esta equivocidade desaparecera com o desenvolvimento da língua ao longo do tempo. Além disso, a existência de significações primordiais contraditórias também podia ser provada com as línguas semíticas e indo-europeias.

Certos exemplos demonstram ainda a presença desta estruturação de pensamento em línguas como o inglês, conforme Abel argumenta no ensaio “A origem da linguagem”, de 1885 (*apud* FREUD, [1910d] 2016). Ele chama a atenção para a palavra *without*, que reúne os opostos “com” (*with*) e “sem” (*out*) para significar “sem”. Por se tratar de um vocábulo ainda presente, pode-se considerar que a significação oposta não se restringe ao passado.

Freud finaliza seu ensaio homônimo ao de Abel com a confirmação, a partir da estruturação das palavras mais antigas, da natureza regressiva e primitiva dos pensamentos oníricos. Deixa também uma pista para a compreensão do sujeito:

[...] impõe-se como uma suposição incontestável o fato de que entenderíamos melhor a linguagem do sonho e o traduziríamos com mais facilidade se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem. (FREUD, [1910d] 2016, p.67).

Esta afirmação deixa claro que, apesar de ser descrito como uma resenha, o texto tem autoria de Freud, especialmente quando este fundamenta o funcionamento do inconsciente em laços inseparáveis com a linguagem – tema que Lacan desenvolveria com notável originalidade a partir da década de 50.

Como dito anteriormente, o pai da Psicanálise encontrou mais dados de língua, especialmente externos a este campo de saber, para sustentar o trajeto teórico exposto em 1900, com “A interpretação dos sonhos”, e afirmar novamente, em 1913⁸¹, que a linguagem onírica “é parte de um sistema de expressão bastante arcaico”:

Assim, exemplificando, a negação jamais é especificada na linguagem do sonho. Coisas opostas podem substituir uma à outra no conteúdo do sonho, e serem representadas pelo mesmo elemento. Ou, dito de outra maneira: na linguagem do sonho os conceitos ainda são ambivalentes, reúnem em si sentidos contrários, tal como sucedeu nas mais antigas raízes das línguas históricas, conforme a suposição dos estudiosos da linguagem. (FREUD, [1913b] 2012, p.343).

Esta conceituação de Freud da peculiaridade onírica resumia os mais recentes achados da época. O problema é que, para sustentar a regressão que caracterizava os sonhos, Freud a situou em uma linguagem primitiva; a descoberta que o entusiasmara foi alvo de ressalvas taxativas. A análise freudiana recebeu

⁸¹ A afirmação foi feita no artigo “O interesse da psicanálise”, publicado na revista italiana “Scientia”.

críticas contundentes do linguista Émile Benveniste (1902 – 1976), especialista em indo-europeu, em seu texto “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” ([1959] 1976).

Ao analisar o método psicanalítico e sua relação com a linguagem, Benveniste lança o questionamento sobre qual linguagem está em jogo na psicanálise:

Tudo anuncia aqui o advento de uma técnica que faz da linguagem o seu campo de ação e o instrumento privilegiado da sua eficiência. Surge então uma questão fundamental: qual é essa "linguagem" que age tanto quanto exprime? É idêntica à que se emprega fora da análise? (BENVENISTE, [1959] 1976, p.83).

Para o linguista, a metodologia e as conclusões de Abel ignoram os dados de forma e de sentido das palavras, além de não sujeitar as comparações entre línguas às necessárias correspondências regulares. Este comentário de Benveniste dirige-se a Abel e indiretamente à adesão de Freud ao argumento de “desenvolvimento da linguagem”, ou seja, como se houvesse uma evolução.

Benveniste parece ter reconhecido no tropeço de Freud o desejo de articular o primitivo a algo que seja cronológico, mas isso introduz um problema muito bem apontado. A questão da origem pode ser destacada, ou seja, o primitivo que consta do texto seria impróprio para falar de linguagem, na medida em que, sendo a linguagem um sistema, a visada evolutiva deve ser necessariamente descartada (Saussure, [1916] 2012)⁸², e as articulações da linguagem não são feitas sem uma certa formalização:

A organização semântica da língua não escapa a esse caráter sistemático. Por ser a língua um instrumento de organização do mundo e da sociedade, aplica-se a um mundo considerado como "real" e reflete um mundo "real". Aqui, porém, cada língua é específica e configura o mundo à sua própria maneira. As distinções que cada língua manifesta devem ser relacionadas com a lógica particular que as sustenta e não submetidas de imediato a uma avaliação universal. A esse respeito, as línguas antigas ou arcaicas não são nem mais nem menos singulares do que as que falamos; têm

⁸² Benveniste, como bom estruturalista que foi, não se afasta de Saussure ([1916] 2012), que no capítulo “A Linguística estática e a linguística evolutiva” afirma que a linguagem são duas rotas divergentes, dois caminhos que não se encontram. Do mesmo modo, reconhecer o inconsciente como funcionamento com lógica própria obriga à assunção de um ponto de vista sincrônico, quer dizer, um funcionamento perene e universal. Não é por acaso que Benveniste substitui o primitivo por “línguas arcaicas”.

somente a singularidade que atribuímos aos objetos pouco familiares. (BENVENISTE, [1959] 1976, pp.88-89).

Por este recorte, vemos que Benveniste critica a atribuição, primeiro por Abel, depois por Freud, de uma singularidade às línguas arcaicas.

A apreciação desfavorável de Benveniste sobre os sentidos antitéticos ressaltados por Freud não encerra, porém, uma unanimidade entre os linguistas, conforme esclarece Jorge (2005, p.113). Ele nos remete ao linguista francês Michel Arrivé (1936 – 2017), da Universidade de Paris X-Nanterre, para quem “as línguas são totalmente permeadas pela ambiguidade” (ARRIVÉ, 1999, p.167 *apud* JORGE, 2005, p.114)⁸³.

A ambiguidade no léxico destacada por Arrivé, explica Jorge (2005), pode ser encontrada de duas maneiras: na homonímia, em que o dicionário apresenta diversas entradas diferentes para uma mesma forma lexical; e na polissemia, em que uma mesma entrada no dicionário corresponde a diversos sentidos. Dito de outra forma, na homonímia palavras com origens diferentes convergem foneticamente. Arrivé afirma que há uma prevalência do tratamento homonímico na ambiguidade,

como se fosse mais tranquilizante constatar a coincidência – acidental? aleatória? – de vários significantes correspondendo a significados diferentes do que apresentar a existência de uma pluralidade de significados absolutamente heterogêneos sob um significante único. (ARRIVÉ, 1999, p.170 *apud* JORGE, 2005, p.114).

Arrivé destaca, no excerto acima, a possibilidade de um único significante remeter a significados completamente diferentes.

É ainda Jorge que nos leva a um autor que por certo serviria a Freud, na medida em que a ambiguidade pode também ser fruto da enantiossemia (também conhecida como cabeça de Janus ou *ad'dâd*, da gramática árabe), que corresponde a significantes que apresentam dois conteúdos opostos e mutuamente excludentes

⁸³ ARRIVÉ, M. Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.167 *apud* JORGE, 2005.

(JORGE, 2005, p.114). O interesse por estes significantes entre os árabes data do século 8, como informa Sami-Ali⁸⁴ (1980, p.190 *apud* JORGE, 2005, pp.114-115):

Concretamente, os *ad'dâd* podem significar duas direções opostas de uma ação transitiva (*bâ'a*: vender e comprar) ou intransitiva (*tala'a*: aparecer e desaparecer); ou a coincidência do sujeito e do objeto como consequência de uma ação na qual o agente constitui um com o agido (*wâmeq*: amante e amado). Por outro lado, os *ad'dâd* podem significar o próprio objeto (*sarîm*: manhã e noite), uma qualidade do objeto (*aswad*: branco e negro), relações espaciais (*dûn*: alto e baixo, diante e detrás) ou finalmente relações temporais (*ba'd*: depois e antes). (SAMI-ALI, 1980, p.190 *apud* JORGE, 2005, pp.114-115).

A questão é que, de um ponto de vista sistêmico, esses enunciados não são ambíguos quando inseridos em uma cadeia. Chomsky ([1957] 2015), com sua teoria gerativa, reconhece que a ambiguidade é inerente à linguagem e o trabalho do linguista é produzir a desambiguação desses enunciados para que possa atingir a estrutura particular dos enunciados.

Nosso dia a dia também possui exemplos de significação antitética, afirma Jorge a partir das reflexões de Freud e Arrivé:

[...] em português, por exemplo, fala-se em *fazer miséria* para expressar o triunfo; exclama-se que algo é *bárbaro*, quando se quer expressar admiração; é-se *doente por alguma coisa* pela qual estamos apaixonados. (JORGE, 2005, p.115, grifos do autor).

Bárbaro, como exemplificado por Jorge, remete simultaneamente à barbárie, à selvageria, e também ao que é ótimo, digno de admiração. Cabe à semântica destacar qual sentido irá se sobrepor ao outro.

Se suspendida a problemática do primitivo e da cronologia, pode-se afirmar que a linguística dá plena sustentação à problemática da contradição pelo viés da centralidade da questão da ambiguidade.

Freud mostrou, a partir do inconsciente e dos achados de Abel, que palavras e pensamentos carregam contradições em suas composições. Um vocábulo em especial recebeu a atenção de Freud e lhe inspirou uma bela conceituação do horror na arte e no sujeito.

⁸⁴ SAMI-ALI, Langue arabe et langage mystique: les mots aux sens opposés et le concept d'inconscient. Nouvelle revue de psychanalyse, 23, 1982 *apud* JORGE, 2005.

5.2 O horror das entranhas em “O infamiliar”

Dentro da atualidade dos sentidos antitéticos na linguagem, chama a atenção o fato de que o próprio Freud, em 1919, transformou em conceito psicanalítico – e literário – um vocábulo alemão rotineiro cuja significação passou a coincidir com o seu oposto. Porém, ele nunca associou esta significação antitética à sua investigação sobre a estruturação das palavras primitivas, provavelmente devido ao aspecto não primitivo do termo alemão.

Assumidamente tributário da transcendência humana evocada pela arte de livros e pinturas, Freud recortou da estética um objeto de estudo bastante específico para teorizar sobre aspectos sombrios da humanidade, resultando em seu texto “O infamiliar”⁸⁵.

Ele não havia encontrado na literatura especializada em estética um espaço destacado aos sentimentos repugnantes e perturbadores despertados por algumas criações artísticas. A exceção ocorreu na esfera médico-psicológica, com um ensaio do psiquiatra alemão Ernst Jentsch (1867 – 1919) que, na abordagem do tema, aludia às obras fantásticas do escritor alemão E. T. A. Hoffmann (1776 – 1822).

A Freud interessava o **infamiliar**, um certo sentimento de tintas ambivalentes presente em vivências, situações, pessoas ou coisas, e identificado com maestria no conto *hoffmanniano* “O Homem da Areia”:

O infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo. *Como é possível, sob quais condições, o que é íntimo se tornar infamiliar, aterrorizante, é algo a ser demonstrado na sequência.* (FREUD, [1919] 2019, p.33, grifo meu).

Sabemos, por Freud ([1919] 2019, p.29), que o infamiliar “suscita angústia e horror”. No texto de 1919 ele explica, a partir de alguns casos da clínica, como a

⁸⁵ Adotada pela editora Autêntica, o neologismo “o infamiliar” é a tradução de “*das unheimliche*” oferecida por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares, por sugestão do germanista Romero Freitas. Podemos encontrar este mesmo conceito sob as versões alternativas “o estranho”, “o inquietante” ou “o estranho familiar”, presentes em edições disponíveis no Brasil. Minha opção por infamiliar nesta dissertação remete à oposição visivelmente marcada pelo prefixo in- (assim como, no original, *heimliche* recebe o prefixo *un-*), em alusão à marca estabelecida pelo recalçamento do conteúdo até então conhecido. O conceito freudiano trata da dimensão do irrepresentável, característica explorada pelo termo inventado na tradução, como explicam Tavares e Gilson Iannini (2019, p.9) no texto de apresentação: “O 'infamiliar' não é, nesse sentido, resultado da fidelidade da língua de partida, mas o vir à tona da infidelidade que tornou possível a transposição do hiato entre as línguas. É uma marca visível da impossibilidade da tradução perfeita.”

intimidade, ou seja, da ordem do familiar, se torna infamiliaridade, e faz, no que é de maior interesse para esta pesquisa, a posterior confirmação desta transformação por meio do desenvolvimento da linguagem. Neste ponto, considero importante acompanharmos com literalidade o raciocínio de Freud:

A palavra alemã *unheimlich* (infamiliar) é, claramente, o oposto de *heimlich* (familiar), doméstico, íntimo, e nos aproximamos da conclusão de que algo seria assustador porque não seria conhecido e familiar. Mas, naturalmente, nem tudo o que é novo e que não é familiar é assustador; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que o que é inovador torna-se facilmente assustador e infamiliar; nem tudo o que é novidade é assustador. **Ao novo e ao não familiar se deve, de início, acrescentar algo para torná-lo infamiliar.** ([1919] 2019, p.33, grifo meu).

Na grafia, esses dois vocábulos se opõem pelo prefixo *un-* em alemão, e *in-* no português. Contudo, conforme exposto acima por Freud, o caráter angustiante do infamiliar não vem de uma oposição automática ao que é familiar. É preciso que algo seja somado a esta oposição para que ela denote o horror. Ele empreende, então, uma busca pelos significados no léxico que resulta em uma importante constatação.

No “Dicionário da língua alemã”, de Daniel Sanders, o adjetivo *heimlich* é apresentado, dentre outras significações, como “pertencente à casa, não estranho, familiar, domesticado, conhecido” (SANDERS, 1860, p.729 *apud* FREUD, [1919] 2019, p.37). Por sua vez, o antônimo *unheimlich* é descrito como aquele “que provoca mal-estar, que desperta terrível temor” (SANDERS, 1860, p.729 *apud* FREUD, [1919] 2019, p.43).

Em um determinado momento, o verbete de Sanders remete ao uso que o escritor e jornalista alemão Karl Ferdinand Gutzkow faz do *unheimlich*⁸⁶, e Freud recupera neste autor uma passagem do romance “Os cavaleiros do espírito” em que o *heimlich* coincide com o *unheimlich* em significado, ou seja, **o familiar se torna infamiliar.**

Mas é com a menção do dicionário de Sanders ao filósofo alemão Friedrich Schelling que Freud obtém o elo que faltava para a curiosa transformação semântica do *unheimlich*. Da obra “Filosofia da mitologia” ele extrai que o infamiliar “seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, [1919] 2019, p.45).

⁸⁶ Contexto provido pelos tradutores Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares nas notas sobre o texto “O infamiliar” (2019).

De posse desta reveladora definição, Freud encontra a reiteração no “Dicionário alemão” de Jacob e Wilhelm Grimm, em que o *heimlich* é descrito como oculto, secreto, fantasmagórico.

Em suma, familiar (*heimlich*) é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar (*unheimlich*). Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar. (FREUD, [1919] 2019, pp.47-49).

Nesta coincidência de significados entre os opostos, o íntimo e o doméstico hospedam justamente aquilo que deveria ter ficado desconhecido e oculto. Freud encontrou na particularidade da língua alemã a nomeação para um mal-estar universal, exemplificado em abundância pela arte e pelo cotidiano da clínica.

A busca no território da linguagem empreendida por Freud ao conceituar o *unheimlich* corrobora com sua inicial assertiva sobre um sujeito que jamais se unifica. É a análise que fazem Iannini e Tavares:

O exercício de início visto como lexical, filológico ou filosófico de Freud passa a se mostrar como essencialmente psicanalítico ao apontar para algo no aparente paradoxo veiculado por uma palavra tão usual da língua. Algo que vem confirmar suas hipóteses sobre um testemunho da divisão psíquica. (IANNINI; TAVARES, 2018, p. 17).

5.3 As massas e a contradição

A contradição capturada no discurso individual é igualmente notável em suas aparições no discurso coletivo, o que é esperado mediante a constatação de que a oposição entre psicologia individual e psicologia das massas é inexistente quando consideramos que a primeira “só raramente ela estará em posição de desconsiderar as relações desse indivíduo com os outros” (FREUD, [1921] 2020, p.137). Admitido o apagamento dessas fronteiras, em 1921, com a publicação de “Psicologia das massas e análise do eu”, temos um outro momento de breve, mas explícita menção de Freud à manifestação das contradições.

O texto freudiano parte de uma análise do livro “Psicologia das massas” (1895), de Gustave Le Bon⁸⁷, e traça, à luz da Psicanálise, as relações tecidas e modificações psíquicas no sujeito enquanto constituinte de uma massa, como a renúncia a pulsões extremamente valiosas para a satisfação individual e a intensificação de aspectos mais brutais e destrutivos. Recorto duas caracterizações feitas pelo intelectual francês e resumidas por Freud que demonstram o caráter contraditório inerente também às massas. A primeira delas:

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, **ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade**. Ela respeita a força e só se deixa influenciar moderadamente pela bondade, que, para ela, significa uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é a força, até mesmo a violência. Ela quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre (FREUD, [1921] 2020, p.148, grifo meu).

Na passagem exposta, vê-se que o atributo *força* é veículo de contradição no comportamento das massas, realçada na relação com a autoridade. Passo a outro exemplo nomeado por Le Bon e comentado por Freud:

Nas massas, as ideias mais opostas podem coexistir e tolerar-se mutuamente, sem que de sua contradição lógica resulte um conflito. Mas esse é o mesmo caso da vida anímica inconsciente do indivíduo, das crianças e dos neuróticos, tal como a Psicanálise demonstrou há muito tempo. (FREUD, [1921] 2020, p.148-149).

Como se vê, esta passagem ratifica para Freud, no âmbito da coletividade, suas afirmações acerca de como o inconsciente lida com a contradição e sustenta a coexistência de ideias contrárias. Em comentário ao trecho reproduzido acima, ele demarca a divisão constitutiva realçada nos bebês, uma vez que a integração da personalidade ainda não ocorreu. Ele identifica as atitudes simultaneamente opostas do bebê em direção àqueles que lhe oferecem cuidado. Quando estas entram em conflito, a solução se dá com a troca de objeto pela criança e a transferência de uma das oposições para o substituto.

Na sequência, ao falar dos adultos, Freud toma a neurose como demonstrativa de como uma pulsão recalcada persiste por meio de fantasias, conscientes e inconscientes, que trazem uma oposição à própria tendência dominante da pulsão. Esta contrariedade “materializada” na fantasia é suportada até

⁸⁷ Freud ([1921] 2020) utiliza a segunda edição da tradução feita por Rudolf Eisler, de 1912.

certo ponto, “até que um dia, de repente, geralmente em consequência de uma intensificação do investimento afetivo, instaura-se o conflito entre ela [a fantasia] e o Eu, com todas as suas consequências” (FREUD, [1921] 2020, p.149). Esta parece ser mais uma ocorrência da necessidade de pactos de compromisso entre o Eu e o Isso.

Freud, ao longo de sua obra, demarca em diferentes lugares que a existência de contradições nas massas, assim como aquelas referentes à lógica do inconsciente – e, portanto, do sujeito –, é efeito dos arranjos pulsionais livremente contraditórios e de um funcionamento psíquico que só opera por meio da divisão. Não é de pouco interesse que, ao examinar os aspectos da culpa na neurose obsessiva, ele ([1930] 2020, p.391) atribua às neuroses e ao seu estudo o poder de espelhar nossas “relações plenas de contradição”. Sendo a investigação das neuroses – e do “contraditório enigma da histeria”⁸⁸ – um dos territórios inaugurais da Psicanálise –, não há ousadia em afirmar que este original saber nunca pôde prescindir das contradições inerentes aos seus objetos de estudo.

⁸⁸ É assim que Freud se refere nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” ([1905b] 2016, p.62) ao par de opostos encontrado na histeria, em que “uma enorme necessidade sexual” contradiz a “exacerbada rejeição da sexualidade”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *Fahrenheit 451*, escrito na década de 50, o norte-americano Ray Bradbury ([1953] 2012) imagina uma sociedade futura tão intimidada pelo hábito da leitura que acaba por tornar os livros uma proibição plenamente aceita. Ler ou possuir um livro não só são atividades atribuídas aos loucos e rebeldes, como também passíveis de punição; esta vem pelo fogo ateadado nas bibliotecas por bombeiros, que já não mais detêm a tarefa de apagar incêndios. As casas, que são à prova de combustão, só inflamam se seus residentes insistirem em ler.

O protagonista da trama é Montag, um bombeiro que se deixa fisgar pelo efeito dos livros e então passa a questionar a própria vida. O chefe da corporação, Beatty, percebe um estremeamento da postura de Montag. Em um dos diálogos destinados a reposicionar o subordinado na habitual servidão sem questionamentos, Beatty destaca a “nobreza” do trabalho de queimar livros:

O importante é que você se lembre, Montag, que nós somos os Garotos da Felicidade, a Dupla da Alegria, você e eu e os outros. Nós resistimos à pequena maré daqueles que querem deixar todo o mundo infeliz com teorias e pensamentos contraditórios. (BRADBURY, [1953] 2012, p. 85).

Lemos que Beatty supõe que as contradições, descritas como inspiradoras de infelicidade, emergem dos livros, como se fossem uma externalidade que perturba os leitores e, portanto, deve ser combatida. Ele e os demais bombeiros incendeiam as publicações pensando que, assim, os humanos pensarão de maneira consistente e coerente. Esta é uma lógica completamente inversa à da Psicanálise, pois o sujeito não pode pensar de outro modo, uma vez que tem inconsciente e por ele é regido.

No momento de concluir este trabalho, trouxe o livro *Fahrenheit 451* porque este me lembrou o anseio pela unidade, pela totalidade e pela homogeneidade, em uma tentativa de afastar a opacidade e a inconsistência que testemunhamos no dia a dia. O personagem Beatty retornou para mim como uma representação do desgosto pela heterogeneidade.

Logo se vê que as contradições rompem a unidade e a comodidade pretendidas e instalam a primazia do imprevisível e da divisão. Uma vez diante da

contradição de uma fala, pensamento ou conduta, o encontro que temos é com a complexidade humana.

A partir de questões surgidas na clínica psicanalítica, este trabalho buscou recuperar e teorizar as contradições presentes nos dizeres dentro e fora do consultório, em contraste com a justificável tendência à expulsão ou superação de expressões contraditórias em determinadas esferas sociais, conforme exposto na introdução desta dissertação.

Esse tratamento frequentemente reservado ao que é contraditório remonta à tradição filosófica ocidental e à lógica clássica, em que a contradição aparece como impedimento ao acesso à verdade e ao conhecimento. Se a lógica aristotélica até hoje é perseguida pelos ideais de objetividade necessários a atividades como a produção científica, o jornalismo e a exposição de textos e ideias, uma outra lógica se encarrega de responder ao inesperado das expressões humanas, tributárias de uma constituição subjetiva que não poderia “caber” na racionalidade filosófica clássica. Falamos e agimos de forma contraditória às nossas próprias premissas, em um incessante movimento de nos surpreender com aquilo que é dito ou feito.

Ao propor a hipótese do inconsciente e inaugurar a Psicanálise, Freud estabeleceu, de forma indireta, a possibilidade de a contradição assinalar a verdade do sujeito. É a divisão provocada pelo inconsciente que assegura um campo em que as contradições não são menos legítimas que a coesão e a coerência, posto que remetem ao falante desejos e pensamentos próprios até então desconhecidos.

Desde o fim do século 19 até o ano de sua morte, 1939, Freud perseguiu esquinas marginais e obscuras da subjetividade e registrou uma obra clínica, teórica e metodológica de onde é possível depreender o valor das contradições. Embora não tenham o estatuto de conceito para a Psicanálise, elas desfrutam de expressiva ocorrência ao longo dos livros, ensaios, conferências e notas de rodapé freudianos, como pôde ser constatado na pesquisa apresentada no capítulo *A contradição e a subjetividade*. Com presença recorrente nos textos de 1895 a 1938, a contradição é apresentada como caracterizadora do funcionamento psíquico e das relações entre o Eu e o Isso e o Eu e o outro. Freud aponta, assim, a não coincidência do sujeito com a imagem que ele tem de si.

Como pode um sujeito afirmar algo e o seu contrário com a mesma validade? Não é com a lógica aristotélica que a Psicanálise vai responder aos enigmas da clínica e do dia a dia, mas com uma lógica própria, iniciada por Freud e desenvolvida

posteriormente por Lacan⁸⁹. A organização psíquica em torno do inconsciente proporcionou solo teórico para que se identifique a contradição como uma espontaneidade do sujeito, e não uma produção errática ou externa à sua subjetividade. Inclusive, a familiaridade com o contraditório escutado na clínica aparece em uma afirmação de Freud (2015, p.177) de 1913, no texto “O motivo da escolha dos cofrinhos”: “contradições de um certo tipo, substituições por meio de opostos completamente contraditórios não causam à interpretação analítica nenhuma dificuldade séria”.

Em paralelo, a “ameaça terrífica da contradição e da inconsistência” (GOMES; D’OTTAVIANO, 2017, p.255) sobre a Lógica não desencorajou autores modernos como o filósofo e lógico brasileiro Newton da Costa (1986, 2000, 2008), que operou modificações profundas neste campo, inclusive com a criação de uma lógica paraconsistente, disposta a acomodar a contradição. Na afirmação de Gomes e D’Ottaviano (2017, p.499), “a solução paraconsistente consiste numa alternativa que permite reinterpretar de modo novo e compreensivo porções significativas da experiência humana, seja ela científica, filosófica ou cultural.”

Não é sem motivo que este trabalho destaque o atravessamento de Da Costa pela Psicanálise enquanto ele desenvolvia sua original contribuição científica. Em um trabalho que se pretende rigoroso, embora não exaustivo, elaborado a partir da teoria do inconsciente fundada por Freud e de um recorte histórico no percurso evolutivo da lógica até chegar à paraconsistência, procurei realçar as questões suscitadas pela contradição em diferentes campos.

Houve escuta na Psicanálise e houve recepção na Lógica para as produções que escapavam à linearidade e à unificação. Esta dissertação investiu na tentativa de esclarecimento sobre o valor das contradições, entendendo serem elas incontornáveis na experiência humana. Neste sentido, Ray Bradbury, no tom crítico apresentado em *Fahrenheit 451*, é bastante freudiano ao colocar o problema da contradição como inescapável, em posição contrária ao personagem Beatty e suas ilusões de controle.

⁸⁹ Lacan discute a Lógica e a lógica do inconsciente em vários seminários, como 12, 18 e 19. Remeto os leitores novamente aos trabalhos de Silva (2019), D’Agord (2006) e Checchia (2004) sobre os desenvolvimentos lacanianos em torno da Lógica.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALLOUCH, J. **Letra a Letra**: transcrever, traduzir e transliterar. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1995.
- ALMEIDA, N. E. Os princípios de verdade no Livro IV da Metafísica de Aristóteles. **Princípios**, Natal, v. 15, n. 23, p.5-63, jan-jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/452>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- ANDRADE, L. “Captação” ou “captura”: considerações sobre a relação do sujeito à fala. In: Lier-DeVitto, M. F.; ARANTES, L. (org.). **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**, Vol. 1. São Paulo: Educ, Fapesp, 2006.
- ARANTES, L. **Diagnóstico e Clínica de Linguagem**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- AZEREDO, F. O recalque originário e o desejo do Outro. **Acheronta Revista de Psicoanálisis y Cultura**, Argentina, n.22, dez. 2005. Disponível em: <https://www.acheronta.org/acheronta22/azeredo.htm>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- BARTHES, R. (1982) **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENVENISTE, E. (1959) **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BRADBURY, R. (1953) **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. 2. ed. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2012.
- BUAES, A. G. **Protegido pelas contradições: coletânea de crônicas jornalísticas de Pier Paolo Pasolini (1960 a 1965)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-03022010-173749/pt-br.php>. Acesso em: 6 jan. 2019.
- CESAROTTO, O. A. Psicanálise & Lógica. Entrevista com Newton Costa. **Leitura Flutuante**. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise, São Paulo, v. 6, n. 2, fev. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/20671>. Acesso em: 16 jul. 2019.

CHAVES, E.; TAVARES, P. H. Notas sobre Das Unheimliche. *In*: FREUD, S. **O infamiliar (das unheimliche)**. Tradução de Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHECCHIA, M. A. Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. **Psicologia USP (Impresso)**, São Paulo, v. 15, número 1/2, p. 321-338, 2004.

CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Sergio Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2015.

CIRNE-LIMA, C. R. V. **Sobre a contradição**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CONTRADIÇÃO. *In*: MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/contradi%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

COPI, I. M. **Introdução à lógica**. 2. ed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

D'AGORD, M. A negação lógica e a lógica do sujeito. **Ágora (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 241-258, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2019.

DA COSTA, N. C. A.. On Paraconsistent Set Theory. **Logique et Analyse**, Bélgica, n.115, p. 316-371, 1986. Disponível em: <http://www.logiqueetanalyse.be>. Acesso em: 27 abr. 2020.

DA COSTA, N. C. A.; ABE, J. M. Paraconsistência em informática e inteligência artificial. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 161-174, ago. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 abr. 2020.

DA COSTA, N. C. A. [Orelha do livro]. *In*: MORTARI, C. A. **Introdução à lógica**. São Paulo: Editora Unesp, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

DA COSTA, N. C. A. **Ensaio sobre os fundamentos da lógica**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2008a.

DA COSTA, N. Newton da Costa: paixão e contradição. [Entrevista concedida a] Neldson Marcolin. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 148, jun. 2008b. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/revista/ver-edicao-editorias/?e_id=146. Acesso em: 15 nov. 2019.

DA COSTA, N. C. A.; KRAUSE, D.; ARENHART, J. R. B.; SCHINAIDER, J. Sobre uma fundamentação não reflexiva da mecânica quântica. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 701-104, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11258>. Acesso em 1 out. 2020.

DA COSTA, N. Newton Carneiro Affonso Da Costa: Entrevista. [Entrevista concedida a] Cesar Antonio Serbena. **Revista da Faculdade de Direito** - UFPR, Curitiba, n.55, p.185-204, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/31494>. Acesso em: 14 mar. 2020.

DA COSTA, N. Psicanálise & Lógica: entrevista com Newton C. A. da Costa. [Entrevista concedida a] Oscar Angel Cesarotto e Márcio Peter de Souza. **Leitura Flutuante**. São Paulo, v. 6, n. 2, fev. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/20671>. Acesso em: 16 jul. 2019.

DA COSTA, N. O mestre da contradição. [Entrevista concedida a] Luan Galani. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 fev. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/perfil/o-mestre-da-contradicao-ek4j5rh3dwjksi2kh6j7nhaoe>. Acesso em: 27 abr. 2020.

DE LEMOS, C.T.G. (1982) Sobre aquisição de linguagem: e seu dilema (pecado) original. **Boletim da Abralín**, Campinas, n. 3, p.97-136, 1982. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2018/12/boletim3a.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2019.

DE LEMOS, C. T. G. (1992) Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**: temas fundamentales en psicología y educación, Barcelona, v. 1, n. 1, p.121-135, 1992.

DE LEMOS, C. T. G. (2002) Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p.41-69, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140>. Acesso em: 5 jan. 2019.

DE LEMOS, C. T. G.; LIER-DeVITTO M.F.; ANDRADE L.; SILVEIRA E. Le “saussurisme” en Amérique Latine au XXe siècle. *In*: **Cahiers Ferdinand de Saussure - revue suisse de linguistique générale**. Genève, Librairie Droz, v. 56, 2001.

DIAS, D. H. B. **Lógicas paraconsistentes de um ponto de vista filosófico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11631>. Acesso em: 16 set. 2019.

D’OTTAVIANO, I. M. L.; FEITOSA, H. A. Sobre a história da lógica, a lógica clássica e o surgimento das lógicas não-clássicas. **Página Educacional do Cle**, Campinas, p. 1-34, 2003. Disponível em: <ftp://ftp.cle.unicamp.br/pub/arquivos/educacional/ArtGT.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2020.

DOUMIT, E. Lógica. Em KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 297-315

EFE. Guaidó se contradiz sobre entrega de ajuda humanitária na Venezuela. **Exame**, São Paulo, 12 fev. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/guaido-se-contradiz-sobre-entrega-de-ajuda-humanitaria-na-venezuela>. Acesso: 10 ago. 2019.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FONSECA, S. C. **O afásico na Clínica de Linguagem**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

FONSECA, S. C.; VORCARO, A. O atendimento fonoaudiológico e psicanalítico de um sujeito afásico. *In*: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). **Aquisição, patologia e clínica de linguagem**. São Paulo: Educ, Fapesp.

FOUCAULT, M. (1963) **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, M. (1979) **Microfísica do poder**. 4. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, S. (1891) **Sobre a concepção das afasias**: um estudo crítico. Tradução de Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, S. (1893). Charcot. *In*: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume 3 (1893-1899)**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S.; BREUER, J. (1893-1895) Estudos sobre a histeria. *In*: **Obras Completas, vol. 2 (1893-1895)**. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos. *In*: **Obras Completas, volume 4 (1900)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. (1901) **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FREUD, S. (1905a) Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). *In*: **Obras Completas, volume 6 (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1905b) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Obras Completas, volume 6 (1901-1905)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1905c) O chiste e sua relação com o inconsciente. *In: Obras Completas, vol. 7 (1905)*. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, S. (1907) Atos obsessivos e práticas religiosas. *In: Obras Completas, volume 8 (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. (1908) As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. *In: Obras Completas, volume 8 (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. (1909a) Observações sobre um caso de neurose obsessiva. *In: Obras Completas, volume 9 (1909-1910)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. (1909b) Análise da fobia de um garoto de cinco anos. *In: Obras Completas, volume 8 (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, S. (1910a) Cinco lições de Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 9 (1909-1910)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. (1910b) Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. *In: Obras Completas, volume 9 (1909-1910)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. (1910c) Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. *In: Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1910d) Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. *In: Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1910e) Contribuições para a psicologia da vida amorosa: sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens. *In: Amor, sexualidade, feminilidade*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. (1911) Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O Caso Schreber”). *In: Obras Completas, volume 10 (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1912a) Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 10 (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1912b) Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. *In: Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. (1912-1913) Totem e tabu. *In: Obras Completas, volume 11 (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 448 p.

FREUD, S. (1913a) Princípios básicos da Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 10 (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1913b) O interesse da Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 11 (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1913c) O motivo da escolha dos cofrinhos. *In: Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1913d) Sobre o início do tratamento. *In: Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. (1914a) Introdução ao narcisismo. *In: Obras Completas, volume 12 (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1914b) Contribuição à história do movimento psicanalítico. *In: Obras Completas, volume 11 (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1914c) O Moisés de Michelangelo. *In: Obras Completas, volume 11 (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1914d) Sobre a psicologia do colegial. *In: Obras Completas, volume 11 (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1914e) Sobre fausse reconnaissance (“d’jà raconté”) durante o trabalho analítico. *In: Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. (1915a) A repressão. *In: Obras Completas, volume 12 (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1915b) O inconsciente. *In: Obras Completas, volume 12 (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1915c) **As pulsões e seus destinos**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1915d) Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. *In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. (1916) Alguns tipos de caráter a partir do trabalho psicanalítico. *In: Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FREUD, S. (1916-1917) Conferências introdutórias à Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 13 (1916-1917)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1917) Luto e melancolia. *In: Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1918) História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”). *In: Obras Completas, volume 14 (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1919) **O infamiliar [Das Unheimliche]**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1920a) Além do princípio do prazer. *In: Obras Completas, volume 14 (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1920b) Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. *In: Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1921) Psicologia das massas e análise do Eu. *In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. (1923a) Josef Popper-Lynkeus e a teoria dos sonhos. *In: Obras Completas, volume 16 (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1923b) Observações sobre a teoria e a prática da interpretação dos sonhos. *In: Obras Completas, volume 16 (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1923c) Uma neurose demoníaca no século XVII. *In: Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1923d) Organização genital infantil. *In: Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Autêntica, 2018.

FREUD, S. (1925a) A negação. *In: Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. (1925b) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In: Amor, sexualidade, feminilidade*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREUD, S. (1926a) Inibição, sintoma e angústia. *In: Obras Completas, volume 17 (1926-1929)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1926b) A questão da análise leiga. *In: Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. (1927) O futuro de uma ilusão. *In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. (1930) O mal-estar na cultura. *In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. (1932) Meu contato com Josef Popper-Lynkeus. *In: Obras Completas, volume 18 (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1933a) Novas conferências introdutórias à Psicanálise. *In: Obras Completas, volume 18 (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução de: Paulo César de Souza.

FREUD, S. (1933b) Por que a guerra?. *In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. (1938a) A cisão do eu no processo de defesa. *In: Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FREUD, S. (1938b) Comentários sobre o antissemitismo. *In: Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, S. (1939) Moisés e o monoteísmo. *In: Obras Completas, volume 19 (1937-1939)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. (1940) Compêndio de Psicanálise. *In: Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GARCIA-ROZA, L. A.. **Freud e o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GOMES, E.L.; D'OTTAVIANO, I.M.L. **Para além das Colunas de Hércules, uma história da paraconsistência**: de Heráclito a Newton da Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

IANNINI, G. (2016a) Notas sobre A negação. *In: FREUD, S. Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

IANNINI, G. (2016b) Notas sobre O sentido antitético das palavras primitivas. *In: FREUD, S. Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. O testamento inacabado de Sigmund Freud. *In: FREUD, S. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Apresentação. *In: FREUD, S. As pulsões e seus destinos*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Freud e o infamiliar. *In: FREUD, S. O infamiliar [Das Unheimliche]*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

JAKOBSON, R. (1975) Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In: Linguística e Comunicação*. 24. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Freud, criador da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JUSBRASIL. **Página 1051 da Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da 12ª Região (TRT-12)**. 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/217674278/trt-12-judiciario-14-11-2018-pg-1051?ref=serp>. Acesso: 10 ago. 2019.

JUVENTUDE e alcoolismo: um problema social. UOL EDUCAÇÃO. Banco de redações. Proposta de agosto de 2010. [s. l.] [201-]. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ult4657u760.jhtm>. Acesso em: 6 jan. 2020.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KRAUSE, D. Lógica paraconsistente. **Scientific American Brasil**, São Paulo, nov. 2004, p.70-77. Disponível em: <http://www.nupet.com.br/virtual/LogicaParaconsistenteDecioKrause.pdf>. Acesso em: 1 out. 2020.

KRAUSE, D. Prefácio. *In*: GOMES, E.L.; D'OTTAVIANO, I.M.L. **Para além das Colunas de Hércules, uma história da paraconsistência**: de Heráclito a Newton da Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro.

LACAN, J. (1953-1954) **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. 2. ed. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. (1955-1956) **O seminário, livro 3**: As psicoses. 2. ed. rev. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1988.

LACAN, J. (1956) A coisa freudiana ou sentido do retorno a Freud em psicanálise. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro.

LACAN, J. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro.

LACAN, J. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução de Vera Ribeiro.

LACAN, J. (1964) **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. (1969-1970) **O seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 4 ed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEMOES, M. T. G. de. **A língua que me falta**: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Editora Fapesp, 2002.

LEITE, M. P. S. **Psicanálise lacaniana**: cinco seminários para analistas kleinianos. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LIER-DEVITTO, M.F. **Os monólogos da criança**: delírios da língua. São Paulo: Educ, Fapesp, 1998.

LIER-DeVITTO, M. F. As margens da Linguística: falas patológicas e a história de um desencontro. *In: IX Conferência Internacional de História das Ciências da Linguagem*, São Paulo: Edusp, 2002.

LIER-DeVITTO, M. F. Patologias da linguagem: sub-versão posta em ato. *In: LEITE, N. (org.) Corpolingagem: Gestos e afetos*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
 LIER-DeVITTO, M.F. Falas sintomáticas: fora de tempo, fora de lugar. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 143-150, jan-dez. 2005.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637278>. Acesso em: 5 jan. 2019.

LIER-DeVITTO, M.F. Patologias da linguagem: sobre as “vicissitudes de falas sintomáticas”. *In: LIER-De VITTO, M.F.; ARANTES, L. (org.). Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Educ, Fapesp, 2006.

LIER-DeVITTO, M.F. A escuta para falas de crianças: sobre a relação entre efeitos acessíveis e recortes empíricos. *In: Anais do SILEL*, v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em:

http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg23_artigo_2.pdf. Acesso em: 5 jul. 2019.

LIER-DeVITTO, M.F. O objeto da linguística: um convite à releitura. **Cult: Dossiê Saussure, 100 anos depois**, São Paulo, v. 216, n. 0, p.54-57, 10 set. 2016.

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-objeto-da-linguistica-um-convite-a-releitura>. Acesso em: 14 mai. 2019.

LIER-DeVITTO, M. F.; ANDRADE, L. A abordagem do erro na fala e na escrita: aquisição, alfabetização e clínica. *In: Anais do SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

LIER-DeVITTO, M. F.; ARANTES, L. Sobre os efeitos da fala da criança: da heterogeneidade desses efeitos. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, vol. 33, n. 2, p. 65-72, 1998.

LIER-DeVITTO, M. F.; ARANTES, L. Repetição e diferença na fala da criança: diferença é singularidade?. **Prolíngua**, Campina Grande, v. 10, n. 1, 4 fev. 2016.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27597>. Acesso em: 28 jul. 2020.

ŁUKASIEWICZ, J. Sobre a lei da contradição em Aristóteles. Tradução de Raphael Zillig. *In: ZINGANO, M. (coord.). Sobre a Metafísica de Aristóteles: textos selecionados*. São Paulo: Odysseus, 2005.

MILLER, J-A. Percurso de Lacan: uma introdução. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- MILNER, J. C. (1992) Linguística e Psicanálise. **Revista Estudos Lacanianos**, Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2019.
- MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**: Tomo 1: A-D. 4. ed. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- OMNÈS, R. **Filosofia da ciência contemporânea**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- PRETEL, M. P. O princípio constitucional da vedação do comportamento contraditório. Os pressupostos [...]. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, n. 2140, 11 mai. 2009. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/12801/o-principio-constitucional-da-vedacao-do-comportamento-contraditorio>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ROUDINESCO, E. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- RUSSELL, B. (1945) **História da Filosofia Ocidental**. Livro 1: A filosofia antiga. Tradução de Hugo Langone. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- RUSSELL, B. (1959) **História do Pensamento Ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. Edição especial. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- SAFATLE, V. Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. *In*: FREUD, S. **A negação**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naif, 2014.
- SAUSSURE, F. (1916). **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SHIMABUKURO, Felipe. O inconsciente e a lógica a partir de Freud e Lacan. **Ágora (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 200-208, mai. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982019000200200&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 6 mar. 2020.
- SILVA, M. L. **A conjectura lógica de Jacques Lacan: a lógica como ciência do real**. Tese. (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- SILVA, M. M. Pensar a contradição, a tarefa do presente! **Contradictio**, Curitiba, v. 2, n. 1, p.1-13, 31 dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/contradictio/issue/view/905>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SILVEIRA, E. M. Um certo retorno à linguística pela via da psicanálise. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 83-92, 17 jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637272>. Acesso em: 5 jan. 2019.

TAVARES, P. H. Notas de revisão. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TAXI Driver. Direção de Martin Scorsese. Produção de Julia Phillips e Michael Phillips. Amazon Prime Video, 1976, cor. 113 min. Disponível em: <https://www.primevideo.com>. Acesso em: 4 mar. 2020.

TRISKA, V. H. C.; D'AGORD, M. R. L. As raízes científicas da topologia estrutural de Lacan. **Ágora (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 224-232, ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982018000200224&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 jul. 2020.

UYENO, E. Y. **A dogmatização da teoria: a contradição como negação da falta no discurso do professor de línguas**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269763>. Acesso em: 11 fev. 2019.

VAL, M. G. C. **Redação e Textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.